

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**DAN GABRIEL D'ONOFRE ANDRADE SILVA CORDEIRO**

**HOSPITALIDADE DE FAMÍLIAS RURAIS DA SERRA FLUMINENSE:  
OLHARES DE ANFITRIÕES**

**Porto Alegre**

**2013**

**DAN GABRIEL D'ONOFRE ANDRADE SILVA CORDEIRO**

**HOSPITALIDADE DE FAMÍLIAS RURAIS DA SERRA FLUMINENSE:  
OLHARES DE ANFITRIÕES**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino de Souza

**Série PGDR – Dissertação nº 161**

**Porto Alegre**

**2013**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da  
UFRGS

D'Onofre, Dan Gabriel  
Hospitalidade de famílias rurais na Serra  
Fluminense: olhares de anfitriões / Dan Gabriel  
D'Onofre. -- 2013.  
153 f.

Orientador: Marcelino de Souza.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,  
Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Hospitalidade. 2. Desenvolvimento Rural. 3.  
Turismo. 4. Família Rural. 5. Turismo. I. de Souza,  
Marcelino, orient. II. Título.

DAN GABRIEL D'ONOFRE ANDRADE SILVA CORDEIRO

**HOSPITALIDADE DE FAMÍLIAS RURAIS DA SERRA FLUMINENSE:  
OLHARES DE ANFITRIÕES**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino de Souza

Aprovada em: Porto Alegre, 18 de janeiro de 2013.

---

Profº Dr. Marcelino de Souza – Orientador UFRGS

---

Profª. Dra. Renata Menasche – PGDR – UFRGS

---

Profº Dr. Egon Roque Fröhlich – PGDR – UFRGS

---

Profº. Dr. Luiz Otávio Lima de Camargo – Universidade Anhembi Morumbi/SP

Dedico esse trabalho a todos os impactados pela maior tragédia climática e humana que se sucedeu em janeiro de 2011 na Região Serrana Fluminense.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo que vai além de reconhecer as pessoas que fizeram parte da construção desse trabalho que não durou apenas dois anos. Tudo começou bem antes... Agradeço aos meus antepassados que me proporcionaram o direito de viver e estar presente aqui. Ao meu pai, Sandro, e minha mãe, Lucinara, minha gratidão eterna por me ensinar que a educação é o melhor caminho e por não terem medido esforços para que meu sonho se realizasse. Meu agradecimento a toda família que sempre me apoiou nas horas que eu estive a estudar. Peço desculpas pelos aniversários, reuniões e festas que eu deixei de ir para poder me dedicar aos estudos, apesar de saber que vocês me deram forças.

Agradeço a todos os profissionais de educação que me formaram, mas em especial às mulheres que me ensinaram. Creio que seja fundamental reiterar que as mulheres são as guardiãs do conhecimento de base e que enfrentam diversas dificuldades, principalmente em nosso País que deveria dar o devido valor tanto à educação, como ao papel da mulher na sociedade. Agradeço às professoras do curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, sobretudo às Prof<sup>fa</sup>. Dra. Carla Fraga e Prof<sup>fa</sup>. Dra. Maria Amália, as quais sempre me inspiraram e motivaram seguir a carreira de pesquisador na área de Turismo, bem como a grande amiga Renée Maia, que sempre me ajudou e dividiu os anseios e dificuldades que turismólogos têm na academia. Aproveito também para agradecer aos pesquisadores do Turismo que tem feito um belíssimo trabalho que soerguer esse campo do saber.

Quero agradecer aos meus amigos que souberam compreender minha ausência enquanto estive no Rio Grande do Sul, em especial a Marcela, Nath, Renata, Ju, Carol, Jessy, Gian, Vinícius, Victor, Raphael, Thaís, Kelly, e tantos outros que não me viram eu seus aniversários, eventos e encontros no Rio. Agradeço também a oportunidade de ter conhecido pessoas maravilhosas em Porto Alegre, a toda turma de 2011 do PGDR, em especial a May, Ale, Mari, Ana, Vivi, Ari, Loy e toda a galera do mestrado. Agradeço a Amalita, Gugón, Dani, Doug, Ana Paula, Maria, Mathilde, amigos do doutorado que me ajudaram e que levarei para a vida.

Quero dedicar minha profunda gratidão à Karla Inajara! Sem você as coisas teriam sido muito diferentes. Você esteve ao meu lado nas horas mais felizes e tristes... Por intermédio de você, provei o melhor da hospitalidade gaúcha no Morro da Conceição. Meu agradecimento à Família Amaral Raymundo, em especial na figura de Dona Eliza que me acolheu como um filho que deixou sua mãe há mais de 1.000 km de distância.

Agradeço ao meu orientador, Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelino de Souza, que me ajudou a tocar em frente essa empreitada. Também meu agradecimento a toda equipe de

professores do PGDR, em especial ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Egon Fröhlich que exerceu magistralmente a função de mestre e de amigo. Agradeço a toda equipe de funcionários do PGDR, em especial à Marilene que sempre me ajudou com os processos burocráticos e necessários à obtenção do título de mestre. Agradeço à CAPES por disponibilizar a bolsa permanência, fato que permitiu minha estada no Rio Grande do Sul, embora eu queira dedicar minha profunda gratidão a todos os brasileiros que contribuíram com seus impostos e rendimentos para a formação dessa remuneração.

Agradeço a todas as famílias de Carmo e Nova Friburgo que me proporcionaram as informações que consubstanciaram esse trabalho, bem como à UFRGS que de certa forma permitiu que pudesse apresentar um pouco mais sobre a cultura fluminense.

Vou falar da minha terra, ô ô  
Minha fonte de riqueza  
Vou abrir meu coração  
E a história do meu chão  
vou cantar [...]

Samba Enredo do GRES Acadêmicos do Grande Rio de 2007

De Marcio das Camisas, Professor Elisio, Mariano Araújo e  
Robson Moratelli

A natureza diz a todos os homens: fiz com que todos vocês nascessem fracos ignorantes para vegetar durante alguns minutos sobre a terra e para fertilizá-la com seus cadáveres. Uma vez que são fracos, busquem socorro; já que são ignorantes, esclareçam-se e busquem apoio.

Voltaire

## RESUMO

A hospitalidade é um fenômeno social que se desenvolve através de práticas que envolvem hóspedes e anfitriões. As práticas da hospitalidade são a temática desse trabalho que trabalha como atividades de recepcionar, alimentar, hospedar e entreter são desempenhadas por famílias rurais da Serra Fluminense. A perspectiva abordou a hospitalidade enquanto fenômeno passível de impactos mútuos por diversas dinâmicas sociais, econômicas, culturais, ambientais, históricas, políticas e turísticas. Assim, essa pesquisa teve por objetivo descrever as práticas da hospitalidade; identificar as motivações que levam as famílias rurais envolverem-se com atividades turísticas, bem como suas ações ao desenvolvimento dos diversos domínios da hospitalidade; e verificar o entendimento das famílias rurais em relação ao turismo e à hospitalidade. O recorte espacial para a pesquisa elegeu as áreas rurais de Carmo e Nova Friburgo, municípios da Região Serrana do Rio de Janeiro. Dessa forma, utilizou-se levantamento de dados primários junto às famílias dessas localidades por intermédio de entrevistas em profundidade, com questionários contendo perguntas abertas que foram registradas com gravador de áudio, além de diário de campo e máquina fotográfica para captação de imagens e fatos não orais. Em campo, foi possível realizar 13 entrevistas em Carmo (de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012) e nove em Nova Friburgo (em junho de 2012), todas em suas propriedades. Em algumas dessas entrevistas houve mais de uma pessoa a responder os questionários, visto que a unidade de análise foi a família rural e as práticas de hospitalidade são desenvolvidas por todos os integrantes das famílias. Os resultados revelaram que a hospitalidade revela as práticas culturais que contribuem para a promoção da diversidade cultural fluminense, além de se constituir como uma ferramenta ao desenvolvimento, seja através da oferta de estruturas materiais e imateriais que possibilitam acolher pessoas que fazem parte ou não de seu cotidiano, favorece o exercício de direitos sociais de deslocamento (ir e vir) e lazer tanto dos hóspedes quanto das famílias rurais anfitriãs, os quais na “inversão de papéis” têm acesso ao lazer turístico. Dessa maneira, é possível compreender os papéis da hospitalidade no desenvolvimento, os quais são permeados da cultura de famílias rurais e agem como fator de desenvolvimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade. Desenvolvimento Rural. Turismo. Família Rural. Serra Fluminense.

## ABSTRACT

Hospitality is a social phenomenon that develops through practices involving guests and hosts. The practice of hospitality are the subject of this dissertation, which works as activities to welcome, feed, entertain and host are performed by rural families of Serra Fluminense. The perspective is to approach the phenomenon hospitality while subject to mutual impacts on several dynamic social, economic, cultural, environmental, historical, political and tourist. Thus, this study aimed to describe the practices of hospitality; identify the motivations that lead to rural families become involved with tourism activities and their actions to the development of various fields of hospitality; and to check for understanding of rural households in relation to tourism and hospitality. The spatial area for research chose the rural areas of Carmo and Nova Friburgo, cities in the mountainous region of Rio de Janeiro. Therefore, we used primary data collection with families in these localities through in-depth interviews with questionnaires with open questions that were recorded with an audio recorder, and field journal and camera to capture images and facts not oral. In the field, it was possible to conduct 13 interviews in Carmo (December 2011 to February 2012) and 9 and Nova Friburgo (in June 2012), all in their properties. In some of these interviews there was more than one person to answer the questionnaires, as the unit of analysis is the rural family and hospitality practices are developed by all members of the families. The results revealed that the hospitality reveals the cultural practices that contribute to the cultural diversity of the state, besides being as a development tool, either by offering tangible and intangible structures that enable people who receive part of their daily lives or not, favors the exercise of social rights displacement (go and see) and both the leisure guest as host of rural households, which the "reversal of roles" have access to leisure tourism. Thus, it is possible to understand the roles in the development of hospitality, which are steeped in the culture of rural families and act as a factor of development.

**KEYWORDS:** Hospitality. Tourism. Rural Development. Rural Family, Serra Fluminense.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
<b>Figura 1</b> – Metáfora do trampolim.....	42
<b>Figura 2</b> – Centro Fluminense.....	66
<b>Figura 3</b> – Posição de Nova Friburgo no Centro Fluminense.....	66
<b>Figura 4</b> – Posição de Carmo no Centro Fluminense.....	68
<b>Figura 5</b> – Charretes que circulam pelo espaço rural de Carmo (RJ), 2011.....	86
<b>Figura 6</b> – Thor, cão do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	88
<b>Figura 7</b> – Fazenda Santo Antônio, Carmo (RJ), 2011.....	89
<b>Figura 8</b> – Residência rural recentemente construída, Carmo (RJ), 2012.....	90
<b>Figura 9</b> – Principal estrada de Carmo (RJ) após as chuvas de 09 de janeiro de 2012.....	93
<b>Figura 10</b> – Preparo de angu, feijão, arroz e cozido de carne bovina em fogão à lenha para o almoço, Carmo (RJ), 2012.....	103
<b>Figura 11</b> – Produção agroecológica no Parque Estadual dos Três Picos, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	105
<b>Figura 12</b> – Página eletrônica do Circuito Turístico Tere Fri, 2012.....	116
<b>Figura 13</b> – Quarto coletivo do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	120
<b>Figura 14</b> – Refúgio Canto de Pedra, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	121
<b>Figura 15</b> – Quarto de casal no Pouso dos Paula, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	122
<b>Figura 16</b> - “Sujou, lavou”: regras explícitas no Refúgio Canto de Pedra, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	123
<b>Figura 17</b> – Instituto Fribourg Nova Friburgo, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	126

<b>Figura 18</b> - Queijo Moleson, derivado de leite de vaca, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	127
<b>Figura 19</b> – Forno à lenha do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	128
<b>Figura 20</b> – Restaurante Lua Cheia, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	129
<b>Figura 21</b> – Sala de exposição do Museu do Mel, Nova Friburgo (RJ), 2012.....	131
<b>Figura 22</b> – Mineiro pau em festa junina, Nova Friburgo (RJ), 2010.....	133
<b>Gráfico 1</b> – Produto interno bruto do estado do Rio de Janeiro.....	63
<b>Mapa 1</b> – As regiões de governo fluminense.....	65
<b>Quadro 1</b> – Tempos e espaços da hospitalidade humana por Camargo (2003).....	32
<b>Quadro 2</b> – Categorias de análise da hospitalidade humana por Lashley (2004) e Camargo (2003).....	50
<b>Quadro 3</b> – Panorama regional nos anos de 1913, 1945, 1950 e 1970 dos estados sob atual influência da metrópole fluminense.....	60

## LISTA DE TABELAS

	Página
<b>Tabela 1</b> - Área dos Estabelecimentos (Ha), Número de Estabelecimentos Agropecuários (Unidade) e Pessoal Ocupado (Pessoas) por Grupos de Área Total no estado do Rio de Janeiro, 1996.....	58
<b>Tabela 2</b> - Dados gerais dos municípios fluminenses de Carmo e Nova Friburgo.....	70
<b>Tabela 3</b> - Indicadores do IFDM pormenorizados e com ranking estadual.....	71

## LISTA DE SIGLAS

- CEFET-RJ** – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
- CSED** – Círculo social expandido direto
- CSEI** – Círculo social expandido indireto
- CSPD** – Círculo social próximo direto
- CSPI** – Círculo social próximo indireto
- CTTP** – Circuito Turístico dos Três Picos
- CTTF** – Circuito Turístico Tere Fri
- EMATER – RIO** - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro
- FAETEC** – Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro
- FIFA** – Federação Internacional de Futebol
- FRIALP** – Queijaria Suíça de Nova Friburgo
- IBELGA** – Instituto Bélgica Nova Friburgo
- MTur** – Ministério do Turismo
- OMT** – Organização Mundial do Turismo
- PCR** – Piscina de recursos comuns
- PETP** – Parque Estadual dos Três Picos
- RMRJ** – Região Metropolitana do Rio de Janeiro
- SET** – Secretaria Estadual de Turismo do Rio de Janeiro
- TER** – Turismo no espaço rural
- TR** – Turismo rural

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>19</b>
2.1 A HOSPITALIDADE .....	24
2.2 A CONTRADIÇÃO DA HOSPITALIDADE EM XEQUE: A HOSPITABILIDADE .....	32
2.3 A HOSPITALIDADE E O DESENVOLVIMENTO RURAL .....	36
2.4 HOSPITALIDADE: QUAIS SEUS LUGARES NO DESENVOLVIMENTO? .....	40
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>44</b>
3.1 SERRA ACIMA: O RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA .....	51
3.1.1 <i>Prelúdios da integração da Serra Fluminense à economia global</i> .....	51
3.1.2 <i>A inserção do café e da Serra Fluminense na dinâmica socioeconômica mundial</i> .....	53
3.1.3 <i>Aspectos socioculturais do recorte espacial em questão</i> .....	59
3.1.4 <i>A Serra Fluminense na atualidade</i> .....	63
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>74</b>
4.1 OS CONCEITOS DE TURISMO E HOSPITALIDADE: A VERSÃO DAS FAMÍLIAS RURAIS .....	74
4.2 A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO DA HOSPITALIDADE NA SERRA FLUMINENSE .....	78
4.2.1 <i>A recepção doméstica</i> .....	78
4.2.2 <i>A hospedagem doméstica</i> .....	88
4.2.3 <i>A alimentação doméstica</i> .....	99
4.2.4 <i>O entretenimento doméstico</i> .....	109
4.2.5 <i>A recepção comercial</i> .....	112
4.2.6 <i>A hospedagem comercial</i> .....	118
4.2.7 <i>A alimentação comercial</i> .....	124
4.2.8 <i>O entretenimento comercial</i> .....	130
4.3 O QUE MOTIVA O FENÔMENO DA HOSPITALIDADE? .....	134
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>142</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS</b> .....	<b>149</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>151</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A hospitalidade é tema recente enquanto objeto de estudo na academia. Ela está a ganhar espaço dentro de pesquisas, sobretudo as que trabalham com o turismo ou com a antropologia. Essa dissertação tem a finalidade de dar início ao soerguimento da hospitalidade enquanto componente do desenvolvimento rural. O recorte espacial dessa pesquisa é a Serra Fluminense, berço da agricultura familiar brasileira. Sob outorga do Estado, famílias de imigrantes receberam lotes a partir de 1819 no atual município de Nova Friburgo para prosseguirem com seu processo de reprodução social, baseado na exploração agrícola que visasse abastecer o mercado interno que na época sofria escassez de alimentos para a Corte.

Os atuais estudos sobre hospitalidade tendem a se debruçar sobre o espaço urbano. Panorama semelhante está nos estudos sobre a cultura fluminense. Majoritariamente, os focos das comunicações acerca do grupo humano fluminense são o espaço urbano e seus residentes. Na contramão desse processo, esse trabalho propõe centrar o olhar em realidades do interior fluminense, com destaque aos municípios serranos de Carmo e Nova Friburgo. Sua finalidade é compreender a hospitalidade oferecida por famílias em comunidades rurais da Serra Fluminense. Assim, espera-se encontrar o lugar da hospitalidade dentro do paradigma de desenvolvimento rural, bem como entender o que essas famílias rurais da Região Serrana do Rio de Janeiro compreendem por hospitalidade e suas práticas, a buscar elementos que indiquem os fatores que os motivam ou não a abrirem suas propriedades aos visitantes.

Apesar de a hospitalidade ser um fenômeno social que envolve dois atores sociais (hóspedes e anfitriões), enfoca-se a família rural enquanto unidade de análise para essa obra cujas informações são emitidas pelos componentes que se encontram dispostos a colaborar com a pesquisa. Ao privilegiar o ponto de vista das famílias rurais enquanto anfitriãs valoriza-se a realidade desse grupo humano. Geralmente, os diversos estudos que têm o turismo enquanto temática priorizam a figura do turista e suas demandas, as quais recebem maior atenção e agem como uma força desestabilizadora de diversos empreendimentos que almejam profissionalizar o turismo no espaço rural. Destarte, a presente dissertação se debruça nas questões referentes às impressões e às práticas da hospitalidade desempenhadas pelas famílias rurais da Serra Fluminense.

O Rio de Janeiro apresenta aspectos próprios quanto à pequena produção agrícola quando comparado com as demais unidades da federação; estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades, agropecuária de nicho de mercado com vocação agroecológica e propensão à urbanização e à turistificação (MARAFON; RIBEIRO, 2006; MARAFON; SILVA, 2007). Todavia, no estado do Rio de Janeiro o turismo é uma realidade que está disposta tanto na urbe quanto no rural, sendo uma vicissitude à reprodução social de diversas famílias rurais fluminenses. Sabe-se que o fenômeno turístico no espaço rural emerge dentro do paradigma da multifuncionalidade da agricultura. A atratividade desse local, menos artificializado quando comparado com a urbe, somado ao fato de pessoas disporem de tempo, renda e interesse em estar num ambiente mais natural, fomentam o fluxo de turistas e visitantes para o espaço rural. Esse fenômeno típico das sociedades capitalistas tem recebido certa atenção quanto a sua incidência, a ressaltar a necessidade de planejar a atividade; fomentar políticas públicas para o setor; verificar as modificações nas estruturas social, econômica, cultural e ambiental do espaço rural; além de soerguer a atividade enquanto ferramenta para o desenvolvimento.

Por muito tempo, o desenvolvimento fora demasiadamente atrelado ao crescimento econômico, visão que fora inclusive imputada ao turismo. Enquanto atividade econômica, o turismo possui relevante importância para as contas nacionais, geração de emprego e absorção da força de trabalho, além de acenar como uma atividade de lazer. Conseqüentemente, cria-se a demanda por dados qualitativos sobre a atividade turística, os quais vão revelar as interações humanas entre pessoas que (não) se conhecem. Essa interação possui características específicas, pois o fenômeno turístico assenta-se sobre a relação entre hóspedes e anfitriões; aqueles, longe de sua residência, muitas vezes em momento de lazer, requisitam equipamentos e infraestrutura para a realização de sua viagem; e os últimos, em seu local de residência, em momento de trabalho, a fim de valer-se do turismo como uma alternativa para a manutenção de sua reprodução social.

Evidencia-se assim que os aspectos socioculturais da atividade turística são relegados a uma posição inferior às cifras que gera (BARRETTO, 2003). A acolhida de visitantes no espaço rural, principalmente quanto aos hábitos de hospitalidade, possui caráter marginal dentro da academia. Isso pode ser comprovado na escassez de referências sobre a interação entre hóspedes e anfitriões ali, fato que pode,

inclusive, ser considerado um limitante quanto aos referenciais epistemológicos para a presente pesquisa. Destarte, a presente proposta desse trabalho também consistiu em realizar um diálogo entre turismo, hospitalidade e desenvolvimento rural no espaço serrano do Rio de Janeiro, sob a égide das impressões dos anfitriões.

Recepção, hospedagem, alimentação e entretenimento podem ser considerados os pilares para a prática da hospitalidade. Apesar de a hospitalidade guarnecer a atividade turística, ela não se restringe apenas a essa. A hospitalidade é um fenômeno que extrapola o turismo. Ou seja, a hospitalidade enquanto cessão de recepção, hospedagem, alimentação e entretenimento não é dispensada apenas aos visitantes, visto que é atividade quotizada aos amigos e familiares vizinhos.

Muitas das famílias rurais não vislumbram a atividade turística enquanto vicissitude para sua subsistência, mesmo quando essas famílias recebem visitantes. Ou seja, suas propriedades não compõem a oferta turística comercial da Região Serrana fluminense, todavia não as impede de cumprir uma função turística, haja visto que tais famílias não são isentas de dispensar hospitalidade aos seus próximos, os quais não são vistos como turistas pelo fato de serem seus parentes e amigos. Dessa maneira, essa pesquisa revela diversas nuances em hospitalidade, desde aquela que se concede como dádiva à comercial.

Ao reportar o que as famílias rurais fluminenses pensam sobre o turismo e hospitalidade, dá-se um passo para o reconhecimento da perspectiva do anfitrião no berço do colonato estrangeiro no Brasil. É fundamental compreender o funcionamento da dinâmica sociocultural da localidade para que se possa planejar a convívio entre o turismo, a hospitalidade e a atividade agropecuária de maneira sustentável. Assim, essa pesquisa também traz ao conhecimento da academia as relações sociais que são desempenhadas por anfitriões, atores que são privilegiados aqui, os quais interagem durante a prática social da concessão de recepção, alimentação, hospedagem e entretenimento aos seus hóspedes.

O estudo não se ateve apenas às propriedades que comercializam serviços de hospitalidade, mas também às demais que estão baseadas na produção primária. Dessa forma, tomar ciência sobre a hospitalidade no espaço em questão se presta como uma ferramenta para pensar a ruralidade serrana fluminense pelo viés do ato de receber e acolher. A obra também pretende expor que, apesar de o espaço urbano ser sempre objeto de análise da hospitalidade, o rural possui suas especificidades, tornando-se oportuno revelar como se sucede a hospitalidade ali.

Ao *abrir a porteira*, a família rural descortina seu mundo, compartilha seus hábitos que podem fortalecer sua identidade frente a um mundo que apresenta tendências homogêneas do processo de globalização.

Vale lembrar que, no início de 2011, a Região Serrana fluminense vivenciou a pior tragédia ambiental do País, com cerca de 900 mortos e mais de 300 desaparecidos. Durante as pesquisas no verão de 2012, no distrito de Jamapará, em Sapucaia (RJ), vizinho ao Carmo, 22 pessoas morreram devido aos deslizamentos ocasionados pelas chuvas torrenciais. A saber, o turismo é um dos principais setores econômicos dali, sendo essa pesquisa de cunho qualitativo um dos subsídios para a formulação de políticas públicas, as quais levarão em conta as impressões das famílias rurais que (não) projetam a inserção de atividades turísticas como uma alternativa para a manutenção de seu processo de reprodução social pós-tragédia.

Destarte, teve-se como objetivo geral compreender a hospitalidade oferecida pelas famílias nas comunidades rurais. Como objetivos específicos, elencam-se os seguintes:

- a) descrever as práticas de hospitalidade entre as famílias das comunidades rurais pesquisadas;
- b) identificar as motivações que levam às famílias rurais envolverem-se com atividades turísticas, bem como suas ações ao desenvolvimento dos diversos domínios da hospitalidade; e
- c) verificar o entendimento das famílias rurais em relação ao turismo e à hospitalidade.

Quanto à estrutura, essa dissertação se divide em cinco capítulos, dos quais o primeiro traz a introdução do objeto de pesquisa e da pesquisa realizada. O segundo capítulo é a revisão bibliográfica que contextualiza a hospitalidade, o turismo e o desenvolvimento rural na busca de emergir um viés acadêmico que aborde as temáticas de forma holística. O terceiro capítulo pormenoriza os aspectos metodológicos da pesquisa, a se preocupar em explicitar a abordagem qualitativa, bem como as etapas, métodos e instrumentos de pesquisa e ao recorte espacial da pesquisa. A proposta que subsidia tal foi dialogar os aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e turísticos da Serra Fluminense, a fim de demonstrar como tais instâncias da vida humana se relacionam com as práticas de hospitalidade

desempenhadas pelas famílias rurais da região.

No quarto capítulo, iniciou-se a análise dos dados com a apresentação dos conceitos que as famílias rurais serranas classificam tanto o turismo como a hospitalidade, além de trazer a descrição dos domínios da hospitalidade doméstica e comercial na Serra Fluminense. A fim de expor as motivações que impactam nas práticas de hospitalidade das famílias rurais anfitriãs, a última parte do quarto capítulo é a síntese das motivações e impressões positivas e negativas que sustentam ou não a hospitalidade em seus domínios supracitados. No quinto e último capítulo são expostas as considerações finais, bem como os apontamentos para alguns avanços em pesquisa nas temáticas trabalhadas aqui.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O turismo é um fenômeno social resultado do acesso ao ócio e às viagens, às garantias trabalhistas, ao usufruto de atrativos naturais e culturais por seres humanos que estejam distantes de seu ambiente rotineiro. Decerto, tal fenômeno apresenta paradoxos como a inacessibilidade por parte da população às viagens com fins de ócio, assim como a segregação espacial (bolhas de turismo), o neocolonialismo (relação de excessiva dependência econômica, por parte de países e regiões em desenvolvimento, e de demanda turística provenientes de nações e regiões tidas como desenvolvidas), entre outros malefícios que a inexistência de planejamento da atividade reflete no desenvolvimento da atividade turística.

O turismo ganha espaço nas produções acadêmicas que versam sobre o desenvolvimento rural – DR – principalmente em análises sobre a inserção do turismo enquanto ferramenta para o DR. Todavia, percebe-se que a temática ainda é marginal dentro dos principais referenciais teóricos que se debruçam sobre o DR. Segundo Barretto (2003), a primeira definição sobre turismo remonta ao início do século XX. Em 1911, o economista austríaco Hermann Von Schullernzu Schattenhofen escrevera que “[...] turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado.” (BARRETTO, 2003, p.9). Ou seja, o conceito de turismo surgiu dentro dos estudos econômicos, os quais deram características que permanecem no cerne das discussões sobre a temática.

Outras conceituações vêm sendo elaboradas por diversos especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, porém, o atrelamento exacerbado do turismo à economia fez com que os aspectos monetários tivessem um enfoque maior que os aspectos socioculturais e ambientais do fenômeno turístico. Barretto (2003) também ressalta que

Embora ainda alguns círculos, principalmente leigos, vejam o turismo apenas como a ‘indústria de viagens de prazer’, trata-se de algo mais complexo do que um simples negócio ou comércio. (BARRETTO, 2003, p.12).

Assim, a autora chama a atenção para o soerguimento de novos olhares acerca do turismo, não mais apenas sedimentado sobre as questões econômicas e

monetárias. A autora também salienta que “[...] a viagem (elemento dinâmico) e a estada (elemento estático) acontecem fora do lugar de residência, [e] as pessoas desenvolvem atividades diferentes do seu cotidiano.” (BARRETTO, 2003, p.12). Barretto (2003) ressalta que esse movimento de pessoas é particular por ser temporário, visto que a volta para casa em pouco tempo é o objetivo final. E mais, durante essa visita, o turista é a pessoa que não desempenhará atividades lucrativas, sendo as suas motivações relacionadas às razões espirituais ou vitais mais próprias e íntimas (BARRETTO, 2003). Em suma, a autora ao se debruçar sobre diversas conceituações sobre o turismo concebe que

Os elementos mais importantes de todas estas definições são o tempo de permanência, o caráter não lucrativo da visita e, uma coisa que é pouco explorada pelos autores analisados, a procura do prazer por parte dos turistas [visto que] o turismo é uma atividade em que a pessoa busca prazer por livre e espontânea vontade. Portanto a categoria livre escolha deve ser incluída como fundamental no estudo do turismo. (BARRETTO, 2003, p.13).

Destarte, parte-se da premissa de que se a pessoa não rompe com as fronteiras de seu município, está ela enquanto moradora a usufruir dos equipamentos e estruturas de lazer dentro do município de residência, a praticar o não alheamento aos aspectos socioculturais, econômicos e ambientais que compõem seu entorno imediato. Da mesma forma, caso a pessoa viva em outra municipalidade e em visita a um local para realização de atividades de trabalho, excetua-se o caráter espontâneo de fruição não relacionada a ganhos monetários por mais que essa pessoa usufrua tempo livre ali, visto que não fora essa a principal motivação que a levou até tal local. Ora, caso esses aspectos não fossem levados em consideração, moradores que em momentos de lazer vão aos balneários locais, aos restaurantes locais, aos monumentos históricos locais, independentemente se dentro ou fora do perímetro urbano, poderiam ser considerados turistas; assim como militares em deslocamento para outras cidades, executivos que se interessam primeiramente no acerto de contratos quando longe de suas residências, pesquisadores que vão a campo por motivos acadêmicos, também seriam turistas.

Apesar de variar conforme as sociedades espalhadas pelo globo terrestre, torna-se possível identificar as especificidades que o fenômeno turístico apresenta e que sustentam os estudos turísticos que conseqüentemente auxiliam o planejamento da atividade, a formulação de políticas públicas que ao menos deveriam promover o

turismo como ferramenta ao desenvolvimento com a finalidade de evitar a massificação e da depredação dos atrativos culturais e naturais dispostos em nosso planeta. Assim, elencam-se algumas “características mínimas” que Urry (2001) define como pilares do turismo:

- a) o turismo é uma atividade de lazer que pressupõe o seu oposto, ou seja, o trabalho;
- b) para haver turismo, faz-se primordial o deslocamento de pessoas, ou seja, a viagem;
- c) a viagem e a permanência se destinam a localidades fora dos lugares normais de residência e de trabalho;
- d) os objetos do olhar turístico não enfocam as atividades de trabalho remunerado ou não;
- e) o aumento do acesso às viagens de turismo por parte da população mundial emerge novas formas de relações sociais;
- f) a subjetividade é preponderante na escolha dos locais que são visitados temporariamente;
- g) o olhar do turismo é direcionado pra aspectos das paisagens que não são corriqueiras na vida dos turistas; e
- h) é por intermédio dos signos que os olhares do turismo são construídos.

Esses são aspectos singulares que quando trabalhados conjuntamente sustentam os estudos do turismo, da hospitalidade e do lazer. Em consonância com todos esses referenciais teóricos que sustentam os estudos das temáticas supracitadas, recorre-se à Tulik (2010) para ressaltar que de acordo com a área de ocorrência, há duas categorias amplas: turismo em áreas urbanas e turismo em áreas rurais.

As discussões acerca do espaço rural atrelavam-no, sobretudo às atividades primárias. O turismo surge assim como uma das *novas* atividades que compõem a manutenção da reprodução social das famílias rurais, as quais em sua maioria não se dedicam apenas à agricultura em tempo integral e cada vez mais proporcionam atividades de lazer em suas propriedades. Esses fenômenos sociais têm servido como subsídio para se refletir a ruralidade, como destaca Carneiro (1998). A autora revela que nas décadas de 1960 – 70 se imaginava a total dissolução do rural frente

ao fenômeno da urbanização, porém a necessidade de alimentos, assim como de espaços para atividades de lazer e recreação, as quais sustentam a atividade turística, ajudam a manutenção de famílias rurais que permanecem no campo, a perpetuar seus hábitos aos seus descendentes. Assim, a ruralidade dialoga tanto com os aspectos turísticos, quanto ao conceito de multifuncionalidade da agricultura (CARNEIRO; MALUF, 2003), cuja ideia se assenta na oposição de que a agricultura é apenas uma atividade produtora de bens primários, a qual exerce outras funções sociais entre as quais está o turismo.

D'Onofre afirma que “[...] a própria representação social da família rural frente aos elementos da cultura urbana se tornam fatores capazes de provocar um fluxo turístico às áreas rurais brasileiras.” (D’ONOFRE, 2010b, p. 62). O autor ainda ressalta que a oferta de lazer no espaço rural visa à atração, sobretudo de cidadãos, os quais são a maioria do fluxo turístico em espaços rurais turistificados. Tulik revela que a dificuldade em “[...] categorizar os tipos de turismo têm relação com a diversidade de critérios para estabelecer o que é ou não rural.” (TULIK, 2010, p. 10), como também a diversidade de abordagem dada por pesquisadores que vêm das mais distintas áreas de formação acadêmica. No Brasil, Tulik afirma que o tema passou a ter importância a partir do final da década de 1990, cuja influência no pensamento científico sobre turismo rural (TR) e turismo no espaço rural (TER) advém da Europa. Assim, a autora afirma que

[...] no Brasil, foram assimilados conceitos europeus no que se refere à utilização de expressões como turismo no espaço rural e turismo rural. Há sempre uma certa confusão entre esses conceitos que, à primeira vista, parecem ter um único significado. Entretanto, a evolução do conhecimento e do registro de experiências mostra que as múltiplas manifestações do turismo no espaço rural nem sempre estão relacionadas ao ambiente rural, do qual depende o turismo rural propriamente dito e pelo qual se justifica a sua denominação. (TULIK, 2010, p. 9).

Cals, Capellà e Vaqué (1995) acreditam que é mais apropriado se referir à totalidade de deslocamentos turísticos que se desenvolvem no meio rural com a expressão turismo no espaço rural (TER), reservando a expressão turismo rural (TR) às atividades que se identificam com as especificidades da vida rural, seu hábitat, sua economia e sua cultura. Assim, pode-se dizer que TER se adéqua a atividades turísticas quaisquer que podem ou não estarem intrinsecamente ligadas à cultura das famílias rurais (alguns esportes como o golfe, por exemplo), enquanto o TR

deve ser vinculado somente às práticas turísticas que coadunem aos hábitos das famílias rurais.

De acordo com as perspectivas transcritas acima, retoma-se o conceito de turismo de Barretto, o qual determina que as atividades desempenhadas pelos turistas difiram daquelas de seu cotidiano. Ou seja, no turismo rural, por exemplo, os visitantes, que são majoritariamente provenientes das cidades, vão buscar um maior contato com os hábitos das famílias rurais. Nessa interação, assenta-se a atratividade turística rural. Tucker em suas pesquisas pelas áreas rurais da Nova Zelândia, além de constatar que a principal motivação que levava tanto os turistas quanto os anfitriões a interagir durante a acolhida não era o custo da hospedagem oferecida pelas famílias rurais, tampouco a possibilidade de essas famílias aumentarem seus rendimentos; mas sim as trocas sociais que existem quando há a relação anfitrião - hóspede (TUCKER, 2003).

Dessa forma, concebe-se que o turismo rural está contido no turismo no espaço rural. Diferentemente desse “guarda chuva” que é o TER, cujas atividades turísticas podem ser alheias aos costumes das famílias rurais, o TR é uma modalidade turística em que as ruralidades são o carro chefe de atração de visitantes do espaço urbano. Ainda sobre TR, Rodrigues revela que “[...] os chamados ciclos econômicos pelos quais o Brasil passou deixaram na paisagem seus aspectos marcantes, constituindo um diversificado patrimônio histórico-cultural.” (RODRIGUES, 2001, p. 102).

Destarte, de acordo com a autora, a diversidade cultural e os processos de ocupação do território brasileiro influenciam a maneira como é conduzido o processo de desenvolvimento do turismo rural em cada região. Os grupos humanos que vieram a colonizar localidades específicas, os ciclos econômicos baseados nas explorações extrativista, agrícola e pecuária, constituem-se como parte dos recursos turísticos<sup>1</sup> no espaço rural brasileiro. Ali, diversas atividades turísticas têm sido desenvolvidas por iniciativa tanto de famílias rurais que se lançam na oferta de espaços de lazer em suas propriedades, quanto cidadãos que as demandam e influenciam no fomento dessas atividades. As famílias rurais muitas vezes são motivadas a buscar alternativas que garantam a permanência nas áreas rurais pela ampliação de atividades diversas, incluindo às não agrícolas, onde o turismo está

---

<sup>1</sup> Recurso turístico “é a matéria-prima com a qual se pode planejar turismo num determinado local” (BARRETTO, 2003: 73), o qual após manejo se torna atrativo turístico.

contido. Os cidadãos, por sua vez, interessam-se por locais e atividades que transgridam o seu cotidiano, a fim de obter prazer pelo ócio em espaços rurais. Ou seja, as fontes do turismo no espaço rural estão relacionadas com os reflexos simultâneos de ações que ocorrem nesse espaço e no urbano.

Sob a perspectiva das relações sociais mútuas entre rural e urbano, faz-se necessário salientar que o turismo brasileiro apresenta aspectos relevantes quanto à prática de visita a amigos e parentes. Em 43 de cada 100 domicílios brasileiros, pelo menos um de seus residentes realizou ao menos uma viagem (corriqueira, doméstica, internacional) em 2007. Do total de entrevistados, mais de 54% viajaram em momentos de lazer para visitar parentes e amigos, sendo que as famílias que recebem até quatro salários mínimos o índice quase alcança os 60%. Quanto aos meios de hospedagem utilizados durante essas viagens, mais de 56% dos entrevistados são acolhidos em casa de amigos ou parentes (BRASIL, 2009).

Tal panorama inclui o espaço rural enquanto receptáculo desses viajantes brasileiros que visitam seus amigos e familiares que ali vivem. Dessa forma, é possível cogitar essa prática de turismo incluída no TER sendo muito próxima ao TR, pois é uma forma de reforçar laços afetivos imersos em práticas culturais rurais (gastronomia, lida no campo, entre outros). Todavia, não se pretende incluir essas práticas turísticas à designação de turismo rural pelo fato de que comercialmente elas se distinguem quanto à finalidade, onde as visitas aos familiares e amigos são motivadas por questões que não se concentram na obtenção de lucro por parte dos anfitriões, apesar de o ato da viagem impulsionar diversos setores da economia (transportes, abastecimento, vestuário, etc.). A visita a amigos e parentes rurais não centra em comércio da hospitalidade, como é comum no TR.

## **2.1 A hospitalidade**

O termo hospitalidade tem raízes históricas que se iniciam no século XIII. Segundo Grinover (2002), a etimologia da palavra tem origem latina *hospitalitas*, essa mesma derivada de *hospitalis*. O autor também revela que a hospitalidade possui intrínseco elo com hospício, casa de repouso para viajantes e peregrinos durante o Medievo (GRINOVER, 2002). Entretanto, por mais que a hospitalidade

tenha suas raízes etimológicas medievais, verifica-se que o fenômeno tem origens mais longínquas.

A expressão hospitalidade assumiu nas produções técnicas de língua inglesa um caráter reducionista, cujo cunho é extremamente monetário, ao se referir à indústria de *catering*<sup>2</sup> e hotelaria como as únicas instâncias que compõem a hospitalidade. De fato, essa concepção está segundo Lashley (2004) atrelada aos serviços de oferta de alimentos, bebidas e acomodação, sendo essas instâncias caracterizadas pelo autor como a “trindade” da hospitalidade. Na verdade, esse cenário conceitual restringe os limites da hospitalidade, sobretudo quanto aos aspectos sócio-antropológicos, espaciais, turísticos, etc.

Camargo complementa a visão de Lashley com a inserção do entretenimento à trindade. Segundo Camargo, “[...] receber pessoas implica entretê-las de alguma forma.” (CAMARGO, 2003, p. 16), sendo essa uma característica baseada na expansão dos hábitos de hospitalidade enquanto lazer. Apenas para fins comparativos, tenciona-se demonstrar como há disparidades conceituais entre aqueles que se limitam em verificar os aspectos econômicos da hospitalidade, e os teóricos que venceram esse paradigma ao expandir os limites da área enquanto objeto de estudo. Segundo Dias (2002), as publicações recentes dos países anglo-saxônicos (escola estadunidense, sobretudo) se debruçam sobre o fenômeno da hospitalidade com um recorte mais afinado aos aspectos comerciais que a apropriação capitalista provoca à hospitalidade. Como contraponto, Dias cita alguns autores que avançaram em abordagens que demonstram a amplitude da hospitalidade enquanto fenômeno social e cultural.

Ao se refletir sobre esses aspectos, pode-se afirmar que a hospitalidade e suas práticas constituem um fenômeno que possui origens em eras pré-históricas, quando havia a partilha da caça e dos alimentos coletados. Com a finalidade de também privilegiar aspectos que alargam os limites da hospitalidade, dá-se um enfoque especial às definições que abarquem as múltiplas facetas da temática, as quais possuem nítida relação com a escola francesa, que aborda a hospitalidade enquanto origem de vínculo social, cuja influência é da abordagem antropológica de Marcel Mauss, importante antropólogo que soergueu a teoria da reciprocidade. Em “Ensaio sobre a dádiva” (1924 [2003]), Marcel Mauss analisou o que o autor chama

---

<sup>2</sup> Promoção de serviços alimentares em lugares remotos ou de difícil alcance, assim como prestar serviços alimentares em eventos.

de sistema de prestações totais, o que são trocas que não se baseiam exclusivamente em bens e riquezas, bens móveis e imóveis, ou seja, coisas úteis economicamente. Nesse sistema, trocam-se

[...] amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, dos quais o mercado é apenas um dos momentos e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais original e bem mais permanente. Essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. (MAUSS, 2003, p. 191).

Destarte, o referencial formatado por Mauss consubstancia o olhar que não se encerra apenas nas questões monetárias que estão atreladas à comercialização da hospitalidade. Isso, de certa maneira, favorece a intenção de não se ater somente às propriedades rurais turísticas, pois as propriedades rurais agrícolas também praticam a hospitalidade, assim como todos os espaços onde os seres humanos interagem, visto que na dinâmica do dom, o interesse no vínculo transcenderia o interesse econômico/ financeiro.

Dias também pontua as relações entre a hospitalidade e a Bíblia, sobretudo em relação à festa mais importante do calendário cristão: o Natal. A autora afirma que

[...] seguramente o nascimento do menino Jesus não seria num presépio e a comemoração do Natal cristão poderia ser bastante diferente se todas as hospedarias (de Belém) não estivessem cheias e não tivesse ocorrido o primeiro e mais famoso caso de *overbooking*<sup>3</sup> da História!. (DIAS, 2002, p. 100).

É possível que os ritos comemorativos do Natal fossem diferentes, caso Maria e José conseguisse uma unidade habitacional, onde poderiam dar à luz a Jesus sobre uma cama ou similar, por exemplo. Decerto, haveria alterações na configuração dos elementos decorativos natalinos, em que não existiria presépio, tampouco animais, manjedoura, feno, entre outras coisas que inexistem dentro de um quarto de hospedaria. Destarte, a inexistência de uma unidade habitacional para os pais de Jesus Cristo no ano zero confere toda uma série de desdobramentos nos ritos de festejo mais importante dos cristãos.

---

<sup>3</sup> Ocupação total das unidades habitacionais (UH) ou vagas de meios de transportes com listas de espera por conta de venda antecipada e que excede o que realmente existe (vende-se mais de 100% das UH ou assentos de voos, por exemplo).

Segundo Selwyn (2004), a hospitalidade deriva do ato de dar e receber. Telfer, por sua vez, afirma que a hospitalidade pode ser definida como “[...] a oferta de alimentos e bebidas e, ocasionalmente, acomodação para as pessoas não membros regulares da casa.” (TELFER, 2004: 55). Nessa relação, o fenômeno envolve tanto anfitriões, aqueles que concedem a hospitalidade (sua casa, seu sustento); quanto os hóspedes que recebem a hospitalidade e partilham do espaço e dos elementos oferecidos (TELFER, 2004).

Lashley defende que “[...] a hospitalidade envolve, originalmente, mutualidade e troca e, por meio dessas, sentimentos de altruísmo e beneficência.” (LASHLEY, 2004, p. 04). Nesses aspectos, a perspectiva de Lashley vai ao encontro das prestações totais de Mauss, pois esse autor concebe que “[...] a prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõe duas outras igualmente importantes: a obrigação de dar, de um lado, obrigação de receber de outro.” (MAUSS, 2003, p. 201). Ao centrar o olhar sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e, em menor proporção, acomodação, Lashley afirma que essas ações desempenham importante papel no estabelecimento de distinções entre os seres humanos e os demais seres. Segundo o autor

O papel da produção, da distribuição e do consumo de alimentos, em particular, apresenta importância na definição de algumas características essenciais de ‘humanidade’, e diferencia os seres humanos das outras criaturas. (LASHLEY, 2004, p. 11).

Como se pode constatar, a hospitalidade não se encerra dentro do fenômeno turístico. Diferentemente do turismo, fenômeno que está ligado ao desenvolvimento do capitalismo (após a Revolução Industrial que se iniciara no século XVIII), da ascensão de classes trabalhadoras ao exercício do lazer e de deslocamento voluntário de pessoas a localidades distintas de suas residências; a hospitalidade não é recente. Caso se acate a perspectiva de Lerói-Gourhan sobre os estudos das sociedades pré-históricas, recepcionar, hospedar, alimentar e entreter são ações que puderam se desenvolver após o domínio da pecuária e da agricultura (CAMARGO, 2011), as quais são primordiais para a constituição de nossa civilização.

Em sociedades pré-industriais contemporâneas, como as camponesas da América Latina, por exemplo, “[...] a hospitalidade e o dever em acolher tanto os

vizinhos como os forasteiros representam um maior imperativo moral.” (LASHLEY, 2004). O autor pontua ainda que nessas sociedades, qualquer falha em agir de modo adequado nessa relação anfitrião-hóspede era tratada como condenação social, pois

[...] o dever de proporcionar hospitalidade, de atuar com generosidade enquanto anfitrião e proteger os visitantes era mais do que uma questão deixada ao gosto dos indivíduos. As crenças a respeito da hospitalidade e as obrigações em relação aos outros estavam fixadas em idéias e visões sobre a natureza da sociedade e a ordem natural das coisas. (LASHLEY, 2004, p. 07).

O domínio da hospitalidade doméstica apresenta ainda uma característica essencial: a família nuclear enquanto anfitriã. Segundo Lashley, “[...] a família nuclear introduz os indivíduos em regras, rituais, normas e costumes que modelam as atividades de hospitalidade no cenário social.” (LASHLEY, 2004, p. 14). Por mais que a oferta de alimentos, bebidas e acomodação venha a representar atos de amizade, sabe-se que nessa modalidade de hospitalidade, o anfitrião (ou a família anfitriã no caso rural) possui um status de controle sobre as práticas que são concernentes aos hóspedes. Selwyn (2004) chega a determinar que

Os atos relacionados à hospitalidade servem como um modo de articular as estruturas sociais. Esses atos proporcionam os meios simbólicos para permitir que as pessoas deixem os grupos sociais e também se juntem a eles, e para que as estruturas hierárquicas sejam, ao mesmo tempo, firmadas e legitimadas. (SELWYN, 2004, p. 36).

De acordo com Lashley (2004), a partilha da hospitalidade cria laços simbólicos e vínculos entre as pessoas envolvidas, sendo sua finalidade a inversão dos papéis, quando anfitrião se tornará hóspede e vice-versa. Vale pontuar que Lashley conclui que a hospitalidade doméstica “[...] é um relacionamento baseado nas obrigações mútuas e, em última análise, na reciprocidade. [Pois] o hóspede torna-se o hospedeiro em outra ocasião.” (LASHLEY, 2004, p. 15).

A comercialização da hospitalidade, bem imaterial que envolve os serviços de alimentação, recepção, hospedagem e entretenimento, presta-se como um dos fatores principais para a criação de um mercado turístico<sup>4</sup>. Lashley revela que “[...] a oferta comercial da hospitalidade ocorre na maioria das sociedades ocidentais num

---

<sup>4</sup> “O mercado turístico é constituído pelo conjunto dos consumidores de turismo e pela totalidade da oferta de produtos turísticos” (IGNARRA, 2003, p. 112).

contexto em que esta não ocupa posição central no sistema de valores.” (2004, p. 17). O autor conclui que

[...] o relacionamento movido comercial e mercadologicamente, que permite ao cliente uma liberdade de ação que o indivíduo não poderia sonhar em demandar num ambiente doméstico, é um dos benefícios asseverados pela ‘indústria da hospitalidade’. (LASHLEY, 2004, p. 17).

Muito embora seja importante estranhar que o fomento à comercialização da hospitalidade venha a deturpar os valores que essa possui enquanto estância de relacionamento entre as famílias rurais, ressalta-se que a atividade comercial em tela não é estendida aos entes que compõem o círculo de amigos e familiares. Por mais que se conceba a hospitalidade estando à margem dos valores centrais das sociedades ocidentais industrializadas, não se deve generalizar que o mesmo possa ocorrer em sociedades camponesas.

Para Sabourin (2011), em sua análise sobre a reciprocidade (um dos cerne da hospitalidade), o autor destaca importantes elementos teóricos que subsidiam outros olhares sobre o tal fenômeno. Inicialmente, Sabourin destaca que “[...] o princípio da reciprocidade não se limita a uma relação de dádiva/contra-dádiva entre pares ou grupos sociais simétricos.” (SABOURIN, 2011, p. 30). Ou seja, no caso das sociedades rurais, as relações não necessariamente se detêm às famílias rurais, sendo possível constatá-las entre outros indivíduos ou grupos. O autor também pontua que

Do ponto de vista econômico, a reciprocidade constitui, portanto, não somente uma categoria econômica diferente da troca mercantil, mas um princípio econômico oposto ao da troca ou mesmo antagonista da troca. (SABOURIN, 2011, p. 30).

Destarte, enfatiza-se que há distinções explícitas e implícitas entre a hospitalidade privada e a comercial, cujos objetivos são diferentes e as relações entre os atores mudam. Já fora dito que uma das finalidades da hospitalidade privada (doméstica) é a inversão dos papéis entre os envolvidos. Já na hospitalidade comercial, Lashley afirma que “[...] a troca financeira isenta o hóspede da obrigação mútua e da lealdade.” (LASHLEY, 2004, p. 19).

Num segundo momento, Sabourin atenta para as várias formas que a reciprocidade pode assumir. O autor ressalta que a obra de Temple e Chabal (1995)

aponta que a antropologia se dedicou apenas à reciprocidade de dádivas: as formas positivas de reciprocidade (SABOURIN, 2011). Assim, Sabourin salienta que a reciprocidade também dispõe de seu lado negativo: os ciclos de vingança. O autor ainda revela que

Diferentemente da troca, cujo desenvolvimento é associado à lógica da concorrência e do acúmulo pelo lucro, a lógica da vingança está ligada a uma dialética da honra como a da dádiva está ligada a uma dialética do prestígio. (SABOURIN, 2011, p. 30).

Assim, mais distinções entre troca mercantil e reciprocidade são sacramentadas pela profícua análise de Sabourin. É importante perceber que esse ciclo de vingança ou a variável negativa da reciprocidade fundamenta o lado antagônico da hospitalidade: a hostilidade. Entretanto, Selwyn chama a atenção para o fato de que

[...] essa contradição em si revela uma continuidade, pois a hospitalidade e a hostilidade têm em comum o fato de que ambas são expressões da existência de um relacionamento e não de sua negação. (SELWYN, 2004, p. 28).

Ao se ater à hospitalidade enquanto variável positiva da reciprocidade, atribuí-se o maior refinamento desta enquanto categoria de análise social com o soerguimento dos seus tempos e espaços. Portanto, partiu-se de premissas teóricas de Lashley (2004) e Camargo (2003). Por mais que a “trindade” de Lashley pareça o suficiente para definir a hospitalidade, o senso comum tende a associar, principalmente em festejos, os hábitos que envolvem a recepção, a alimentação e a hospedagem às músicas, danças e outros aparatos lúdicos que simbolizam a transgressão ao cotidiano.

Há de se ressaltar que a oferta da hospitalidade se diferencia quanto às suas esferas de ação. Lashley classifica tais esferas onde se desenrolam as práticas de hospitalidade como domínio social, domínio privado (doméstico) e domínio comercial. Segundo o autor, tais domínios podem ser independentes como também sobrepostos. Assim,

O domínio social da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. O domínio privado considera o âmbito

das questões associadas à oferta da [hospitalidade] no lar, assim como leva em consideração o impacto dos relacionamentos entre anfitrião e hóspede. O domínio comercial diz respeito à oferta da hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público. (LASHLEY, 2004, p. 5–6, grifos do autor).

Nessa direção, Camargo (2003) avança sobre as perspectivas abordadas por Lashley (2004) ao afirmar que para se estudar e refletir a hospitalidade necessita-se explicitar dois eixos de tempos e espaços para a delimitação do campo de estudo, dos quais

[...] um eixo cultural, que leva em conta as ações abrangidas pela noção de hospitalidade, e um eixo social, que diz respeito aos modelos de interação social e conseqüentes instâncias físico-ambientais envolvidas. (CAMARGO, 2003, p. 15).

A obra de Lashley foi traduzida para a língua portuguesa em 2004, todavia seu original fora lançado em 2002 na Grã-Bretanha. Se a proposta de Camargo para o estudo da hospitalidade levasse em conta apenas as premissas de Lashley (2004), ao entrecruzar o eixo cultural defendido por este (a trindade) e o eixo social (os domínios), haveria apenas nove categorias de análise para o estudo da hospitalidade. Com a introdução do entretenimento ao eixo cultural, bem como a instância virtual da hospitalidade, Camargo apresenta quatro itens em cada um dos eixos onde, ao final, todos se inter-relacionam e formam dezesseis campos teóricos para o estudo da hospitalidade (ver Quadro 1).

Destarte, para Camargo (2004) o eixo cultural da hospitalidade envolve o recepcionar ou receber pessoas, hospedar, alimentar e entreter. Com a distinção entre quatro categorias, o eixo social da hospitalidade se configura como doméstica (privada), pública (social), comercial e virtual. Sobre a inter-relação de ambos os eixos, Camargo ressalta que, do ponto de vista analítico-operacional, a hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico ou privado, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat (CAMARGO, 2004). Dessa maneira, através dos avanços teóricos estimulados pelos pesquisadores da hospitalidade tanto no Brasil quanto na Grã-Bretanha pode-se fundamentar a formulação de categorias de análise para a formatação desse trabalho.

Quadro 1 - Tempos e espaços da hospitalidade humana por Camargo (2003)

Eixo Cultural \ Eixo Social	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
<b>Doméstica ou privada</b>	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso ou abrigo em casa para as pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para refeições e festas
<b>Pública ou social</b>	A recepção em espaços e órgão públicos de livre acesso	A hospedagem proporcionada pela cidade ou país	A gastronomia local	Espaços públicos de lazer e eventos
<b>Comercial</b>	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis, hospitais e casas de saúde, presídios	A restauração <sup>5</sup>	Eventos e espetáculos, espaços privados de lazer
<b>Virtual</b>	A <i>net</i> -etiqueta do enviar e receber mensagens por meios eletrônicos	Sítios eletrônicos e hospedagens destes	A gastronomia eletrônica	Jogos e entretenimento

Fonte: Camargo (2003, p.19).

Retomando a possibilidade de a hospitalidade rural se prestar como um dos recursos comuns para a criação e o desenvolvimento do mercado turístico rural, surge uma dúvida: a hospitalidade comercial seria uma contradição?

## 2.2 A contradição da hospitalidade em xeque: a hospitabilidade<sup>6</sup>

O termo hospitabilidade vem do inglês *hospitality*, referência da filósofa britânica Elizabeth Telfer em sua obra “A filosofia da hospitabilidade” (2004). Segundo ela, “[...] a hospitabilidade é o nome que se dá à característica das pessoas hospitaleiras.” (TELFER, 2004, p. 54), embora haja distinção entre ser hospedeiro e hospitaleiro. Para a autora, a hospitalidade está associada à satisfação de uma necessidade, cujo recebimento de convidados está ligado à concessão de prazer, sendo um bom hospedeiro possuidor da capacidade de deixar seus hóspedes felizes enquanto estiverem sob sua atenção. Já uma pessoa hospitaleira “[...] é alguém que proporciona hospitalidade com frequência, atenciosamente e com motivos apropriados relativos à hospitalidade.” (TELFER, 2004, p. 57). Todavia, persiste a pergunta: será que ser um bom hospedeiro é ser hospitaleiro? E o fato de ser

<sup>5</sup> Jargão dos estudos turísticos que se refere aos meios de restauração (restaurantes, pensões, lanchonetes, padarias, etc.), onde seres humanos se alimentam e recompõem-se biofísicamente.

<sup>6</sup> A hospitabilidade é tema recente na academia, cuja expoente é a pesquisadora Elizabeth Telfer do Departamento de Filosofia na Universidade de Glasgow, na Escócia; além de ser autora da única referência lusófona.

hospitaleiro, significa também que se é bom hospedeiro? Teoricamente, não. A autora salienta que

[...] ser um bom hospedeiro não é o suficiente para ser hospitaleiro caso se descubra que [o anfitrião] tenha um motivo oculto para ser tão atencioso, que ele não tinha nenhuma vontade de agradar aos convidados ou nenhuma crença no compromisso de fazer isso. (TELFER, 2004, p. 57).

Assim, a frequência em conceder a hospitalidade determina o quão hospitaleira uma pessoa é. No entanto, a habilidade e a atenção dispensada aos seus hóspedes na tentativa de proporcionar-lhes prazer e felicidade vão caracterizar o quão bom hospedeiro uma pessoa o é. Em suma,

Diz-se que um indivíduo que se comporta regularmente com hospitalidade é hospitaleiro; ele também será um bom hospedeiro, até o ponto em que a qualidade da atenção estiver envolvida, mas pode lhe faltar a habilidade que o tornaria irrestritamente um bom hospedeiro. (TELFER, 2004, p. 57).

Para Telfer, o comportamento considerado genuinamente hospitaleiro deve possuir um motivo “apropriado”. Inicialmente, a autora se debruça sobre os três motivos que caracterizam a hospitalidade privada: (1) os motivos que abrangem o espírito da hospitalidade e seu dever; (2) os motivos recíprocos; e (3) os motivos não recíprocos. De acordo com a autora, os motivos relacionados ao espírito da hospitalidade e ao dever envolvem as seguintes condições:

- a) a consideração pelo outro, incluindo o desejo de agradar a terceiros, proveniente da amizade e da benevolência por todos ou da afeição por certas pessoas;
- b) a preocupação ou compaixão, isto é, o desejo de satisfazer a necessidade dos outros; e
- c) a obediência ao que se considera deveres da hospitalidade, como o dever habitual de ser hospitaleiro, de acolher o amigo de alguém ou de ajudar os que estão em dificuldade (TELFER, 2004).

Para a autora, os dois primeiros motivos abarcam o espírito da hospitalidade, em que alguém que acolhe por uma dessas razões seja considerado hospitaleiro. Todavia, o último motivo remete à ideia de obrigação, cujo caráter ocasiona um desacordo com a noção de cordialidade contida na qualidade da hospitalidade.

Entretanto, a filósofa britânica conclui que se uma pessoa age por generosidade em consonância com o espírito da hospitalidade, será essa pessoa hospitaleira, conforme no exemplo elaborado pela autora:

Admita-se que eu esteja cansada, mas, por um sentido de dever, convide novos vizinhos para jantar. Se depois que eles chegarem, eu assumir o espírito da ocasião e desejar agradá-los, certamente estarei sendo hospitaleira. Mas, se eu continuar irritada, apenas estarei cumprindo um dever (contudo, se os vizinhos não forem capazes de perceber a diferença, talvez eu esteja fazendo a coisa certa!). (TELFER, 2004, p. 59–60).

Já os motivos relacionados à reciprocidade são caracterizados por motivos que não envolvem inteiramente a “consideração pelo outro”, conforme os motivos do grupo anterior, assim como não envolvem totalmente a autoconsideração. Como exemplo, a autora cita que “[...] a pessoa que acolhe para ter companhia ou fazer amizades está, ao mesmo tempo, proporcionando companhia ou amizade aos hóspedes.” (TELFER, 2004, p. 60). Outro exemplo dado por ela consiste em

[...] hospedeiros que [...] acolhem por que gostam de receber usualmente trarão satisfação aos seus hóspedes, assim como satisfazem a si mesmos, e uma fonte de satisfação do anfitrião será em geral a satisfação dos seus hóspedes. (TELFER, 2004, p. 60).

Para a autora, esse tipo de hospedeiro acolhe na esperança de que a hospitalidade seja retribuída, sendo que

Isso não destrói o hospitaleiro, isto é, a natureza e a consideração pelo outro de tal acolhimento, pois ambas as partes tem uma espécie de acordo tácito pelo qual estão conjuntamente fazendo alguma coisa em benefício mútuo. (TELFER, 2004, p. 60).

O último grupo de motivos relativos à hospitalidade privada são os não recíprocos, os quais emergem de uma vontade de beneficiar o hospedeiro ao invés dos hóspedes, cuja motivação do hospedeiro é o interesse próprio, não considerado o bem-estar do hóspede. Telfer ressalta que a vontade de exhibir algo por vaidade é um dos motivos não recíprocos. A autora exemplifica que

[...] uma anfitriã pode servir um determinado prato por vaidade – isto é, serve-o porque quer impressionar seus convidados e não porque acha que eles irão apreciá-los -, mas, por outro lado, pode estar muito influenciada pelo desejo em agradá-los. (TELFER, 2004, p. 61).

Caso agradar seja a motivação principal de um anfitrião, mais hospitaleira será sua ação. Todavia, quanto maior for a sua vontade a satisfazer um capricho próprio, relegando as necessidades dos seus hóspedes, menos hospitaleiro ele será.

Antes de se examinar o caso da hospitalidade comercial, a autora levanta a seguinte questão quanto à sua contradição, pois seu local não é um lar, ela não é dada, e tampouco se escolhem os convidados. De fato, para os meios de hospedagem clássicos (como os hotéis, por exemplo) isso se encaixa de uma forma extremamente verdadeira. Entretanto, é de se levar em consideração que é simplista o contraste entre hospitalidade provada verdadeira e imitação comercial falsa. Telfer revela que “[...] é bem possível que o hospedeiro privado seja movido apenas por interesse próprio, enquanto o comercial seja motivado por preocupação com o bem-estar de seus hóspedes.” (TELFER, 2004, p. 55). Dessa forma, é preciso balizar as motivações que levam os atores sociais à prática da hospitalidade, cujas ações podem ser tomadas das mais variadas intenções.

Para a autora, na esfera privada, os motivos concernentes à hospitalidade são aqueles em que

[...] a preocupação pela satisfação e pelo bem-estar dos hóspedes [...] é predominante, ou quando hospedeiros e hóspedes trocam livremente hospitalidade para prazer e benefício mútuo. E as pessoas hospitaleiras, aquelas que possuem a característica da ‘hospitabilidade’, são as que muitas vezes acolhem por um ou mais desses motivos, ou por uma mistura de motivos, em que um deles seja predominante. (TELFER, 2004, p. 62).

Para Telfer, o que se torna um determinante na característica de hospitabilidade dos hospedeiros comerciais é a motivação que os leva a eleger essa atividade e em desempenhar as várias ações em relação aos hóspedes. A autora cita que

[...] o indivíduo escolhe entrar na [hospitalidade comercial] como meio de vida, e as ações individuais, que constituem a realização do trabalho, são motivadas pelo desejo de conservar o emprego ou manter o negócio em funcionamento, ser for próprio. Mas isso, com certeza, está longe de ser tão simples. A pessoa pode querer [...] eleger esse tipo de trabalho por motivos semelhantes aos do hospedeiro privado hospitaleiro: gostar de deixar as pessoas felizes, acolhendo-as. (TELFER, 2004, p. 62–63).

Por mais que os céticos possam ver essa motivação sob o adjetivo de romântica, aliar o prazer de acolher para proporcionar bem-estar aos hóspedes e a

si é de fato algo que não pode ser demovido dessa compilação. Por mais que haja diferentes nuances entre o turismo de massa e o turismo rural, no sistema capitalista de produção e consumo é evidente que os empreendimentos de hospedagem visem o lucro, pois se assim não o fosse tal serviço seria oferecido gratuitamente. Todavia, atenta-se para o fato de que essa pode não ser a principal motivação, conforme revelado anteriormente por Tucker (2003). Destarte, Telfer conclui que

[...] se um hospedeiro comercial atende bem aos seus hóspedes, com um interesse autêntico em sua felicidade, cobrando um preço razoável não extorsivo por aquilo que oferece, suas atividades poderão ser chamadas de hospitaleiras. (TELFER, 2004, p. 63).

Ao retornar à questão da hospitalidade, Telfer diz que seu caráter (generoso, imbuído de espírito público, compassivo ou afetuoso, sendo ou não verdadeiramente hospitaleira) é um condicionador que pode tornar uma pessoa útil no intuito de realizar uma atividade que proporcione bem-estar a outrem. No espaço rural, a hospitalidade é o conteúdo principal que motiva pessoas a conceder bem-estar tanto aos próximos quanto aos desconhecidos. É esse caráter que definirá quem serão as pessoas que se dedicarão a concessão gratuita ou como atividade remunerada.

### **2.3 A hospitalidade e o desenvolvimento rural**

Nas relações entre anfitriões rurais e hóspedes citadinos, explicita-se que a hospitalidade no espaço rural é um importante fenômeno que possibilita as atividades turísticas, sendo meio para fornecer espaços para o acolhimento de visitantes e fim, pelo fato de que a melhoria desses serviços de hospedagem legitima a melhoria da infraestrutura local (acesso, sinalização, energia, educação, entre outros), ocasionando tanto a fidelização de clientes quanto o usufruto da comunidade receptora. A hospitalidade rural, assim, é um atrativo turístico que utiliza recursos provenientes do setor primário. Dessa forma, faz-se necessário dialogar como esse fenômeno pode construir um mercado turístico rural.

O desenvolvimento é tema de densas teorias, as quais em sua maioria versam sobre a qualidade de vida, seja essa atrelada ao crescimento econômico, à mitigação dos impactos ambientais, como também à expansão das liberdades fundamentadas nos direitos civis. O economista indiano Amartya Sen teorizou o

desenvolvimento a partir da abordagem das capacitações humanas, conferindo outra forma à temática que sempre se encontrava atrelada ao crescimento econômico. Sen tem reconhecido papel crítico ao defender que o objetivo do desenvolvimento é a expansão das capacidades humanas, em que o crescimento econômico é apenas um dos fatores que instrumentaliza o alcance do bem-estar.

Em “Desenvolvimento como liberdade”, Amartya Sen (2000, p. 53) apresenta duas visões sobre o desenvolvimento: a *antidemocrática*, caracterizada como processo doloroso que exige disciplina e que assuntos como direitos civis sejam postergados; e o *processo amigável* onde as redes de segurança social, liberdades políticas, ou desenvolvimento social são bem vistos. Ao coadunar com a segunda visão, Sen defende que a liberdade é considerada fim primordial e principal meio do desenvolvimento. O autor prossegue ao definir os papéis constitutivo e instrumental da liberdade, cuja promoção das liberdades, incluindo as capacidades complementares (direitos civis), deve ser o objetivo, e o exercício desses direitos civis a forma para se conquistar o desenvolvimento. Sen afirma que a “[...] eficácia da liberdade como instrumento reside no fato de que diferentes tipos de liberdades apresentam inter-relações entre si, e um tipo de liberdade pode contribuir imensamente para promover liberdades de outros tipos.” (SEN, 2000, p. 54).

Ao pensar o desenvolvimento enquanto a promoção e obtenção de direitos civis, Sen (2000) revela que as capacidades mais básicas para o desenvolvimento humano são comandar uma vida longa e saudável, ter conhecimento, ter acesso a recursos que garantam um padrão de vida adequado e ser capaz de participar da vida em comunidade. Sen tornou-se expoente nos estudos sobre pobreza e privações humanas, a revelar que o “fator renda” não necessariamente influencia na incidência ou não desses fenômenos impactados pelo desenvolvimento humano.

Para Sen, a negação da liberdade básica de sobreviver é caracterizada pela fome, sendo essa a privação de intitamentos (*entitlements*). O intitamento pode ser classificado como “[...] conjunto de pacotes alternativos de bens que podem ser adquiridos mediante o uso dos vários canais legais de aquisição facultados a uma pessoa.” (SEN, 2000, p. 54). As coisas que uma pessoa pode considerar valioso ter ou fazer são descritas por Sen como funcionamentos (*functionings*). Segundo o autor,

Os funcionamentos valorizados podem variar dos elementares, como ser

adequadamente nutrido e livre de doenças evitáveis, a atividades e estados pessoais muito complexos, como poder participar da vida da comunidade e ter respeito próprio. (SEN, 2000, p. 95).

A fim de elucidar sua abordagem, Sen completa que as combinações alternativas desses funcionamentos são consideradas como capacidades (*capabilities*). Esse é o cerne de sua abordagem, pois o autor reitera que é através da habilidade de conseguir determinado funcionamento que se alcança a liberdade de escolha por uma vida que se tenha razão para valorizar. Sen dá um exemplo que explica seu ponto de vista

[...] uma pessoa abastada que faz jejum pode ter a mesma realização de funcionamento quanto a comer ou nutrir-se que uma pessoa destituída, forçada a passar fome extrema, mas a primeira possui um 'conjunto capacitário' diferente do da segunda. (SEN, 2000, p. 95).

Ou seja, o que Sen revela em sua abordagem é que as pessoas, em geral, devem usufruir intitamentos de modo suficiente para opinarem seu destino. No exemplo citado acima, duas pessoas passam fome, sendo uma por opção, por valorizar esse estado de jejum; e a outra, sequer possui um conjunto de bens que bastem para saciar sua fome, obrigando-a a encontrar-se tolhida da liberdade básica de sobreviver. Destarte, Amartya Sen contribui ao debate acerca do desenvolvimento ao defender que seu meio e fim devam ser baseados na promoção e expansão dos direitos civis.

A abordagem de Sen não se restringe a uma espacialidade, como um país, um continente, ou mesmo áreas urbanas ou rurais. Avançando o extenuante debate sobre as diferenças e semelhanças entre um urbano ou um rural, reiterar-se-á que há obras que discutem o desenvolvimento no rural. Kageyama, por exemplo, defende que ideias gerais sobre o desenvolvimento podem ser aplicadas ao desenvolvimento rural (DR), “[...] como conceito ancorado no tempo (uma trajetória de longo prazo), no espaço (o território e seus recursos) e nas estruturas sociais presentes em cada caso.” (KAGEYAMA, 2008, p. 58).

Kageyama recorre aos estudos de Van der Ploeg et al. (2000) a fim de especificar as singularidades que o DR vai assumir para contemplar as demandas do rural. Esses autores, segundo Kageyama (2008), relatam que na Europa o paradigma da modernização da agricultura fora a principal ferramenta para elevar a renda e levar o desenvolvimento às comunidades rurais, muito embora haja

tendências que visam sua superação “[...] por um novo paradigma [...], buscando um novo modelo para o setor agrícola, com novos objetivos, como a produção de bens públicos, sinergias com os ecossistemas locais, a maior valorização das economias de escopo em relação às economias de escala, e a pluriatividade das famílias rurais.”. Esse último paradigma em questão é denominado por Van der Ploeg et al. como *desenvolvimento rural*, o qual consiste no fomento de novos produtos e novos serviços, associados a novos mercados (VAN DER PLOEG et al., 2000, p. 396).

É indubitável que a agricultura e a pecuária constituam os principais setores econômicos das áreas rurais brasileiras, todavia, esse cenário não é uniforme, como é o caso fluminense analisado mais adiante. O soergimento de outros setores que compõem o mosaico econômico do Brasil rural vem tomando contornos e matizes mais amplos e intensos. Há unidades da federação que apresentam áreas rurais com economias ligadas ao setor primário, em detrimento de outras que já não encontram a mesma vocação ao agronegócio, por exemplo.

Ao retomar as discussões sobre DR, Kageyama (2008) pontua duas características fundamentais na trajetória de paradigmas que se distinguem do modelo modernizante: a diversidade (de atores envolvidos, de atividades empreendidas e de padrões de motivação emergentes) e a multifuncionalidade (reconfiguração que se opera no interior das unidades agrícolas e entre a agricultura e outras atividades rurais). Sob esse último aspecto, Kageyama ainda reitera que a multifuncionalidade implica a reconfiguração no uso dos recursos como a terra, trabalho, conhecimento e natureza.

O que já havia sido exposto anteriormente torna o cerne da questão que envolve o DR: a inter-relação entre agricultura com os demais setores econômicos. O que o paradigma da modernização agrícola programara com enfoque somente na mecanização e no aumento da produtividade de gêneros agrícolas não condiz com o modelo de DR que se destaca nesse trabalho. Assim, a análise do DR, na atualidade, deve perceber o desenvolvimento agrícola coadunado ao desenvolvimento da rede urbana local e regional, pois “[...] é nesse espaço que muitos membros das famílias agrícolas encontrarão fontes de renda complementares, vitais para a preservação da própria atividade agrícola.” (KAGEYAMA, 2008, p. 72).

## 2.4 Hospitalidade: quais seus lugares no desenvolvimento?

A hospitalidade não é um fenômeno comumente abordado em teorias que envolvem o desenvolvimento, sobretudo aplicado ao rural. Os estudos turísticos são aqueles que mais se debruçam sobre esses fenômenos, com créditos à sociologia, à antropologia, à administração e outras ciências que contribuem com olhares multidisciplinares à hospitalidade. Ao tencionar o diálogo entre hospitalidade e DR, o fenômeno que serve de suporte também é o turismo.

Uma das alternativas alertadas às famílias rurais tem sido a criação de mercados aninhados. Polman et al. (2010, p. 302) afirmam que “[...] o termo ‘aninhado’ sugere que o mercado (especificamente o lugar e as redes) está incorporado em algo.”. Apesar de não se ater ao espaço rural, a abordagem dos mercados aninhados tem contribuído para a compreensão do desenvolvimento rural. A perspectiva de Polman et al. defende que

[...] os mercados aninhados que estão emergindo de processos de desenvolvimento rural são fundamentados, e delineados por, piscinas de recursos comuns [PRC] e, por sua vez, esses mercados aninhados são estratégicos para a reprodução das PRC. (POLMAN et al., 2010, p. 303).

Os autores ainda pontuam que os mercados aninhados assumem fronteiras e, conseqüentemente, alguns tipos de limites organizacionais, além de salientar que a governança desses limites inclui a autorregulação. Assim, os autores enfatizam que essa gestão requer a participação ativa dos atores envolvidos em tomar para si a construção dos mercados aninhados, organizando as PRC. Por fim, os autores chegam à seguinte conclusão sobre os mercados aninhados, os quais

[...] podem potencialmente reduzir os custos de transação, pois eles ajudam os consumidores a evitar uma demorada pesquisa por qualidade, além de contribuir para a redução significativa de risco de decepção. Os consumidores podem utilizar um logotipo como um atalho, e uma garantia para a qualidade que eles estão procurando. Mercados aninhados também podem reduzir os custos de transação para os produtores: ajudá-los a evitar a insegurança sobre as vendas, já que o produto ou serviço estão bem posicionados em seu mercado aninhado. (POLMAN et al., 2010, p. 304).

Polman et al. (2010) revelam que o conceito de piscina de recursos comuns (PRC) fora desenvolvido por Eliane Ostrom, que em termos teóricos pode ser definida como um conjunto de recursos naturais e antrópicos cuja imensidão o torna

caro, entretanto possível de ser utilizado em conjunto por um grande número de pessoas (POLMAN et al., 2010). Polman et al. apontam para a convergência entre o modelo de PRC e os mercados aninhados, cujas similitudes estão concernidas através de um conjunto de regras comuns a todos os benefícios comuns que são produzidos (POLMAN et al., 2010). Para Polman et al., a PRC pode ser considerada como

[...] um recurso que está aberto para um número crescente de produtores. Também é acessível a um número potencialmente maior de consumidores. Rende benefícios para ambos os atores. É um recurso renovável. Ele é escasso. No entanto, há o perigo potencial que certos atores podem severamente destruir os benefícios conjuntos. Usuários e apropriadores cada um pode "prejudicar o outro". Assim, um conjunto mais ou menos institucionalizado de regras é necessário para governar o desenvolvimento de gestão piscina de recursos comuns. (POLMAN et al., 2010, p. 307).

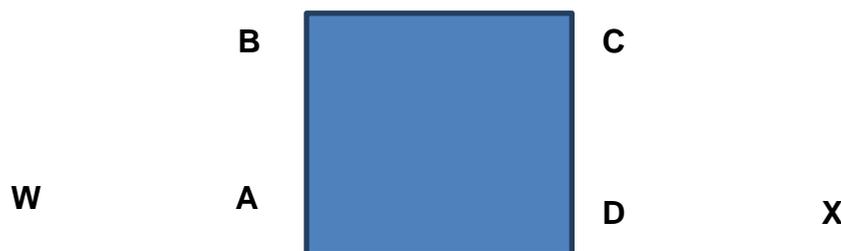
Como exemplo prático, Polman et al. (2010) revelam que a paisagem pode ser considerada como uma PRC, assim como um produto de alta qualidade (queijos finos, vinhos de origem comprovada, entre outros). Todavia, as PRC não restringem apenas aos bens materiais. As PCR também são dotadas de uma dimensão simbólica, conforme apontam Polman et al. (2010), ao aludir a “arte da agricultura”. Para os autores, as PRC ligadas ao desenvolvimento rural poderiam ser dotadas de qualidades de ações que visam manter e melhorar as diversas “artes” de manter uma bela paisagem; de ampliar a biodiversidade; da hospitalidade oferecida no campo; de produzir produtos de alta qualidade; de criar sinergias; de tornar acessivas as regiões atraentes e assim por diante.

Em consonância como o panorama acadêmico desses estudos sobre desenvolvimento rural, é possível conceber que a hospitalidade é um dos recursos comuns das famílias rurais, as quais já desenvolvem práticas de hospitalidade (recebem, alimentam, hospedam e entretêm seus hóspedes). Dessa forma, ao entrar nos aspectos referidos à hospitalidade e sua relação com o DR pela via da comercialização, as diversas práticas de hospitalidade estariam passíveis à valoração. Ou seja, a hospitalidade comercial no espaço rural se caracteriza como uma via para alcançar receita às famílias rurais, o que pode ser entendido como uma forma de acesso aos intitamentos senianos e a criação de um mercado aninhado baseado nas especificidades culturais do rural. Sob o paradigma capitalista, o acesso ao mercado turístico na condição de anfitriã permite a essas

famílias funcionamentos. Através da combinação desses funcionamentos, o interessante é que essas famílias possam escolher seguir a vida que segundo seus padrões é a desejada.

Quando se recorre ao tratamento holístico<sup>7</sup> para o fenômeno turístico, Jafar Jafari (1995), em “*Structure of Tourism: Three Integrated Models*”, elaborou um modelo analítico que, segundo Panosso Netto, “[...] apresenta a metáfora do trampolim para explicar o que se passa no psicológico de cada turista antes, durante e depois da viagem empreendida.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 82). Segundo Panosso Netto, Jafari utiliza três elementos para compreender as viagens, sendo o turista (pessoa central da viagem); o estado de espírito do turista (*touristhood*) e o aparato turístico (empresas que correspondem às necessidades dos turistas).

Figura 1 - Metáfora do trampolim.



Fonte: Jafari (1995)<sup>8</sup> apud Panosso Netto (2005, p. 82).

Segundo Panosso Netto (2005), a metáfora do trampolim apresenta seis etapas explicativas sobre o estado de espírito do turista (Figura 1). Para compreender como se sucedem as mudanças de etapas, o autor traz a seguinte explicação:

A etapa WA é a vida ordinária (comum), que cria a necessidade e o desejo de sair em viagem; a etapa AB é o processo de emancipação no qual está o ato de partida e o sentido de liberdade; a animação turística (BC) é a etapa em que se completa o ato do turismo, em que o turista é colocado no exterior de sua vida ordinária – é quando ele está em outro tempo e espaço que não o habitual; a etapa CD é o processo de repatriação, no que é inevitável o retorno da posição temporária de turista para constante realidade da base; a etapa DX é a volta ao lar do fluxo turístico, o qual incorpora a vida diária; a etapa AD é o ínterim da vida diária que continua apesar da ausência turística no meio ambiente sociofísico habitual. (PANOSSO NETTO, 2005, p. 82 – 83).

<sup>7</sup> Ver mais em Panosso Netto, 2005; Lohmann e Panosso Netto (2008).

<sup>8</sup> JAFARI, Jafar. Structure of tourism: three integrated models. In: WITT, Stephen F.; MOUTINHO, Luiz. Tourism marketing and management handbook. Englewood Cliffs: Prentice Hall International, 1995, p. 5-17.

Ao elaborar essa analogia entre o trampolim e os estados de espírito dos turistas, Jafari contempla uma demanda que havia por parte dos estudiosos do turismo em retomar a humanização do campo científico, cujo enfoque estava demasiadamente voltado aos aspectos e procedimentos dos serviços turísticos. Realizando o elo entre a teoria de Jafari com a hospitalidade e o DR, pode-se através das etapas identificar os pontos que proporcionam críticas reflexivas quanto ao panorama do turismo dentro das discussões acerca do DR.

A abordagem das capacidades de Sen possibilita um diálogo do lazer<sup>9</sup> e da hospitalidade enquanto instrumentos e fins do desenvolvimento. O fenômeno turístico no espaço rural é estudado em suas diversas facetas, cujas especificidades de cada segmento (turismo rural, agroturismo, turismo verde, ecoturismo, etc.) fogem ao objetivo desse trabalho. Todavia, é sabido que o espaço rural enquanto espaço de lazer vem sendo aproveitado cada vez mais por cidadãos. E é somente esse recorte do fenômeno turístico que ganha destaque, negligenciando as atividades de lazer dos rurais as quais podem se constituir em objeto de pesquisa no futuro. Dessa forma, a hospitalidade se porta como elemento fundamental para a formatação de estratégias de desenvolvimento rural que visem a multifuncionalidade na agricultura com a criação de mercados turísticos específicos e baseados na ruralidade das famílias que vivem no rural.

---

<sup>9</sup> Por lazer, toma-se a definição de Dumazedier que o define como “[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais” (DUMAZEDIER, 1973: 34).

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A *abordagem da pesquisa* é qualitativa. Aqui se busca refletir e analisar a hospitalidade com a utilização de metodologias que se adequam ao contexto da temática e seu estado da arte ainda incipiente. Em consonância com a situação de escassez documental sobre o fenômeno social da hospitalidade na Serra Fluminense, priorizou-se a coleta de entrevistas dessas famílias enquanto anfitriãs, bem como o desencadear de fenômenos a que essas estão sujeitas quando concedem hospitalidade. Logo, os dados primários que fundamentam o processo investigativo se baseiam nas entrevistas em profundidade de famílias que recebem visitantes.

Para a fundamentação teórica, realizei pesquisa bibliográfica que trata das bases teóricas dos estudos sobre a hospitalidade com a finalidade de tornar o tema transversal aos estudos de desenvolvimento rural. Uma das prerrogativas da existência dessa pesquisa é contribuir aos estudos sobre a hospitalidade brasileira no rural atual. Logo, a pesquisa assume caráter multidisciplinar quanto a sua tipologia, é descritiva quanto ao fim científico, repleta das opiniões e práticas culturais que são objetos desse trabalho.

A *caracterização do objeto dessa pesquisa* são as práticas da hospitalidade que se desenvolvem durante as ações em que hóspedes recebem, alimentam, hospedam e entretêm seus hóspedes. Tais práticas são reflexos da cultura e do contexto histórico de povos que habitam nosso planeta, além de se constituírem o sustentáculo da relação hóspede – anfitrião que também favorecem o desenvolvimento do turismo, apesar de não ser condição única. Assim, parte-se da premissa de que a hospitalidade não se resume ao turismo, embora seja impossível haver turismo sem hospitalidade. Portanto, prezou-se que essa pesquisa trouxesse a contextualização do recorte espacial com suas especificidades históricas, econômicas, sociais e turísticas.

Apesar de a hospitalidade ser um fenômeno social que envolve dois tipos de atores sociais (hóspedes e anfitriões), nessa dissertação focou-se a família rural na qualidade de anfitriã enquanto unidade de análise para esse trabalho. Ao privilegiar o ponto de vista dessas famílias, valoriza-se a realidade desse grupo humano no sentido de que se pretendeu emergir as realidades dessas pessoas que vivem no rural fluminense, mesmo porque analisar as perspectivas dos visitantes exigiria mais

fôlego para a concretização da pesquisa. Destarte, o presente trabalho se debruça sobre questões referentes às impressões e práticas da hospitalidade desempenhadas pelas famílias rurais dos municípios fluminenses de Carmo e Nova Friburgo as quais se constituem como *universo da pesquisa* (DENKCER, 2000).

A unidade de análise desse trabalho é a *família rural*. Tal conceito trabalhado por Carneiro e Teixeira (2012) está ancorado ao panorama fluminense. No estado do Rio de Janeiro,

[...] as famílias que residem no meio rural [...] se caracterizam por estarem concentradas em áreas consideradas exclusivamente rurais e por serem compostas por empregados e trabalhadores por conta própria, engajados majoritariamente em ocupações não agrícolas. (CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012, p. 59).

Carneiro e Teixeira (2012), ao analisarem a dinâmica do Rio de Janeiro, constataram uma sensível mudança social em seu espaço rural, pois, mesmo com a redução do emprego estritamente agrícola, a população rural fluminense não diminuiu. A reprodução social dessas famílias tem sido baseada em *ocupações não agrícolas*, entre as quais se encontra o turismo. Em análises sobre a Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio – PNAD, as autoras detectaram que a população rural fluminense apresentou crescimento anual de 1,7% ao ano no período de 1992 a 1999 (CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012, p. 59). Dessa forma, ambas concluem que, ao menos no caso fluminense, seria mais adequado referir-se a essas famílias na qualidade de rurais ao invés de agrícolas.

O fator motivador dessa pesquisa é a cultura rural fluminense, a incluir os hábitos de hospitalidade. Por isso selecionaram-se dois municípios que apresentam diferenças mesmo pertencendo à mesma região, os quais fornecem uma gama de variedades quanto às práticas da hospitalidade. A seleção dos dois municípios também favorece a ampliação do leque de estilos de hospitalidade que se sucedem na Região Serrana do Rio de Janeiro advindos de distinções inerentes às estruturas socioeconômicas, culturais e turísticas. No panorama atual, Nova Friburgo pertence ao Arco Turístico<sup>10</sup> fluminense (RANDOLPH et al., 2011), área já difusa pela comercialização de serviços de hospitalidade, onde Carmo está nas franjas, a

---

<sup>10</sup> O Arco Turístico do Rio de Janeiro pode ser entendido como uma “[...] área ao entorno imediato da região metropolitana, beneficiada por rodovias estaduais e federais, e que pode ser definida no limite de pouco mais de duas horas e de 180 km de distância da capital pelo asfalto, apresentando um grande contingente populacional migrante originário da metrópole, que se desloca através do turismo de veraneio e/ou de ‘fins de semana’” (RANDOLPH et al., 2011).

caracterizá-lo como área de expansão do arco e que em breve poderá encontrar em seu território a manifestação das atividades comerciais da hospitalidade. Dessa forma, o olhar do anfitrião se presta como uma ferramenta de constatação das diversidades que existem no território fluminense e de relevância social, a demonstrar a pluralidade da cultura do estado do Rio de Janeiro, a qual se encontra, ao menos no senso comum, atrelada em demasia às urbanidades. Assim, parte desse grupo humano, fluminense e rural, pode se reconhecer enquanto parte do mosaico cultural do estado do Rio de Janeiro.

Através dos relatos orais e práticas dos atores sociais que estão na qualidade de anfitriões rurais, pretendeu-se veicular esse conhecimento, o qual busca a repercussão do vivido, segundo a concepção de quem viveu. Para o *procedimento de coleta de dados*, utilizou-se como técnica as *entrevistas semiestruturadas* (DENCKER, 2000) e *guiada* (RICHARDSON, 2009) com *perguntas abertas em questionário* perviamente elaborado com base nas premissas que sustentam as práticas da hospitalidade. A proposta da entrevista baseou-se em interferir o mínimo nas respostas dos atores sociais pesquisados, onde me limitei a ouvir a fala desses e tratei de me certificar que as dimensões selecionadas serão tratadas (formulação de perguntas que se aplicavam ao momento, entre outros). Para melhor captação dos dados, utilizei gravadores de áudio para ter as falas dos entrevistados e máquina fotográfica para captar imagens de suas casas, sob sua autorização. No fim das entrevistas, apresentava o termo de consentimento (ver Apêndice B) que elaborei anteriormente, o qual continha informações sobre a pesquisa, bem como os processos pelos quais os dados coletados passariam, além de meus contatos. Apenas com a assinatura e a anuência dos entrevistados, utilizei os dados coletados junto aos mesmos.

Apesar de não ter nascido em Carmo, fui criado ali. Toda minha família materna é carmense, bem como a família de meu pai é originária de Nova Friburgo, apesar de eles terem seguido a diáspora para a Baixada Campista. Minhas raízes são interioranas e se moldaram na perspectiva de que Carmo é minha terra. Tal fator fora preponderante para que durante o Ensino Médio cursasse o Curso Técnico em Agropecuária Orgânica também no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Esse acontecimento me propiciou a oportunidade de estagiar na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro – EMATER – RIO, no Escritório Local – EsLoc - de Carmo que tem como

Escritório Regional o de Nova Friburgo. Nesse período que se iniciou em julho de 2005 até fevereiro de 2006, estive em contato com as famílias rurais de Carmo que eram assistidas pelos técnicos da EMATER – RIO, além das eventuais visitas aos demais municípios da Serra Fluminense. Assim, pude iniciar meu interesse sobre a cultura dessas famílias que também faz parte de mim. Assim, a minha aproximação com algumas famílias foi reflexo da experiência que adquiri como estagiário da EMATER – RIO, em que utilizei meus conhecimentos sobre a região, as estradas, o clima e alguns contatos para circular pelos recortes espaciais escolhidos para essa pesquisa.

Apesar de não ter contado com a estrutura física da EMATER – RIO quando estive em campo, o fato de ter tido essa vivência me proporcionou maior interação com as famílias de Carmo, sobretudo. Como eu não contei com caronas nos veículos do EsLoc de Carmo, vali-me do transporte público para as localidades rurais de Carmo, bem como caminhadas que giravam em torno de 7 a 10 km por dia, onde eu entrava de porteira em porteira para ter com as famílias que me concederam as entrevistas. Já em Nova Friburgo, contei com uma informante-chave que me proporcionou carona do Centro de Nova Friburgo até o Parque Estadual dos Três Picos onde vive e trabalha. Por intermédio dessa pessoa, pude localizar os demais componentes dos circuitos turísticos locais que não estavam acessíveis ao menos nos períodos que tentei contatá-los em maio de 2012, quando ainda estava em Porto Alegre/RS.

O passo a passo dessa pesquisa se fundamentou em alguns aspectos metodológicos para abordagem qualitativa expostos em Creswell (2010). Assim, realizei uma coleta de dados descritiva com o auxílio de gravadores de áudio, máquina fotográfica, e um diário de campo, cujo enfoque foi descrever sobre o que aconteceu ou acontece quando as famílias rurais se portam enquanto anfitriãs. Logo, vali-me a técnica de *observação participante artificial* (OLIVEIRA, 2007, p. 81), na qual me juntei às famílias rurais com a finalidade de colher dados sem revelar que pesquisava no exato momento suas práticas de hospitalidade para comigo. Como estava em trabalho, isso não me classifica como turista segundo Barretto (2003) mas não me impede de ser classificado como visitante. Assim, as famílias que me receberam foram minhas anfitriãs e eu estive sob suas práticas de hospitalidades, sendo fundamental sua anuência, pois, como Rocha e Eckert (2008) salientam, faz-se necessário “[...] conquistar a concordância [da minha presença]

para a observação sistemática das práticas sociais.”. Por intermédio dessa tipologia de observação, tencionei realizar uma análise descritiva do fenômeno, a delimitar os fatos que concernem ao recepcionar, hospedar, alimentar e entreter. Segundo Oliveira,

A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades e outros aspectos. Também é utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações, [...] para explicação de diferentes fatores e elementos que influenciam em determinado fenômeno. (OLIVEIRA, 2007, p. 68).

Assim, percebe-se que a pesquisa descritiva contém as fundamentações essenciais para obtenção dos objetivos propostos anteriormente. Através das descrições, colhi informações sobre os motivos que levam as famílias rurais serranas fluminenses a ofertar atividades de lazer, hospitalidade e turismo em suas propriedades. A estratégia adotada para o procedimento de coleta de dados se baseou na minha experiência enquanto pesquisador e frequentador da região. Portanto, a presente pesquisa se deteve em analisar as práticas da hospitalidade em seus domínios doméstico (privado) e comercial, a levar em consideração a sazonalidade para a realização do campo. Pressupôs-se que durante os feriados de final de ano, bem como os recessos escolares de verão são as épocas em que diversas famílias se reencontram seja para celebrar o Natal, o Ano Novo, ou apenas para desfrutar de lazer junto aos parentes no interior. Todavia, o período do verão é o de maior pluviosidade na Serra do Rio de Janeiro, o que anula o maior fluxo de turistas interessados em práticas de lazer ao ar livre para a região. A alta temporada da Serra Fluminense se constitui nos invernos, quando o clima é mais seco e frio.

Para tanto, a época do ano escolhida para a pesquisa foi planejada. Deduzira e comprovava-se que nos feriados de final de ano, bem como nas férias escolares de janeiro e fevereiro, as famílias rurais carmenses ao não se dedicarem à comercialização de serviços turísticos, tendem a estar mais propensas a praticar a hospitalidade aos seus círculos sociais, haja visto que os recessos de fim de ano, o acesso ao transporte e a predisposição em acolher e ser acolhido formam o fenômeno da hospitalidade doméstica. Da mesma forma, a alta temporada em Nova Friburgo ocorre na época fria e seca nos meses de inverno que coincidem com os recessos escolares de junho e julho, datas ideais para a coleta de dados junto às famílias rurais que comercializam serviços turísticos. Dessa maneira, a coleta de

dados que foi feita a fim de revelar diversos matizes em hospitalidade, preocupou-se não apenas pesquisar os variados domínios da hospitalidade, mas também a diversidade de famílias que estão no espaço rural, bem como duas localidades distintas da Serra Fluminense. Decerto, o fato de as famílias rurais carmenses estarem mais propensas à hospitalidade doméstica acaba por trazer mais detalhes sobre esse domínio nesse grupo de amostra, a valer o mesmo para as famílias de Friburgo com relação à hospitalidade comercial.

O critério para a seleção dos grupos de amostra foi o fato de essas famílias possuírem propriedades onde moram e/ou trabalham fora do perímetro urbano dos municípios de Carmo e Nova Friburgo. Como não foi possível analisar todo o universo de famílias rurais da Região Serrana do Rio de Janeiro, a amostra para a realização dessa pesquisa teve caráter não representativo, visto que a análise da hospitalidade no espaço em questão se preocupa tanto em fazer generalizações, como também demonstrar a pluralidade presente nos atos de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter nos domínios doméstico (privado) e comercial. O que interessa é a diversidade de casos, desde aquelas famílias que não possuem contato com a hospitalidade comercial, às já consolidadas.

Em campo, foi possível realizar 13 entrevistas em Carmo (de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012) e nove em Nova Friburgo (em junho de 2012), todas em suas propriedades. Em seis dessas entrevistas houve mais de uma pessoa a responder os questionários, visto que a unidade de análise é a família rural e as práticas de hospitalidade são desenvolvidas por todos os integrantes das famílias. As informações não orais, como os gestos, as ações, as cenas, foram catalogadas no diário de campo que carreguei comigo durante todo período em que coletei os dados, fundamentais para a construção desse trabalho. Com o auxílio da máquina de fotografar, captei imagens das paisagens e atividades diversas que incidem à hospitalidade na região. Como condição acatada pela maioria dos entrevistados, não serão expostos os relatos na forma direta, visto que se mantêm as identidades em sigilo a preservar a intimidade e singularidade dos interlocutores.

Em Carmo, o critério para a finalização da coleta de dados foi a repetição das informações referentes às práticas de hospitalidade, onde não se notaram maiores distinções entre as famílias entrevistadas no 1º distrito do município (Carmo). Já em Nova Friburgo, o critério adotado foi a totalidade de famílias que compõem os circuitos turísticos do 3º distrito (Campo do Coelho) que se encontravam disponíveis

durante o período escolhido para a coleta de dados. No total, cerca de 730 minutos de gravações foram transcritos arduamente por mim mesmo para facilitar a análise das informações coletadas juntos às famílias rurais.

Após a leitura das transcrições, bem como das informações contidas no diário de campo e as fotografias, o passo seguinte foi a inicialização do processo de organização desses dados. A manipulação dos dados foi feita através da *codificação* (DENCKER, 2000, p. 163) que consumiu cerca de seis meses. Os dados codificados foram agrupados em quadros referentes a cada tempo e espaço da hospitalidade, com a utilização do programa *Microsoft Office Word 2007*, onde recortei as informações transcritas de cada entrevista, bem como os dados do diário de campo e adicionei de acordo com as categorias de análise que foram baseadas nas premissas teóricas de Lashley (2004) e Camargo (2003) as quais são sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Categorias de análise da hospitalidade humana por Lashley (2004) e Camargo (2003)

<b>Eixo Cultural</b>	<b>Recepcionar</b>	<b>Hospedar</b>	<b>Alimentar</b>	<b>Entreter</b>
<b>Eixo Social</b>				
<b>Doméstica ou privada</b>	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso ou abrigo em casa para as pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para refeições e festas
<b>Comercial</b>	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis, hospitais e casas de saúde, presídios	A restauração	Eventos e espetáculos, espaços privados de lazer

Fonte: Camargo (2003, p. 19).

A ressaltar que nessa obra apenas os domínios doméstico (privado) e comercial serão passivos de análise, tem-se as categorias que permitem reunir os dados coletados junto às famílias rurais de Carmo e Nova Friburgo. Os dados coletados juntos às famílias anfitriãs foram expostos de forma indireta a fim de preservar o sigilo dos informantes, além de salvaguardar a intimidade das famílias conforme combinado quando estive contato com as mesmas.

Elaborada a codificação, a técnica para a análise dos dados realizada com o intuito de caracterizar o que é típico em cada tempo e espaço da hospitalidade humana, com algumas pontuações sobre distinções que se evidenciaram (geracionais, geográficas, turísticas, etc.) e sua consequente ligação com os

referenciais teóricos foi *análise funcional*<sup>11</sup> (DENCKER, 2000, p. 172). Tal tentativa se assemelha à análise funcional, pois se propõe em demonstrar que as práticas da hospitalidade são relacionadas com outros fenômenos que impactam e são impactados quando as famílias rurais recebem, alimentam, hospedam e entretêm seus hóspedes comercial e/ou gratuitamente.

### **3.1 Serra acima: o recorte espacial da pesquisa**

Apesar de se constituir um fenômeno que acompanhou o desenvolvimento de sociedades ao redor do mundo, a hospitalidade não desfrutou da mesma primazia enquanto objeto de estudo, sobretudo no espaço rural. Dessa forma, vale ressaltar que as práticas de hospitalidade são permeadas de todo desenvolvimento cultural que as diversas etnias desenvolveram em nosso planeta. Assim, a fim de trazer maiores explicações sobre o contexto onde se sucedem as práticas da hospitalidade na Serra Fluminense, essa dissertação aborda os elementos sociais, econômicos, culturais e turísticos que formam as forças produtivas que impactam e sofrem impactos pelo receber, alimentar, hospedar e entreter das famílias que ali habitam.

#### **3.1.1 Prelúdios da integração da Serra Fluminense à economia global**

A Serra Fluminense, ao contrário das demais regiões do Rio de Janeiro, teve tardia integração ao território estadual. Ainda no século XVI, o que hoje é o estado do Rio de Janeiro teve sua costa marítima ocupada pelos conquistadores portugueses que ao se misturarem com os nativos da terra formaram os primeiros fluminenses. Composto por três grandes baixadas, o território fluminense fornecera o tão estimado pau-brasil e outras madeiras de lei para a metrópole portuguesa, o

---

<sup>11</sup> Segundo Dencker, a análise funcional é “também chama funcionalista, estruturalista ou estrutura funcional. Considera que os fatos sociais não ocorrem separadamente, mas estão sempre relacionados com os fenômenos que os rodeiam. No turismo isso não é diferente. Os fatos são analisados em simultaneidade. Essas inter-relações sincrônicas significam que nenhum fenômeno é explicado isoladamente mas sim em termos de suas relações com outros fenômenos” (DENCKER, 2000: 172).

que pode ser considerado como o início de sua ligação mercantil global (LAMEGO, 1963)<sup>12</sup>.

A partir do século XVII, inserira-se a cultura da cana de açúcar nas baixadas do Rio de Janeiro, com destaque à Baixada Campista. O ciclo da cana de açúcar foi a primeira grande riqueza agrícola e industrial do Brasil Colônia, cujo auge fora os séculos XVI e XVII, cessado apenas pelas desvantagens comerciais das colônias açucareiras holandesas no Caribe e Ásia. Mesmo ao se tratar da economia açucareira, cujos engenhos nordestinos eram majoritariamente responsáveis pela produção, o Rio de Janeiro teve importância devido ao fato de, durante as invasões holandesas às capitanias nordestinas, o açúcar fluminense abastecera o comércio com a metrópole portuguesa. Ao gosto de onde a cana melhor se adaptara, estabeleceram-se os engenhos e toda a dinâmica de funcionamento. As várzeas, os solos aluviões, as planícies fluminenses em geral, experimentaram o desenvolvimento das primeiras cidades, a gozarem de uma história mais antiga que a Serra (LAMEGO, 1963).

Após a constatação da existência de reservas auríferas e de pedras preciosas em Minas Gerais, todo produto ali extraído tinha como destino Portugal. Tal acontecimento foi capaz de deslocar do Nordeste ao Sudeste o poder econômico e político da Colônia. Assim, a inexistência de litoral em Minas Gerais fez com que caminhos interligassem as jazidas aos portos fluminenses, feito capaz de trasladar a capital de Salvador ao Rio de Janeiro em 1763. Lamego (1963) revela que primeira rota terrestre era o aproveitamento de um caminho indígena (*peabiru*) do povo Guaianás que ligava Ouro Preto (na época, Vila Rica) a Paraty. Dali, seguia por mar até o Rio de Janeiro. Essa rota, também conhecida como Caminho Velho, apresentava problemas devido ao fato de o percurso marítimo estar vulnerável aos ataques de saqueadores nas Baías de Ilha Grande e de Sepetiba. Esse fator será o prelúdio para a Serra Fluminense integrar-se à dinâmica socioeconômica do Brasil Colônia.

Lamego (1963) afirma que o Caminho Novo surgira em 1707 como a via mais curta entre as áreas mineradoras ao porto do Rio de Janeiro. Ambos os caminhos

---

<sup>12</sup> Devido à escassez de referências que se aprofunde sobre os aspectos socioeconômicos, históricos, culturais e geográficos da Serra Fluminense, utiliza-se a obra que é referência para estudos sobre o território fluminense "O Homem e a Serra" (1963) do geólogo e geógrafo Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985), estudioso e apaixonado pela terra fluminense, sendo inclusive um dos anunciadores do potencial petrolífero na Bacia de Campos, sua terra natal no ano de 1944 com a publicação "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo".

são conhecidos como a Estrada Real e, apesar de cruzar a Serra fluminense, o Caminho Novo apenas passava por ali, não constituindo um fator efetivo de ocupação. A localidade em questão haveria de aguardar um fenômeno revolucionário capaz de trazer degradações, inovações e efetuar seu soerguimento não apenas no cenário nacional, mas também em todo mundo. Chegava o café.

### **3.1.2 A inserção do café e da Serra Fluminense na dinâmica socioeconômica mundial**

*Aué, meu irmão café!  
 Aué, meu irmão café!  
 Mesmo usados, moídos, pilados,  
 Vendidos, trocados, estamos de pé:  
 Olha nós aí, meu irmão café!  
 Meu passado é africano  
 Teu passado também é.  
 Nossa cor é tão escura  
 Quanto o chão de massapé.  
 Amargando igual mistura  
 De cachaça com fernet  
 Desde o tempo que ainda havia  
 Cadeirinha e landolé  
 Fomos nós que demos duro  
 Pro País ficar de pé!*

“Jongo do Irmão Café” de Nei Lopes

Apesar dos duzentos anos de atraso quanto à sua ocupação, a Região Serrana fluminense deve ao café o seu povoamento e integração socioeconômica à dinâmica vigente no Brasil Colônia. Tal novo fator agrícola foi responsável pela equiparação da Serra Fluminense ao dinamismo econômico que as demais regiões estaduais já usufruíam (LAMEGO, 1963). A exaustão das jazidas de ouro e diamantes colocara em risco as finanças da Corte portuguesa, mesmo com as

revoltas que ocorreram nas Antilhas holandesas, as quais culminam no retorno competitivo do açúcar brasileiro no mercado internacional que não desejava comercializar com as nascentes repúblicas caribenhas e latino-americanas. Somente com a vinda de mudas de café muda-se toda a estrutura socioeconômica do Brasil, a alterar em poucas décadas a paisagem humana, a cultura, além de inserir a Serra Fluminense no cenário mundial.

Em terras fluminenses, Lamego (1963) aponta que o início do cultivo do café se deu nos arrabaldes do Rio de Janeiro no início do século XIX, nos sítios e chácaras do subúrbio carioca. Alcançou a maioria das cidades e plantações da baixadas. Logo, o café passou a competir com a cana, apesar de os produtores na época notarem que aquele gênero possui comportamento distinto dessa. Lamego (1963, p. 06) revela que “[...] o café é por excelência um trepador, um inveterado escalador de serras.”. A rugosidade do solo, assim como a altitude, naturalmente eram empecilhos à expansão do cultivo da cana de açúcar, o qual era praticado principalmente em baixadas relativamente próximas aos portos que comercializavam com Portugal. As condições climáticas e topográficas serranas foram as prerrogativas à expansão da última fronteira agrícola fluminense: os cafezais se alastraram pela Serra Fluminense. Mudanças no hábito de consumo elevam o café como produto de luxo à elite Ocidental, o que pressiona a corrida pela expansão da lavoura cafeeira no Brasil. Toda essa conjuntura internacional, somada aos fatores que privilegiam o desenvolvimento da cafeicultura, determinaram a ocupação e integração da Região Serrana do Rio de Janeiro ao comércio exterior.

Além das características inerentes à topografia de regiões montanhosas, Lamego (1963) revela que o principal fator que complicara a ocupação da Serra Fluminense fora a imensa massa vegetal que a encobria. A elevação do preço do café nos mercados europeus, assim como o emergente mercado consumidor estadunidense que não desejava comercializar com as colônias e mercados de sua antiga metrópole, a Inglaterra; além da ambição dos senhores de engenhos das baixadas do Rio de Janeiro impeliram uma onda migratória à Serra Fluminense. A corrida pelo alcance do mercado externo deslocou para a região a estrutura social até então vigente, onde os latifundiários gerenciavam o território e o comércio, os escravos davam seus braços e técnicas para desbastar a floresta, a iniciar o cultivo do café. Nunca antes se vira tamanha destruição do patrimônio natural. Pelas palavras de Lamego,

Na Serra, entretanto, a ofensiva do café contra a floresta foi repentina e acelerada. O machado precedera ali, ademais, o gado, impossibilitando o transporte da madeira, e, a rapidez do plantio dos grandes cafèzais cada vez maior com a crescente invasão serrana a partir dos começos do século passado, resultou na derrubada em massa do matagal sem uma seleção e um corte inicial das espécies vegetais de valor pela durabilidade. As mais preciosas madeiras de lei incineravam-se em queimadas formidáveis que tudo consumia. Jamais o mundo vira um desperdício tão completo de uma flora tão valiosa devorada em turbilhões de fumo e chamas. (LAMEGO, 1963, p. 92).

Além do extermínio das espécies vegetais, os povos originários, sobretudo puris e coroados, que ainda resistiam na região foram dizimados ora pelo combate, ora pelas doenças que os fluminenses levavam consigo (VIEIRA, 2000). Durante o período imperial, a Serra Fluminense apresenta a maior síntese das enérgicas atividades do povo brasileiro, a elevar a então Província do Rio de Janeiro como a mais lucrativa entre as demais unidades da federação. O fluminense, elemento humano resultado da miscigenação entre os indígenas, portugueses e africanos, ao chegar a Serra leva consigo os costumes que adquirira nas terras baixas, como o apego ao cultivo da cana e a produção da aguardente que já eram desempenhados há cerca de 200 anos, embora em menor quantidade quando comparado às regiões origem (LAMEGO, 1963).

Lamego também afirma que o advento da expansão cafeeira na Serra Fluminense também insere novos costumes aos cafeicultores. Afrancesaram-se os hábitos culturais, arquitetônicos, gastronômicos, bem como se prosseguira o processo de miscigenação da cultura das três principais matrizes do povo fluminense. A partir de 1819, novos elementos humanos vão compor o mosaico étnico fluminense: inicia-se a imigração organizada pelo Estado.

Por conta de ter abrigado a Corte portuguesa na América, o Rio de Janeiro teve a primazia de abrigar o fluxo de imigrantes das mais diversas partes do globo terrestre. Os primeiros não lusitanos a virem para o Brasil de forma organizada foram os chineses. Em 1812, o Senador da colônia portuguesa de Macau, Raphael Bottado de Almeida, envia ao Horto Real (atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro) as primeiras mudas de chá (*Camellia sinensis*). A fim de iniciar o cultivo para abastecer o mercado europeu, D. João VI traz cerca de 300 chineses para iniciar o cultivo de chá no ano de 1814 em fazendas de nobres locais (BRASIL, 2012).

Na Serra Fluminense, o processo iniciara com a vinda dos suíços em 1819. Logo após vieram os alemães, italianos, espanhóis, portugueses, finlandeses, japoneses, libaneses, turcos... Todos esses povos vêm a somar para o processo de formação da cultura serrana do Rio de Janeiro, os quais miscigenados entre si assimilaram o espírito de brasilidade. Tal senso fora somente possível com a centralização do poder imperial, visto que a coesão em torno da Coroa manteve o Brasil unido contra risco de cisão em pequenas republicas, cujo senso emanava, sobretudo, a partir do Rio de Janeiro (LAMEGO, 1963). Vale salientar que o cimento que possibilitou tal efeito foi o café, cujos frutos guarneciam os cofres imperiais, permitiram o desenvolvimento da indústria, das comunicações, além de soerguer a Serra Fluminense no cenário mundial.

A vinda dos imigrantes suíços para a Região Serrana fluminense é o embrião do modelo da agricultura em pequena escala para a comercialização no Brasil. O Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves acolhera esses europeus vitimados pelo desastre ambiental que se sucedera em esfera global. Em 1815, o vulcão indonésio Tambora entrara em atividade de 5 a 10 de abril. A quantidade de gases liberados na atmosfera resfriara o planeta de tal maneira que, na Europa, o ano de 1816 ficara conhecido como o “Ano sem Verão”. A fim de elucidar o poder do Tambora, o Índice de Explosividade Vulcânica (*VEI*, sigla em inglês) classificou sua erupção como super-colossal, com pluma acima de 25 km de altura, emissão de 100 a 1.000 km<sup>3</sup> de piroclastos (fragmentos de rochas sólidas) e duração superior a 12 horas (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2012).

A maior explosão vulcânica ocorrida em tempos modernos atingira principalmente a Suíça, visto que a maior parte de seu território está situada nos Alpes, acima dos 1.000 metros do nível do mar, tornando-se propenso à acumulação de gases. Os impactos desse fenômeno ambiental repercutiram no território suíço de forma que

Se as condições eram ruins para as indústrias, pior ficava a situação da grande massa trabalhadora, diante da grave crise alimentar que se seguiu. Veio, então, a fome e a penúria. O lado oriental da Suíça foi impiedosamente atingido. Nos Cantões industrializados e em certas regiões de Thurgau e Zurique a maioria da população não tinha absolutamente nada com que se alimentar. Em 1817, St. Gallen registrou 5 mil mortes provocadas pela fome e desespero. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2012).

A administração de D. João VI além de ter financiado a viagem dos colonos suíços a Nova Friburgo, cederá terras, animais, sementes, alimento e dinheiro para que estes imigrantes pudessem se manter até sua estabilidade (HECHT, 2009). Ou seja, esses imigrantes foram recebidos pelo governo real, o qual estava enquanto anfitrião. Dessa forma, a vinda desses imigrantes suíços abriu parte da frente de ocupação da Serra Fluminense.

Hodierno, os descendentes desses imigrantes, brasileiros e miscigenados, vivem em propriedades rurais espalhadas pela Região Serrana do Rio de Janeiro. Foram acolhidos e lá restaram. Além da agricultura, algumas dessas famílias rurais acolhem pessoas (conhecidas ou estranhas). As condições entre hóspede e anfitrião mudaram, visto que aqueles que foram acolhidos pelo então governo real, hoje acolhem. Esse fenômeno carece de análise qualitativa, a fim de compreender as relações sociais que são tecidas pela prática da hospitalidade no espaço rural fluminense.

Para esse grupo humano rural fluminense, a agropecuária por si só não garante sua reprodução social, apesar de o setor primário se demonstrar bastante dinâmico e distinto do modelo moderno implantado em estados como São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná (MARAFON; RIBEIRO, 2006). Mesmo assim, faz-se necessário revelar que a estrutura fundiária fluminense segue o padrão nacional quanto à concentração de terras a minoria, em detrimento de uma maior parcela da população que ocupa minifúndios. No quadro a seguir é possível ter uma noção de como está disposta a estrutura fundiária do Rio de Janeiro, onde quase 11% das unidades com mais de 100 ha detém mais de 65% das terras produtivas fluminenses, enquanto 88,45% das unidades produtivas têm menos de 35% das terras e mesmo assim ocupa quase 78% das pessoas (MARAFON; RIBEIRO, 2006).

Tabela 1 - Área dos Estabelecimentos (Ha), Número de Estabelecimentos Agropecuários (Unidade) e Pessoal Ocupado (Pessoas) por Grupos de Área Total no estado do Rio de Janeiro, 1996

<b>Grupos de área total</b>	<b>Hectare</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>%</b>	<b>Pessoas</b>	<b>%</b>
<b>Menos de 1 ha</b>	2.540.090	0,13	3.657	8,66	14.399	8,30
<b>1 a menos de 10 ha</b>	95.515.270	3,95	15.499	36,71	55.852	32,05
<b>10 a menos de 50 ha</b>	376.853.451	15,59	14.229	33,70	48.662	27,93
<b>50 a menos de 100 ha</b>	305.116.586	12,62	3.962	9,38	16.861	9,67
<b>100 a menos de 500 ha</b>	935.189.563	38,70	4.221	9,99	27.993	16,06
<b>500 a menos de 1.000 ha</b>	326.783.917	13,52	456	1,08	5.955	3,41
<b>1.000 a menos de 10.000 ha</b>	362.207,182	14,99	191	0,45	4.482	2,57
<b>10.000 a menos de 100.000 ha</b>	12.098,548	0,50	1	0,002	23	0,01
<b>Total</b>	<b>2.416.304,607</b>	<b>100</b>	<b>42.216</b>	<b>100</b>	<b>174.227</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE, 1996; CIDE, 2001 apud Marafon; Ribeiro, 2006.

A inserção de atividades não agrícolas é uma realidade fácil de ser constatada no interior do Rio de Janeiro, sobretudo quando se trata de atividades turísticas. Embora o turismo no espaço rural seja abordado recentemente na academia, a prática de viagens de lazer à Região Serrana do Rio de Janeiro tem seus primórdios no século XIX (CORREA, 2008; D'ONOFRE 2010a; 2010b).

A vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, determinara a mudança de diversas dinâmicas no cotidiano fluminense, pois fizera com que a cidade fosse a única no mundo a ser sede de um império ultramarino europeu fora da Europa. Ao se ater às questões relacionadas às viagens, num momento posterior, o hábito de a Família Imperial rumar a Petrópolis durante os escaldantes verões cariocas, influenciara a elite local a também fazê-lo. Dessa maneira, as classes mais abastadas do Rio de Janeiro adquiriram o costume de viajar (veranear) para as cidades de clima ameno na serra fluminense (CORREA, 2008). Ou seja, a Região Serrana fluminense é por excelência um espaço turístico há cerca de dois séculos (D'ONOFRE, 2010a).

Embora esses dados revelem um cenário no qual o turismo desponta como fenômeno importante para a sociedade fluminense, a realidade mostra o contrário. O turismo, enquanto fenômeno social, motivado por pessoas que voluntariamente deixam suas residências e rotinas para (re)conhecer a Região Serrana do Rio de Janeiro, não possui uma compilação em quantidade de estudos referentes às

práticas sociais que se sucedem nesse espaço.

### **3.1.3 Aspectos socioculturais do recorte espacial em questão**

A região apresenta uma forte confluência cultural na região. Apesar de o município de Carmo ter seu passado atrelado às levadas de imigrantes estrangeiros, muitos mineiros, que deixaram as regiões de extração mineral, as quais se encontravam exauridas por volta do século XIX, povoaram as atuais terras carmenses (PELLOSO, 1977; MACHADO, 1999). Ainda hoje, diversas famílias rurais entrevistadas têm suas raízes do outro lado do Paraíba do Sul, sendo corrente a prática de visitas mútuas. As localidades mineiras mais citadas foram Além Paraíba, Leopoldina e Caratinga, todas elas acessadas pela BR 116 (Estrada Rio – Bahia). Tal realidade presta-se, inclusive, para constatar uma influência recíproca na constituição de uma identidade sudestina onde a fronteira natural representada pelo Rio Paraíba do Sul não separa, mas une.

Tal assertiva assenta-se em elementos hipotéticos que comprovam a miscigenação cultural da região, visto que quando Carmo ainda pertencia a Cantagalo, além dos mineiros que vieram a ocupar a área de garimpo em plena Serra Fluminense, o Rio Paraíba do Sul se constituía na principal via de ligação para com o litoral. Esse dado se presta para confirmar os relatos dos entrevistados que revelaram que muitas das famílias que hoje ocupam o rural carmense possuem origens no Norte Fluminense, bem como o Sul Capixaba. Outro fato para estabelecer esse ponto para a confluência cultural do sudeste brasileiro é que durante o início da conquista portuguesa do território em questão, de 1536 a 1615 houvera a Capitania de São Tomé que compreendia o que hoje é o Sul do Espírito Santo, o Norte do Rio de Janeiro, bem como o baixo Paraíba do Sul. A partir de 1615, a capitania passa a se chamar Paraíba do Sul, a qual em 1752 fora incorporada à Capitania do Espírito Santo. O território que então compreendia a extinta Paraíba do Sul retorna ao domínio do Rio de Janeiro em 1832, ano que se inicia o povoamento no qual hoje é o Carmo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE, 2012).

O território em questão demonstra uma constante interação cultural, econômica e social, pois apesar de Carmo pertencer ao estado do Rio de Janeiro,

quando se analisa sua posição junto à hierarquia urbana brasileira, constata-se que o município é agrupado à categoria de centro local. Menor unidade na hierarquia urbana, Carmo enquanto centro local está subordinado a Além Paraíba, município mineiro que está na categoria de centro de zona, o qual tem como capital regional a cidade de Juiz de Fora (MG), que por sua vez tem como metrópole nacional a cidade do Rio de Janeiro (IBGE, 2008). Dessa forma, pode-se dizer que há uma constante confluência cultural entre as regiões polarizadas pelo Rio de Janeiro, principalmente nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, além do Extremo Sul baiano (a cidade baiana de Teixeira de Freitas é o centro sub-regional mais setentrional da área de influência fluminense), o que acaba por facilitar uma maior interação econômica, social e política entre tais localidades as quais estiveram majoritariamente sob a mesma região desde que a divisão regional fora proposta no Brasil<sup>13</sup> (ver Quadro 4).

Quadro 3 - Panorama regional nos anos de 1913, 1945, 1950 e 1970 dos estados sob atual influência da metrópole fluminense.

Ano	Região	Estados
1913	Oriental	Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Sergipe
1945	Leste Meridional	Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro
1950	Leste	Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro
1970 <sup>14</sup>	Sudeste	Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo

Fonte: Francisco, 2012.

As famílias rurais de Nova Friburgo têm como visitantes seus familiares e amigos urbanos que vivem principalmente na capital fluminense. Em menor contingente, os pertencentes do CSED<sup>15</sup> dos anfitriões friburguenses estão em outras cidades da RMRJ, bem como em localidades de Minas Gerais. Da mesma forma que aqueles que o compreendem os círculos sociais dos anfitriões carmenses se deslocam pelas estradas fluminenses, o mesmo vale para aqueles que estão em

<sup>13</sup> No ano de 1940, o Rio de Janeiro fora agrupado na Região Sul, juntamente com os estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso formavam a Região Centro. Espírito Santo, Bahia e Sergipe, a Região Leste (FRANCISCO, 2012). Tal divisão permaneceu apenas por cinco anos.

<sup>14</sup> Divisão regional que permanece na atualidade.

<sup>15</sup> Círculo social expandido direto é uma categoria criada para distinguir e definir os hóspedes das famílias anfitriãs cujas varáveis se baseiam na distância entre as casas dos atores em questão e suas afetibilidades, principalmente. Ver explicação mais adiante, no capítulo 4.

categoria análoga aos anfitriões friburguenses. As rodovias mais acessadas são a BR 116 (trecho Rio – Teresópolis), RJ 116 (Rio – Nova Friburgo) e RJ 130 (Teresópolis – Nova Friburgo), das quais apenas a última não possui cobrança de pedágio.

Ao contrário de Carmo, Nova Friburgo está subordinada à metrópole fluminense como um centro sub-regional de primeira categoria que por sua vez polariza nove centros locais<sup>16</sup> (pequenos municípios) na Serra Fluminense. Dessa maneira, Nova Friburgo apresenta uma maior centralidade na hierarquia urbana fluminense quando comparada ao Carmo, fato que se constata no maior contingente populacional, maior PIB municipal, dentre outros índices que detectam as condições econômicas, sociais e demográficas dos municípios.

Entretanto, a dinâmica cultural fluminense apresenta o mesmo reflexo da centralização política e econômica polarizada pela cidade do Rio de Janeiro. Ao partir da perspectiva de Rolim (2012) acerca da identidade fluminense, alguns pontos sobre a história, a economia e a política devem ser levados em conta para explicar a hegemonia da capital frente ao interior fluminense. O fator que sustenta a teoria de Rolim acerca da fluminensidade gira em torno da utilização do gentílico fluminense.

Segundo Rolim, mesmo com a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, referiam-se ao povo da província do Rio de Janeiro como fluminenses, cujo radical é *flumen* que em latim significa rio. Com elevação da cidade do Rio de Janeiro à condição de município neutro em 1834, os nascidos ali receberam o gentílico carioca, que em tupi significa casa de branco, embora Rolim (2012) revele que por força da tradição a elite da cidade do Rio de Janeiro continuava a ser tratada como a “sociedade fluminense”.

Entretanto, Rolim pondera que no período republicano o panorama cultural ganhará novos contornos para a dinâmica do que hoje é o estado do Rio de Janeiro. A prosperidade do café no século XIX foi um fator que trouxera o interior do Rio de Janeiro como a principal economia no período imperial, fato que mudou na virada do século XIX para o XX. O episódio conhecido como “A Marcha do Café” foi o fator principal para que a identidade fluminense entrasse em declínio perante o forte

---

<sup>16</sup> Os centros locais subordinados a Nova Friburgo são Bom Jardim, Cantagalo, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Sumidouro e Trajano de Moraes (BRASIL, 2008).

sentimento de ser carioca. A ida do café para outras regiões do Sudeste, com destaque ao interior paulista, levava consigo a primazia econômica do Ciclo do Café para longe das serras do Rio de Janeiro (LAMEGO, 1963). O processo de esvaziamento do interior do Rio de Janeiro e sua decadência econômica vão ser determinantes para que a fluminensidade sofresse um processo de ostracismo (ROLIM, 2012).

A cidade do Rio de Janeiro, diferentemente, continuava como capital da República, centro industrial e referência internacional da cultura brasileira. Rolim (2012) reitera que a identidade cultural carioca não condizia com o cenário fluminense. A hegemonia carioca permanecera inabalada até 1960, quando o centro político migra para o Planalto Central. A permanência da emancipação do Rio de Janeiro enquanto estado da Guanabara sedimentava ainda mais a condição subalterna do estado do Rio de Janeiro em relação à recente unidade da federação. Pelas palavras do autor,

[...] com a transferência da capital para Brasília, em 1960, e a criação do Estado da Guanabara, aquela condição de quase colônia do Estado do Rio de Janeiro passou a ser inaceitável. Do ponto de vista político, a mudança da capital foi altamente vantajosa para o estado recém-criado (custo dos serviços essenciais por conta da União, aplicação de imposto estadual (IVC) em um único município, etc.). Ao Estado do Rio, como assim era chamado, apesar de sua condição de extensão da capital do País, nenhuma compensação. (ROLIM, 2012).

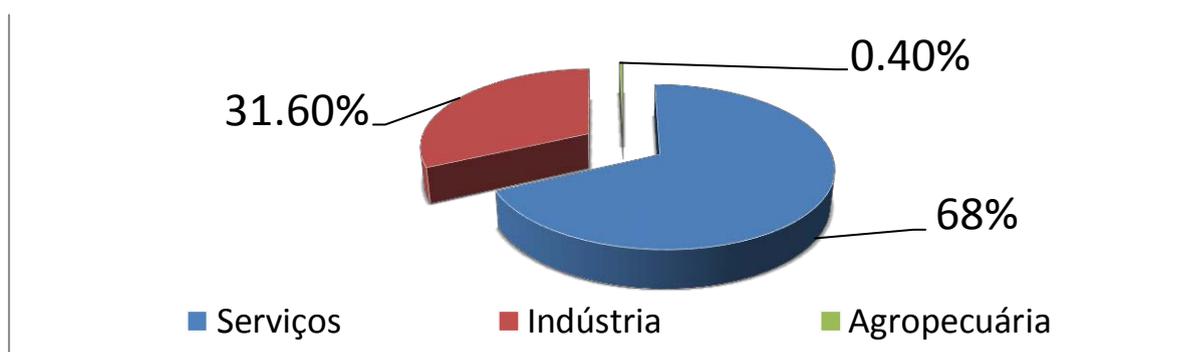
Rolim (2012) pontua que a Guanabara existiu até 1975, quando durante a ditadura militar, o governo Geisel reunifica a cidade do Rio de Janeiro como capital do estado do Rio de Janeiro, que tivera Niterói como capital durante a maior parte dos cerca de 140 anos de cisão. Ou seja, há apenas 37 anos os fluminenses unidos novamente estão a recriar sua cultura que ainda carrega muito da hegemonia da capital. Assim, apenas o tempo dirá quais contornos a fluminensidade assumirá num contexto em que desponta o setor petrolífero no Norte Fluminense; o maior complexo petroquímico da América Latina está em fase de construção nas franjas metropolitanas com a Região das Baixadas Litorâneas; o Sul Fluminense se destaca como polo mecânico, siderúrgico e nuclear; a Serra Fluminense com seus polos têxtil, tecnológico, agrícola e turístico; e o Noroeste Fluminense permanece como fronteira agrícola e pecuária estadual; num estado que cada vez mais se une em prol de questões como a divisão dos royalties do petróleo e faz presente seus

símbolos (bandeiras, brasões, etc.).

### 3.1.4 A Serra Fluminense na atualidade

O estado do Rio de Janeiro possui sua pauta econômica voltada ao setor de serviços e à indústria (ver gráfico 1). Somente o setor terciário, incluindo o turismo, é responsável por 68% do produto interno bruto – PIB – do estado, seguido pelo setor secundário com cerca de 30%, onde se destaca a indústria extrativa mineral-petróleo, que sozinha participa de 15,4% do PIB fluminense. A agropecuária não alcança 0,5% da geração de renda estadual<sup>17</sup> (RIO DE JANEIRO, 2010).

Gráfico 1 - Produto interno bruto do estado do Rio de Janeiro



Fonte: Rio de Janeiro, 2010.

A coadunar com a perspectiva assentada na multiplicidade de atividades arroladas no espaço rural, as quais não se assentam apenas na agropecuária, vale destacar que esse setor econômico fluminense gera mais de R\$ 1 bilhão (RIO DE JANEIRO, 2010). Ao versar sobre tal, diversos especialistas afirmam que o setor agrícola do Rio de Janeiro não é uma dos mais significativos do país, o qual apresenta “baixas variáveis” (pessoal ocupado, valor da produção, quantidade colhida e modernização) quando comparada as demais unidades da federação (MARAFON; SILVA, 2007). Entretanto, mesmo com as evidentes constatações, o

<sup>17</sup> Em estudo preliminar sobre o agronegócio fluminense, a Federação da Agricultura, Pecuária e Pesca do Estado do Rio de Janeiro – FAERJ – e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE-RJ – encomendado ao Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP) que aponta para o fato de que o setor no Rio de Janeiro responde por cerca de R\$ 12 bilhões do total gerado pela economia, o que corresponderia a 3,5% do PIB fluminense (BARROS et al., 2012).

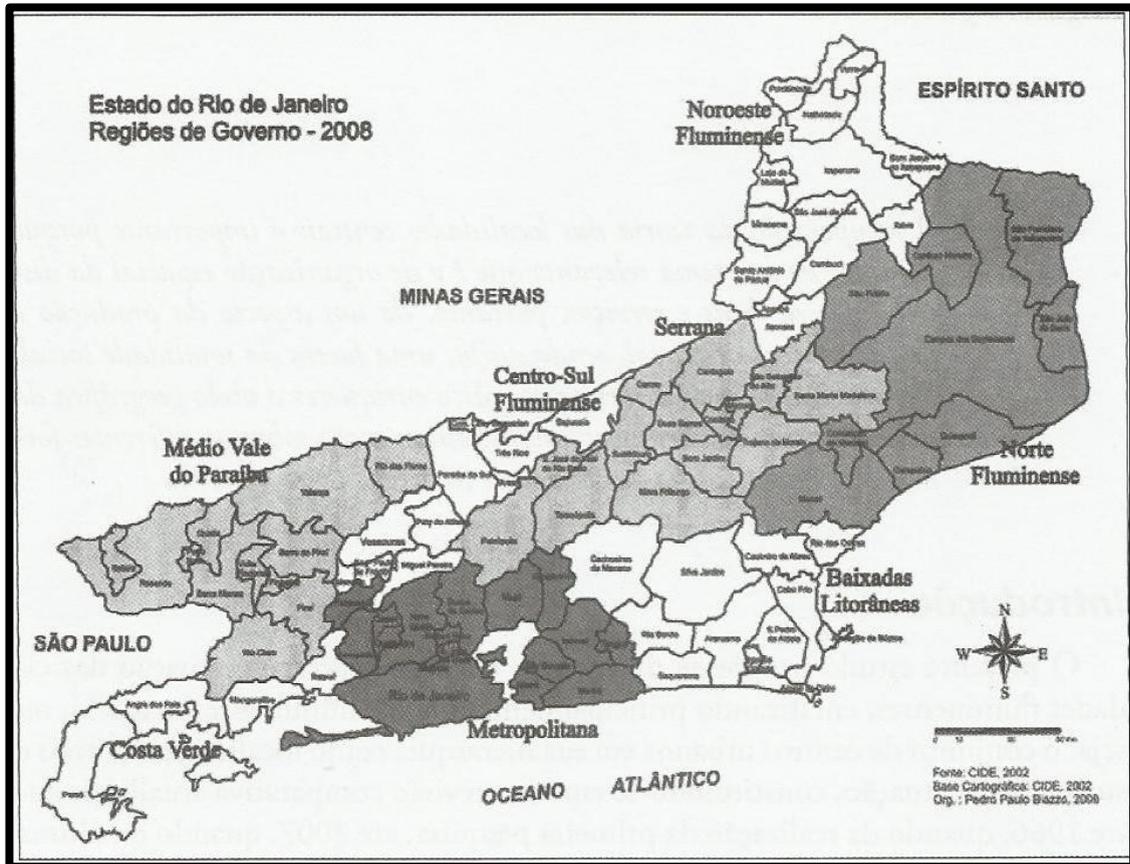
trabalho se dirige a soerguer o rural fluminense, um espaço que apresenta contrastes inerentes à diversidade brasileira, cujas famílias rurais não se integram à economia somente pela agricultura, pesca ou pecuária.

O cenário econômico do Rio de Janeiro tende a centrar esforços nas suas vocações atuais que são o petróleo e o turismo. A descoberta de mais bacias petrolíferas no litoral fluminense e a captação dos maiores eventos esportivos do mundo, a Copa do Mundo FIFA (em 2014) e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Verão (em 2016), prestam-se como indicadores dos rumos atuais à economia do Rio de Janeiro. Consequentemente, o estado fluminense se volta ao litoral, na ânsia de encontrar seu futuro através do extrativismo petrolífero e da atividade turística. Soma-se ainda o fato de 96,7% da população fluminense viver em cidades (IBGE, 2010), a maioria na Região Metropolitana – RMRJ – e no Litoral, a evidenciar que as questões voltadas à agricultura fluminense permanecerão em plano coadjuvante.

Muito embora, meio milhão de fluminenses habite o espaço rural e tal população é maior que todo o estado de Roraima (IBGE, 2010). Espaço esse que permanece na coxia, fora de cena. Outrora, o interior do Rio de Janeiro fora um espaço que representara o interesse econômico nacional, com a extração aurífera, a produção de café, além de ter sido o berço do colonato estrangeiro no País. Ao debruçar-se sobre a história agrária brasileira, destaca-se que o Rio de Janeiro foi o primeiro local da nação que experimentara um novo modelo de produção agrícola distinto do *plantation* sob outorga do Estado, o qual será descrito mais à frente.

Pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o estado do Rio de Janeiro possui seis unidades territoriais em nível de mesorregião geográfica, sendo elas: Baixadas, Centro Fluminense, Metropolitana, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense e Sul Fluminense. Para o IBGE, Serrana se constitui uma microrregião geográfica que engloba apenas três municípios (Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto e Teresópolis). Todavia, Lamego (1963, p. 11) revela que o que se denomina “Serra” no estado do Rio de Janeiro é toda a parte montanhosa que compreende a bacia do Médio Paraíba do Sul, a qual se distingue da longa faixa deprimida e litorânea que formam as baixadas fluminenses. Tal concepção foi inclusive adotada pelo governo fluminense (ver Mapa 1), que na imagem seguinte classifica o universo empírico dessa pesquisa como Região Serrana.

Mapa 1 - As regiões de governo fluminense



Fonte: Biazzo (2009, p. 24)<sup>18</sup> apud Ribeiro (2010, p. 244).

Destarte, convencionou-se que as localidades situadas na Serra dos Órgãos (uma das componentes da Serra Fluminense) são serranas. Muito embora, Carmo e Nova Friburgo são reconhecidos pelo senso comum como municípios serranos, apesar de o IBGE classificá-los como pertencentes à mesorregião Centro Fluminense (ver Figura 2), sendo o primeiro da microrregião de Cantagalo-Cordeiro e o último, à microrregião homônima de Nova Friburgo (IBGE, 2011).

<sup>18</sup> BIAZZO, Pedro Paulo. **Relações campo-cidade na região norte fluminense: ruralidades e urbanidades em transição.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Instituto de Geografia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, 125 p..

Figura 2 - Centro Fluminense



Fonte: IBGE, 2011.

Segundo Corrêa (2008), Nova Friburgo foi concebida como um projeto de colonização regido pessoalmente por D. João VI no início do século XIX. A região de clima ameno e seco recebeu os 1.662 suíços no final de 1819, embora já houvesse fazendeiros instalados, com destaque a Antônio Clemente Pinto, o barão de Nova Friburgo, assim como descendentes de africanos e indígenas. Na figura 3, a qual vem logo a seguir, é possível ter noção da posição geográfica de Nova Friburgo.

Figura 3 – Posição de Nova Friburgo no Centro Fluminense



Fonte: IBGE, 2011.

O governo ficou responsável diretamente pela administração da primeira colônia de imigração europeia, distribuindo terras, animais, sementes e outros artefatos necessários para o estabelecimento dos suíços. Contemporaneamente, um édito real desmembrara a localidade da Fazenda do Morro do Queimado, a qual pertencera a Cantagalo, em Freguesia de São João Batista da Vila de Nova Friburgo, homenagem à procedência dos colonos suíços [Fribourg], (CORRÊA, 2008, p. 45). Todavia, após a Revolução Liberal portuguesa de 1820, D. João VI se viu obrigado a retornar a Lisboa. O fato de o monarca lusitano ter de retornar a Portugal fez com que os suíços se vissem num ambiente que não favorecera suas demandas. Outros problemas, como a distribuição de terras, foram o ápice para que a colônia não lograsse sucesso, pois

A desigualdade na distribuição de terras, algumas de todo incultiváveis, consistindo em encostas e picos muito escarpados, fez com que somente uma minoria de colonos permanecesse nas fazendas. A população de 1.662 suíços em Nova Friburgo, em 1820, ficou reduzida a 632 em 1830. Alguns colonos migraram para Cantagalo e outros para a região de Macaé de Cima (CORRÊA, 2008, p. 47).

Corrêa (2008) revela que a diáspora dos suíços pelas cercanias pode ser caracterizada como a falência do projeto de colonização suíça em Nova Friburgo. Com a assinatura da Lei Áurea de 1888, o fluxo de imigrantes europeus ao Brasil aumentou significativamente para substituição da força de trabalho nas lavouras brasileiras. Ainda em 1824, Nova Friburgo recebeu o contingente de 343 alemães no dia 4 de maio, o que a consagra como também primeira colônia germânica do Brasil. Seguido dos germânicos, vieram os italianos, portugueses, espanhóis, turcos, libaneses e japoneses.

Figura 4 – Posição de Carmo no Centro Fluminense



Fonte: IBGE, 2011.

Já o Carmo, teve seu surgimento atrelado às questões religiosas. Um grupo de donos de terras abastados doou parte delas para a construção de um templo católico em homenagem a Nossa Senhora do Carmo no ano de 1842 (MACHADO, 1999). Assim como Nova Friburgo, Carmo também teve sua história ligada à cidade-matriz de Cantagalo. Como característica da localidade, as terras da então Vila do Carmo de Cantagalo também se voltavam à cafeicultura.

Após o insucesso na partilha das terras em Nova Friburgo, parte dos colonos suíços que lá se encontravam foi para o Carmo a fim de seguir com seu processo de colonização em terras fluminenses. Diferentemente de Nova Friburgo, o Carmo teve sua emancipação em 1881 (MACHADO, 1999). Todavia, ambas as cidades partilham do mesmo fenômeno: a chegada dos imigrantes europeus (sobretudo suíços e italianos) e do Oriente Médio (libaneses e turcos).

O contingente de imigrantes das mais variadas partes do globo terrestre vai contribuir, juntamente com os já estabelecidos africanos, portugueses e indígenas [miscigenados entre si], para a formação do povo serrano fluminense. Na iminência das comemorações de 200 anos de existência, Nova Friburgo vivenciou mais mudanças em sua dinâmica sociocultural devido à emergência de novos setores

econômicos, alterando os valores, significados e estruturas dispostas em seu território, fenômenos dos quais o Carmo não experimentou da mesma forma.

Carmo e Nova Friburgo se mantêm como abastecedores de alguns gêneros alimentícios e flores provenientes da agricultura familiar local. O município friburguense também conta com o maior distrito produtor agrícola estadual (PEREIRA, 2004, p. 78), o qual ajuda a suprir a demanda fluminense por produtos primários. Salienta-se que este município serrano dista cerca de 130 km da cidade do Rio de Janeiro, o segundo polo consumidor do País e um dos maiores da América Latina.

Os municípios em questão, apesar de estarem dispostos na mesma região, possuem distinções quanto suas características demográficas, econômicas, turísticas, sociais, culturais e ambientais que podem ser contatadas na tabela 1. Enquanto Nova Friburgo é uma cidade média com mais de 180 mil habitantes, o Carmo possui menos de 18 mil habitantes (IBGE, 2010). Carmo e Nova Friburgo apresentam porcentagens de população rural acima da média estadual, pois o Rio de Janeiro possui menos de 4% de seus habitantes vivendo em áreas rurais (IBGE, 2010). As duas municipalidades apresentam taxas acima dos 10%, bem próximas a realidade nacional, visto que o Brasil tem cerca de 17% de sua população no campo.

Tabela 2 - Dados gerais dos municípios fluminenses de Carmo e Nova Friburgo relacionados aos estabelecimentos agropecuários, aos meios de hospedagem e índices demográficos na década de 2000

Dados	Carmo	Nova Friburgo
Residentes	17.434	182.082
Residentes em área rural	3.964 (22,74%)	22.710 (12,47%)
Estabelecimentos agropecuários	461	1.555
Área dos estabelecimentos agropecuários	26.254 há	18.533 há
Estabelecimentos de hospedagem	3	84
Hotéis-fazenda	-	6
Acomodações	112	3.853
Acomodações em hotéis-fazenda	-	345
Índice FIRJAN de desenvolvimento municipal e posição no estado do RJ <sup>19</sup>	0,6308 (85º)	0,7779 (11º)
Incidência da pobreza	24,53%	13,71%
Índice de Gini	0,42	0,42

Fonte: IBGE (2000, 2003, 2006, 2010); FIRJAN, 2011.

Os índices socioeconômicos e demográficos dos dois municípios apresentam contrastes que demonstram o nível de inserção à economia de cada um deles. As semelhanças entre Carmo e Nova Friburgo concernem somente ao Índice de Gini, visto que ao suplantarem a marca de 0,50 ambos os municípios apresentam uma desconcentração da renda, pois quanto mais próximo a zero maior dispersão monetária no município. No entanto, o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal – IFDM revela contrastes. O estado do Rio de Janeiro possui 92 municípios, cujo ranking fluminense do IFDM Nova Friburgo está entre os 15 municípios mais bem colocados, enquanto Carmo está entre os 10 piores.

Porém, ao realizar uma análise mais cautelosa da realidade das duas municipalidades, verifica-se um interessante panorama. O IFDM conta com três indicadores:

- a) Emprego e renda: dados do Ministério do Trabalho sobre geração de emprego formal, estoque de emprego formal e salários médios do emprego formal;
- b) Educação: dados do Ministério da Educação sobre taxa de matrícula na

<sup>19</sup> Preferiu-se o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal – IFDM ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH-m, pois aquele apresenta periodicidade anual, diferentemente do IDH-m que é decenal. Outro fator que pondera a predileção ao IFDM é que tal índice tem sua metodologia ajustada para analisar as realidades dos municípios, enquanto o IDH-m é apenas uma adaptação do IDH (idealizado para nações).

educação infantil, taxa de abandono, taxa de distorção idade-série, percentual de docentes com ensino superior, média de horas-aula diárias e resultado do IDEB; e;

c) Saúde: dados do Ministério da Saúde sobre número de consultas pré-natal, óbitos infantis por causas evitáveis e óbitos por causas mal definidas.

Apesar da defasagem de três anos, visto que é o tempo que os Ministérios consultados disponibilizam os dados que se tornam variáveis para a formatação do índice, o ano base dos dados aqui utilizados é de 2009. Na tabela 2, é possível verificar os dados referentes às municipalidades em questão:

Tabela 3 - Indicadores do IFDM pormenorizados de Carmo e Nova Friburgo com ranking estadual para o ano de 2011

<b>Indicadores \ Municípios</b>	<b>Carmo</b>	<b>Nova Friburgo</b>
IFDM - Emprego e Renda	0,3003 (85º)	0,6357 (24º)
IFDM – Educação	0,8797 (1º)	0,8536 (8º)
IFDM – Saúde	0,7123 (89º)	0,8450 (35º)

Fonte: FIRJAN, 2011.

De fato, percebe-se que fora o indicador educacional, Nova Friburgo supera Carmo nos demais indicadores. Apesar disso, Carmo ostenta a segunda melhor posição em educação no estado do Rio de Janeiro, apesar de estar entre os 25 piores municípios nos indicadores da saúde e emprego e renda. Ao contrário, Nova Friburgo, com exceção do indicador saúde, está entre os 25 melhores em emprego e renda e educação (FIRJAN, 2011).

Turisticamente, os municípios se encontram em distintas regiões. Segundo o Governo do Rio de Janeiro, “[...] o mapeamento das Regiões Turísticas tem por objetivo a organização territorial e a gestão da atividade, constituindo estâncias intermediárias de articulação entre o estado e os municípios.” (RIO DE JANEIRO, 2006). O sítio eletrônico da Secretaria de Estado de Turismo - SET - fluminense revela que

O mapeamento turístico no estado resultou na aglutinação de um determinado número de municípios, conferindo praticidade à operação conjunta de ações propostas para o desenvolvimento do setor, sem perder de vista a necessária integração das diversas regiões na realização e promoção do produto turístico de todo o estado. As regiões turísticas foram identificadas de modo a guardarem, internamente, um sentido de

homogeneidade e complementaridade traduzidas pela identidade geográfica, paisagística, territorial e da oferta de infra-estrutura e serviços. O processo de regionalização é dinâmico e vem sendo ajustado de tempos em tempos para atender a novos cenários. (RIO DE JANEIRO, 2006).

A SET ainda informa que desde o Plano Diretor de Turismo de 2001, os municípios do estado foram agrupados em 13 regiões turísticas, por resultado de análises técnicas, considerando a similaridade de vocações e peculiaridades regionais. No ano de 2005, o Ministério do Turismo - MTur - disseminou um processo de revisão da regionalização turística nacional, o que conseqüentemente resultou no decréscimo do número de regiões<sup>20</sup> para 11 (Metropolitana, Agulhas Negras, Baixada Fluminense, Caminhos da Mata, Costa Doce, Costa do Sol, Costa Verde, Noroeste das Águas, Serra Norte, Serra Verde Imperial, Vale do Café).

O Carmo está contido na região turística Serra Norte<sup>21</sup>, destinação turística que possui 5.118,8 km<sup>2</sup> e mais de 170.000 habitantes. O grupo de municípios contidos no Serra Norte está disposto num ambiente montanhoso, de expressiva beleza natural, enriquecido pela presença de remanescentes da Mata Atlântica (RIO DE JANEIRO, 2006). A SET ainda pontua que

O perfil predominantemente rural da maioria dos seus municípios e a tranqüilidade de pequenas cidades interioranas propiciam o desenvolvimento do turismo rural e do ecoturismo, com destaque também para o turismo de compras (moda íntima). Merecem destaque ainda, conjuntos de arquitetura típica [...]. (RIO DE JANEIRO, 2006).

Já Nova Friburgo faz parte de uma região turística consolidada e projeção internacional: a Serra Verde Imperial<sup>22</sup> cujo município referência é Petrópolis. O destino em questão abriga cerca de um milhão de pessoas, numa área de 4.971,8 km<sup>2</sup>. Segundo a SET, “[...] destacam-se como potencialidades regionais o aspecto paisagístico diversificado, com topografia de declives acentuados, [...] e

---

20 Em 2005, atendendo a orientação do Ministério do Turismo, foram apontadas as regiões consideradas estratégicas para o desenvolvimento do turismo no estado, sob a perspectiva do curto prazo. As seis regiões indicadas como estratégicas apresentam produtos e roteiros já consolidados ou com potencial de rápida consolidação, com vistas à comercialização. São elas: Metropolitana, Costa do Sol – Região dos Lagos, Costa Verde, Serra Verde Imperial, Agulhas Negras, Vale do Café (RIO DE JANEIRO, 2006).

21 Compõem o Serra Norte os seguintes municípios: Bom Jardim, Cantagalo, Carmo, Conceição de Macabu, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Sapucaia, Sumidouro e Trajano de Moraes (RIO DE JANEIRO, 2006).

22 Compõem o Serra Verde Imperial os seguintes municípios: Areal, Cachoeiras de Macacu, Comendador Levy Gasparian, Guapimirim, Magé, Nova Friburgo, Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto, Teresópolis e Três Rios (RIO DE JANEIRO, 2006).

remanescentes da Mata Atlântica de beleza exuberante.” (RIO DE JANEIRO, 2006). O Serra Verde Imperial ainda conta com o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, cuja reserva florestal apresenta potencial turístico que, por sua vez, desencadeia um atrativo especial para o excursionismo e para a prática do montanhismo. Segundo a SET ressalta-se ainda que os recursos naturais do Serra Verde Imperial são abundantes e envolvem diversas serras que dão origem a inúmeras quedas d’água (RIO DE JANEIRO, 2006).

A proximidade da RMRJ, assim como a gastronomia variada e a tradição cultural das diversas etnias que vieram a compor o mosaico serrano fluminense são outros fatores positivos para a atratividade do Serra Verde Imperial. A SET salienta que

A Região oferece excelentes oportunidades para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao ecoturismo, turismo rural e turismo de negócios, feiras e convenções de pequeno e médio porte, especialmente nos municípios de Cachoeiras de Macacu, Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. A oferta de meios de hospedagem é bastante diversificada na Região, com um relativo predomínio de hotéis-fazenda. (RIO DE JANEIRO, 2006).

É perceptível que as diferenças entre Carmo e Nova Friburgo se dão em diversas instâncias, inclusive ao que concerne ao turismo. Reflexo disso pode ser constatado na quantidade de alojamentos e acomodações comerciais entre ambos os municípios, onde Nova Friburgo possui 28 vezes mais alojamentos e 34 vezes mais acomodações que o Carmo. Outro fator que deve ser exposto é que Nova Friburgo está contido no eixo de urbanização serrano que abarca os municípios de Petrópolis e Teresópolis, os quais em conjunto compõem o Arco Turístico do Rio de Janeiro (RANDOLPH et al., 2011). Já o município de Carmo está fora de tais fenômenos, os quais podem ou não englobá-lo futuramente.

Em seguida, está disposta a análise dos dados baseada na comprovação com as técnicas empregadas, o diálogo com as teorias e a exposição das práticas da hospitalidade sob a égide de impactos mútuos com outros fenômenos de ordem social, econômica, cultural, ambiental, política e turística.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Antes de iniciar a descrição dos fenômenos que envolvem a hospitalidade das famílias rurais de Carmo e Nova Friburgo, é necessário explicitar que por mais que a estratégia previamente selecionada para abordar tal fenômeno social tenha sido dividi-lo em suas ações que abrangem a noção de hospitalidade, isso não significa que elas não coexistem e se sobrepõem. Muito pelo contrário: a hospitalidade consiste na profusão do recepcionar, do alimentar, do hospedar e o entreter. Dessa forma, é possível que, ao se falar sobre o entretenimento das famílias rurais, se perceba a presença dos demais atos supracitados, bem como a possibilidade de se perceber outros que, por ora, o recorte analítico não se propõe em analisar.

Tal expectativa também vale para os dois domínios que são trabalhados nessa literatura, em que se percebe principalmente no caso das famílias de Nova Friburgo que ao se dedicar ao comércio de serviços de hospitalidade, tal atividade não anula o fato de que essas mesmas famílias dispensem hospitalidade sem almejar lucro financeiro. Salienta-se também que o fato de se tratar a hospitalidade doméstica (privada) e a comercial poderá fazer com que se sinta uma prioridade do primeiro domínio em Carmo e o segundo, em Nova Friburgo, embora isso seja apenas o reflexo do fenômeno presente nesses recortes espaciais do Rio de Janeiro.

### **4.1 Os entendimentos sobre turismo e hospitalidade: a versão das famílias rurais**

A fim de seguir uma linha de trabalho que valorize a perspectiva da família anfitriã, devo expor o que elas pensam acerca da hospitalidade e do turismo como forma de explicitar o que elas me proporcionaram enquanto informação que sustenta toda a pesquisa que é divulgada a frente. Assim, devo trazer à tona os entendimentos que as famílias de Carmo e Nova Friburgo atribuem aos fenômenos que são a temática do estudo realizado em conjunto com essas. Foram raros os entrevistados que não transpareceram o seu pensamento acerca do turismo, que quando não sabiam opinar, demonstravam pouquíssimo acesso às viagens, bem como à concessão de hospitalidade. Dessa maneira, constata-se que a dificuldade de ser turista, bem como receber turistas reduz a presença do fenômeno turístico na

vida dessas pessoas ao ponto de que não haja motivo para problematizar a questão. Tal fato foi registrado principalmente em Carmo, município que apresenta um turismo baseado em visita de amigos e parentes, mormente.

O fato que mais está presente no imaginário dos entrevistados é que o turismo possui uma condição inata a sua razão de ser: o deslocamento. Inclusive, tal fato está dentro da própria raiz da palavra turismo que deriva do latim *tornare*, a significar “volta” (BARRETTO, 2003, p. 43). Para as famílias rurais serranas, turismo é se deslocar, passear, visitar com a finalidade de se conhecer algo que se diferencia do que habitual. Ou seja, o turismo é uma forma de obter conhecimento fora da rotina cotidiana, seja sobre a cultura, a história, a gastronomia, a geografia de outro lugar. Os entrevistados também enfatizaram que os turistas são pessoas que vêm de outros lugares, vivem em outros locais que não aquele onde está a visitar, os quais podem ser estrangeiros inclusive. Somente um dos entrevistados se propôs a diferenciar os moradores da cidade que passeiam no mesmo município e não pernoitam dos demais turistas.

Por mais que isso não estivesse implícito nas falas das famílias rurais, é importante atentar ao fato de que os moradores do mesmo município quando em visita aos atrativos turísticos não são turistas, visto que estão a usufruir das estruturas de lazer em sua cidade enquanto visitantes. Por mais que haja diferenciação conceitual entre os órgãos de turismo das diversas regiões, unidades federadas e até mesmo países, para a Organização Mundial do Turismo – OMT, o que determina a condição de turista é o seu pernoite, pois caso não haja, o visitante será um excursionista (OMT, 2006). Destarte, muito do que as famílias rurais chamam de turistas estão de acordo com as conceituações adotadas pelos organismos de turismo, conceitos esses que não necessariamente foram criados por tais organizações. Apenas para fins de conclusão, a unidade básica para análise do turismo é o visitante que pode ou ser excursionista (sem pernoite) ou turista (com pernoite). Ao estudar a hospitalidade, dá-se importância também ao anfitrião que acolhe tais visitantes.

A maioria dos entrevistados reconheceu a importância econômica que o turismo tem para com as localidades, visto que citaram que os gastos dos turistas acabam por aquecer o comércio, além de possibilitar maiores arrecadações aos cofres públicos. As famílias de Nova Friburgo, por exemplo, revelaram que o turismo é um setor econômico responsável por ativar outros ramos da economia, como a

agropecuária por exemplo. Há também referências ao papel do poder público que deveria, no caso carmense, incentivar o desenvolvimento da oferta turística como uma estratégia de fomento ao emprego local, uma das maiores deficiências para a realidade de Carmo. O diferencial para tal iniciativa, segundo as famílias rurais, constitui-se da ruralidade percebida tanto pelos hóspedes quando em contato com seus anfitriões carmenses. Os recursos turísticos que estariam passíveis de estratégia para o desenvolvimento rural baseados na piscina de recursos comuns (PRC) são as paisagens montanhosas, a fauna, a flora, as atividades ligadas ao manejo agropastoril e extrativista, bem como a cultura mais próxima à natureza que já passou pelo processo de transformação humana baseada na atividade agropecuária e extrativista.

Alguns entrevistados informaram alguns entendimentos sobre o turismo que não foram ditos pela maioria. Como é o caso de ver o turismo enquanto formação profissional, capaz inclusive de ser um vetor de colocação no mercado de trabalho. Tal processo foge à regra de verificar o turismo como um instrumento de educação formal voltado apenas para sua aplicabilidade técnica, fato mais difundido entre as famílias rurais da Serra Fluminense que contam, principalmente em Nova Friburgo, com centros de formação como o IBELGA<sup>23</sup> (Instituto Bélgica Nova Friburgo), CEFET-RJ<sup>24</sup> (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca) e a FAETEC<sup>25</sup> (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro) que possuem cursos profissionalizantes de turismo.

Outros entrevistados se atentaram ao fato de que, ao contrário da maioria dos setores comerciais onde o produto vai até o consumidor, o turismo é uma das únicas atividades em que o visitante tem de se deslocar para consumir a oferta turística. Há também os que citam que o turismo para ser bem sucedido tem de ser planejado

---

<sup>23</sup> O Colégio Estadual Agrícola Rei Alberto I é um Centro Familiar de Formação Por Alternância (CEFFA), instituição de ensino público, que nasceu a partir de um convênio entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e o Instituto Bélgica Nova Friburgo (IBELGA). A unidade desenvolve um projeto de Educação do Campo aplicando a Pedagogia da Alternância. Assim, atendendo a Legislação Federal que dá às famílias rurais o direito de serem assistidas por uma educação que atenda suas especificidades sociais, econômicas e culturais. Apesar de não haver um curso técnico na área de turismo, o curso técnico de Administração acaba por dar alguns subsídios educacionais para gerir negócios (COLÉGIO ESTADUAL AGRÍCOLA REI ALBERTO I, 2011).

<sup>24</sup> A unidade friburguense do CEFET-RJ conta com o curso de graduação tecnológica em Gestão de Turismo (CEFET-RJ, 2010).

<sup>25</sup> Pelo Centro Vocacional Tecnológico (CVT) em Nova Friburgo, há diversos cursos gratuitos de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores na área de recepcionista hoteleiro, assistente de gerência hoteleira, camareira, inglês para turismo, francês para turismo, espanhol para turismo, garçom, barman, cozinheiro e auxiliar de cozinha (CEFET-RJ, 2008).

para que a atividade seja um instrumento de melhorias sociais a longo prazo, a retirar o imediatismo do turismo enquanto panaceia aos problemas econômicos e sociais de regiões inteiras. A questão relacionada à aptidão de lidar com o outro, de querer receber e interagir com o visitante é um fator que diferencia aqueles que se dedicam ou querem se dedicar ao comércio da hospitalidade.

Sobre a hospitalidade, as famílias demonstraram que o cerne da palavra consiste em receber, informar, estar de portas abertas, ter bom trato para com os hóspedes, proporcionar conforto, demonstrar as melhores qualidades pessoais para com outrem a fim de proporcionar a sensação de que estivesse na extensão de sua casa. Além disso, valores morais imperam no entendimento de hospitalidade das famílias rurais serranas: 1) acolher o hóspede como se fosse a si mesmo; 2) respeitar as diferenças culturais; 3) oferecer o que há de melhor; 4) prezar o retorno daquele que é acolhido.

Os entrevistados deram a entender que há locais de hospitalidade, geralmente as próprias casas, bem como meios de hospedagem, os quais devem estar organizados e confortáveis para aqueles que demandam acolhimento fora de suas residências; embora evidente fosse que as condições ambientais e a sanidade da localidade são fatores preponderantes para a qualidade da prática em hospitalidade. Entre os entrevistados, tiveram aqueles que se atentaram para a importância da hospitalidade como condição primeira ao desenvolvimento turístico do local, pois percebem que as práticas de hospitalidade são essenciais ao sucesso da empreitada turística.

Houve também quem explicitasse que a hospitalidade é uma característica regional que pode ser detectada através de práticas gastronômicas, como a oferta de água, cafezinhos e broas, por exemplo. Quanto a esse aspecto, há quem revele que a hospitalidade independe das condições financeiras das famílias, pois mesmo que se considere a pobreza material dessas, o bom trato, a cordialidade, o carinho são elementos que não são determinados pela renda *per capita*. Além disso, a propensão da hospitalidade para alguns entrevistados está mais ligada às características familiares do que quaisquer outros fatores, visto que o gosto por acolher, por alimentar, entreter e hospedar estão ligados aos costumes adquiridos pela educação informal no seio do lar.

## **4.2 A descrição do fenômeno da hospitalidade na Serra Fluminense**

A seguir está descrito o fenômeno da hospitalidade balizado pelas premissas teóricas que fundamentam a discussão.

### **4.2.1 A recepção doméstica**

Como revelado anteriormente, a hospitalidade não é um fenômeno que se restringe ao universo turístico, apesar de ser um dos condicionantes a sua construção. Assim, é possível perceber a prática da hospitalidade junto às pessoas que não estão distantes de sua região de origem, como os vizinhos e demais moradores do entorno das propriedades rurais de Carmo e Nova Friburgo que as frequentam. De fato, a singularidade do fenômeno no município de Nova Friburgo deixa evidente essa situação, pois, mesmo que as famílias dali tenham se lançado na comercialização de serviços de hospitalidade, tal iniciativa não afetara a concessão de hospitalidade aos seus próximos.

A prática da hospitalidade é perpetuada pelas famílias no cotidiano. Não há uma instrução formal para “ensinar” a receber, alimentar, entreter e hospedar por parte de escolas, institutos, sociedades socioespaciais, entre outros. Em quase todos os casos, apenas dois entrevistados dispuseram de ensinamentos técnicos que acabam por abarcar as instâncias culturais da hospitalidade. Dessa forma, a hospitalidade representa um recurso interno dessas famílias que podem passar por remodelamentos conforme a hospitabilidade aplicada ou não à comercialização de recepção, alimentação, hospedagem e entretenimento. Quase todos os relatos sobre a hospitalidade se baseiam em demonstrá-la como um fenômeno aprendido de maneira informal, dentro do lar, baseado no aprendizado prático, visual e oral, sempre permeado de uma moralidade sustentada na reciprocidade já observada por Marcel Mauss (2003). À exceção, alguns entrevistados revelaram que passaram por cursos técnicos ou superiores nas áreas de nutrição, gastronomia e turismo, aos quais na totalidade se dedicam ao turismo enquanto atividade remunerada. Para os entrevistados, o entendimento de hospitalidade está assentado na qualidade do bem receber, de ser agradável, atencioso, a proporcionar ao hóspede aquilo que ele acredita ser de bom grado e que gostaria de receber em retribuição.

A hospitalidade na região é balizada pelas características ainda evidentes do “homem cordial” de Hollanda (1988). A “aversão ao ritualismo social” somado à emotividade e influências das famílias patriarcais são as marcas mais indelévels entre as famílias anfitriãs que fogem à polidez e aos ritos minimamente calculados. Tal noção se percebe entre as famílias que ainda não comercializam a hospitalidade, cujo foco de suas práticas consiste em tornar-se íntimo de seu hóspede, embora entre as famílias que comercializam serviços de hospitalidade não demonstram qualquer inclinação em tornar suas práticas em regra geral, um rito, um modelo único a se seguir para com todos os seus hóspedes. Pude notar tal questão principalmente quando me interrogavam quem eu era, de onde e quem era minha família em Carmo. As famílias rurais desse município quando descobriam que eu também era gente daquela terra, me proporcionavam maior abertura nas suas vidas, a permitir que tanto eu quanto eles, nos aproximássemos e nos tornássemos íntimos.

Em Carmo e Nova Friburgo, as famílias rurais revelaram que são preponderantemente amigos, familiares, vizinhos e pessoas que fazem parte do cotidiano, os quais eu classifico de *círculo social próximo direto* (CSPD), os hóspedes que aparecem com maior frequência. São pessoas que, segundo essas famílias, aparecem com maior periodicidade pelo fato de viverem nas redondezas de suas propriedades. Dessa maneira, tomo como premissa o fato de que os anfitriões não recebem apenas viajantes, mas também as pessoas que estão ao seu redor. Com base nas categorias teóricas do turismo, formulei a distinção entre hóspedes desses anfitriões com base em sua origem, motivação e ligação mútua. No caso carmense, os pertencentes ao CSPD moram na sede municipal de Carmo e outros distritos (Córrego da Prata e Porto Velho do Cunha), bem como em municípios fluminenses de Sumidouro, Duas Barras e Sapucaia (sobretudo o 4º distrito de Jamapará) e Além Paraíba (MG). Já no caso friburguense, o CSPD é composto de pessoas que vivem nas localidades de Conquista, Salinas, Santa Cruz, Barracão dos Mendes, no 3º distrito friburguense de Campo do Coelho, bem como em Teresópolis (RJ).

Logo, as pessoas pertencentes ao círculo social próximo estão mais passivas às práticas de recepção dessas famílias rurais. Vale ressaltar que essas mesmas pessoas que fazem parte do círculo social próximo de uma família rural possui outros amigos que não são comuns a essas os quais, quando em contato com essas

famílias se tornam parte do *círculo social próximo indireto* (CSPI). Segundo a teoria do turismo, os pertencentes do círculo social próximo não são turistas pois não se encaixam nas definições trazidas aqui, visto que por mais que atravessem fronteiras municipais, essas pessoas estão no entorno imediato das residências de seus anfitriões (algo em torno de um raio de 30 km), dificilmente pernoitam na casa desses a quais são locais corriqueiros na vida desses hóspedes.

Muitas dessas famílias revelaram possuir algum parente (geralmente filhos e netos) e amigos vivendo fora do município, em localidades do Sudeste, os quais eu considero como pertencentes ao seu *círculo social expandido direto* (CSED). Quanto aos familiares de Carmo, são majoritariamente pessoas que decidiram dedicar sua vida em outras atividades que não se baseassem nos recursos internos da propriedade familiar, fossem a agricultura ou demais atividades, em outros lugares onde, segundo os entrevistados, as oportunidades de acesso à educação profissional e acadêmica fossem mais amplas, bem como o mercado de trabalho. Tal realidade não pode ser constatada em Nova Friburgo, pois as famílias entrevistadas são oriundas de outras localidades e fixaram suas residências no espaço rural deste município. Assim, a lógica se inverte ao fenômeno constatado em Carmo haja visto que se neste município as famílias rurais têm parte de seus familiares nas cidades, em Nova Friburgo as famílias entrevistadas saíram das cidades e tornaram-se rurais por autodeclaração. Longe de contestar tal predileção dessas famílias friburguenses, permaneço com o conceito de neorrural apenas para diferenciá-los das famílias que anteriormente estavam na região do Parque Estadual dos Três Picos - PETP<sup>26</sup>.

Dos dados coletados, pôs-se em evidência que muitos filhos das famílias rurais de Carmo se deslocaram para centros urbanos sudestinos a fim de realizar seus estudos. Os municípios mais citados foram Rio de Janeiro, Niterói, Teresópolis, Nova Friburgo, Petrópolis, no estado do Rio; Além Paraíba, Viçosa e Juiz de Fora, em Minas Gerais; e Campinas, no estado de São Paulo. Vale destacar que houve um número ínfimo de jovens carmenses que estão em outros países, sobretudo nos Estados Unidos da América e Inglaterra. Já as famílias em Nova Friburgo deixaram seus familiares em cidades como o Rio de Janeiro, Teresópolis e Cambuci, no estado fluminense; e Belo Horizonte (MG).

---

<sup>26</sup> A criação do Parque Estadual dos Três Picos, no início da década de 2000, partiu da iniciativa dos montanhistas. Para saber mais sobre a Unidade de Conservação em questão, ver Botelho (2009).

Pelo relato dos entrevistados, verifica-se que quando um jovem carmense se dedica aos estudos em instituições de ensino profissionalizante e superior amplia suas redes de sociabilidade com pessoas até então desconhecidas nesses municípios citados. Os laços de amizade e afeição criados lá influenciam os hábitos de hospitalidade desvelados no espaço rural carmense, pois, durante as férias e recessos que ocorrem durante o ano letivo, muitos desses jovens retornam a casa de seus pais sendo corrente a companhia de amigos. Estes amigos dos filhos das famílias rurais são considerados como pertencentes ao *círculo social expandido indireto* (CSEI), pois são terceiros no contato com as famílias rurais. Na maioria das vezes quando o elo com os familiares radicados fora do espaço rural carmense se deteriora, dificulta-se a recepção desses amigos indiretos pelas famílias rurais de Carmo.

De maneira semelhante, quando esses jovens optam por prosseguir sua vida longe de Carmo, torna-se habitual retornar ali opcionalmente para reforçar seus laços de parentesco em momentos de lazer. Muitos deles tornam-se profissionais que usufruem de garantias legais como o direito a férias remuneradas. Ao possuir automóveis, podem acessar o Carmo para visitar seus parentes, mesmo quando em descanso semanal (sábados e domingos), além dos eventuais feriados, devido às distâncias reduzidas. Tal característica torna-se aderente à premissa de Barretto (2003) que considera relevante distinguir viagem e turismo. Para a autora, a viagem está contida no turismo, visto que muitas viagens não são de turismo quando não obedecem a um tempo de permanência que não se estenda por mais de 12 meses (como as migrações, por exemplo), quando possuem caráter lucrativo (viagens de negócios e para exercício de profissão) e não se fundamentam na livre e espontânea vontade de buscar prazer (BARRETTO, 2003, p. 13).

Os relatos coletados demonstraram que os carmenses que deixaram o espaço rural para se empregarem em outras atividades estão majoritariamente em localidades fluminenses das regiões Serrana, Noroeste, Metropolitana, Médio Paraíba e dos Lagos, assim como na Zona da Mata mineira. Como o estado do Rio de Janeiro é em extensão territorial (cerca de 43.700 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE) uma das menores unidades da federação (maior apenas que o Distrito Federal, Sergipe e Alagoas), torna-se possível deslocar-se pelas rodovias fluminenses em um curto espaço de tempo. A distância de Carmo para o Rio de Janeiro, por exemplo, é de

apenas 190 km (IBGE), podendo ser percorridos em cerca de 2 horas e 30 minutos numa situação hipotética de tráfego livre.

A presença de neorrurais em Nova Friburgo evidencia um panorama distinto dos processos migratórios que ocorreram desde o segundo quartil do século XX, pois resulta da saída de pessoas de origem urbana ao campo. Dessa forma, as relações de hospitalidade serão distintas das famílias carmenses, pois tal grupo se constitui de famílias jovens que deixaram para trás suas raízes e grande parte de suas relações de amizade. Os neorrurais estão por construir suas redes de sociabilidade com as famílias locais, as quais se referem a estes como “os de fora”. Assim, o processo de construção da identidade rural dessas famílias assenta-se no reconhecimento de outrem que assim são, bem como a autodeclaração de família rural. Destarte, romperei com a qualidade de neorrural atribuída aos entrevistados, visto que esses já se consideram rurais.

O receber doméstico das famílias rurais serranas se baseia em uma forma ritualística, embora não seja repleta de formalismos, apesar de em Nova Friburgo notar que antes de adentrar aos lares das famílias, os anfitriões retiravam os sapatos, o que implicitamente fizera que eu também tirasse mesmo que eles deixassem explícito que não era uma condição para lá estar. A recepção dispensada tanto às pessoas do círculo social próximo como do expandido não se sustenta em práticas idênticas. Aquelas, geralmente são passivas a maior repetição de recepção, visto que estão num perímetro imediato, o que acaba por tornar corriqueira a presença das pessoas do círculo social próximo. Assim, os formalismos tendem a desaparecer, pois, como essas pessoas aparecem a esmo, não há tempo para preparar de forma pormenorizada tal recepção. Portanto, quem faz parte do círculo social próximo está mais propenso a compartilhar das práticas rotineiras dos anfitriões.

As famílias anfitriãs de Carmo revelaram que para a recepção das pessoas que compreendem seu CSED há uma maior preocupação, principalmente quando se está a comemorar uma data festiva, bem como a presença do ente querido que não foi visto por um longo período. Logo, pode-se compreender que as variáveis tempo (frequência temporal da presença do hóspede), espaço (distância da origem do hóspede em relação à residência do anfitrião) e afetividade (a vontade de agradar um ente que é especial na vida do anfitrião) influenciam a maneira como o anfitrião lida com a prática da recepção. Aproveita-se para destacar que em nenhum

momento, os anfitriões qualificam seus parentes e amigos que vivem longe de Carmo como turistas. Para eles, turistas são pessoas que estão distantes da realidade dada.

O círculo social expandido apresenta outras manifestações que o distingue do círculo social próximo. O fato de os pertencentes daquele círculo social estarem estabelecidos em outras localidades mais distantes das residências que os hospedam, e sua conseqüente redução nas visitas provocam uma espécie de diferenciação nítida. Como se constata, apesar de as famílias anfitriãs não considerarem seus parentes e amigos como turistas, a teoria do turismo irá apontá-los como tais haja visto que eles se deslocam por um tempo determinado com retorno programado às suas casas; tal prática não visa remuneração visto que essas viagens são motivadas pela vontade de reforçar laços afetivos entre hóspedes e anfitriões; tal fenômeno é possibilitado pelo acesso ao lazer turístico, pois os pertencentes ao círculo social expandido optam por livre e espontânea vontade usufruir seu tempo livre junto às suas famílias e amigos que vivem no espaço rural serrano, quando poderiam escolher outra localidade ou mesmo permanecer em suas residências. Dessa maneira, pode-se dizer que há uma contradição que chamo de *turismo invisível* que se consolida quando por mais que haja a prática de viagens com fins de lazer para a casa de amigos e parentes, os anfitriões não reconhecem seus hóspedes como turistas mesmo que esse seja o panorama da maioria das viagens no Brasil (BRASIL, 2009).

Já entre as famílias que optam pela permanência dos filhos junto à propriedade da família, embora em casas diferentes, mas próximas; a prática da hospitalidade apresentará dinâmicas diferenciadas. A casa mais antiga ou onde vivem os pais terá a primazia do estado de anfitriã. Será essa casa que desempenhará as maiores funções na prática da hospitalidade, visto que a mesma se porta como um núcleo aglutinador às confraternizações. Tal fenômeno também implica em restrição do círculo social expandido, pois com os filhos e filhas próximos a si, tanto os deslocamentos de longa distância se reduzem, bem como as relações sociais com pessoas de origens geográficas distintas.

Outro fenômeno que merece atenção se dá ao fato de que quando a propriedade rural tem apenas a função produtiva, seja ela agrícola, pecuária e/ou extrativista, sem a presença da residência fixa da família ali, dificulta-se a prática da hospitalidade nesse local. Em Carmo, muitas famílias que possuem receita advinda

da agropecuária optam por morar “na rua”, tendo suas propriedades rurais apenas o caráter do trabalho. Assim, tal propriedade perde a característica de espaço de vida o que acaba por impossibilitar a concessão de hospedagem, alimentação e entretenimento ali. Será a casa na sede municipal o local prioritário à prática da hospitalidade doméstica.

Entre as famílias neorrurais ou mesmo as que ainda estão a se fixar em Carmo, o recente estabelecimento faz com que seu círculo social próximo seja reduzido ou inexistente, o que impacta a perspectiva dessas famílias sobre a hospitalidade. Dessa forma, a construção de redes de amizade com os vizinhos e locais determinará o aumento da prática de receber pessoas, visto que nessas famílias tal ação é dispensada ao círculo social expandido, o qual pode ultrapassar fronteiras nacionais no caso de imigrantes estrangeiros. Apenas para aludir ao conceito que se trabalha na presente dissertação, a qualidade aos círculos sociais está sustentada na distância entre as residências dos anfitriões e hóspedes, bem como na frequência que estes dispensam a recepção aos mesmos. Assim, poder-se-ia concluir que o círculo social de famílias recém-chegadas ao Carmo sempre seja estendido, haja visto que seus possíveis hóspedes estejam longe. Logo, atribui-se que para as famílias recém-chegadas o círculo social próximo esteja em construção, a qual será concretizada a despeito da propensão dessas famílias em criar as redes junto às demais famílias já estabelecidas.

Tal fenômeno pode ser constatado de forma distinta em Nova Friburgo, haja visto que entre os entrevistados, a maioria não nasceu na localidade, com exceção de alguns adolescentes e crianças. Embora não haja uma ligação nata com a localidade (neorruralismo será abordado adiante), o fato de famílias terem se estabelecido no PETP, bem como seus amigos proporcionou a eles uma espécie de círculo social pré-estabelecido antes de se fixarem ali. Dessa maneira, é muito mais concebível que haja uma integração maior entre as famílias empreendedoras do comércio de serviços turísticos, visto que eles se constituem enquanto um CSPD. É constante a recepção entre os mesmos, onde há a corriqueira conversa e troca de informações.

Quanto à forma de convite, os anfitriões revelam que a depender da eventualidade ela pode existir ou não. As pessoas do círculo social próximo que aparecem corriqueiramente não precisam de convite, bem como se partir da iniciativa das pessoas do círculo social expandido. A corrente periodicidade dos

pequenos encontros acaba por conferir um caráter ordinário às visitas, visto que, por mais que eles venham a romper com o tempo de trabalho, sua maior incidência os deixa corriqueiros. Muito embora, a maior incidência das visitas seja relatada pelos entrevistados carmenses no período diurno, visto que a falta de iluminação artificial dificulta a circulação pelas estradas rurais locais durante a noite. Todavia, parte dos pertencentes ao CSED comunicar aos seus anfitriões se eles levarão pessoas que ainda não fazem parte do cotidiano dessas famílias. Por mais que isso não seja uma regra, a aparição repentina de hóspedes do círculo social expandido indireto causa estranheza aos anfitriões que não podem se precaver ou mesmo iniciar os preparativos para tais.

A minha presença junto às famílias rurais de Carmo causou certa relutância, pois em todo momento os anfitriões tentavam descobrir quais eram minhas reais intenções junto a eles. Por parte das famílias que não se dedicam à comercialização de serviços turísticos há a predileção em restringir a recepção às pessoas que fazem parte de seus círculos sociais diretos. Assim, um estranho pode apresentar um risco eminente à segurança da família haja visto as constantes notícias de falcatruas cometidas por pessoas que circulam no espaço rural do Sudeste para coletar informações que possam favorecer extorsões, roubos, entre outros crimes relatados por essas famílias. Mesmo com a devida apresentação e os demais documentos que revelam as intenções da minha presença, não foram suficientes para a anuência dessas famílias quanto à possibilidade de coleta de dados sobre suas práticas de hospitalidade. Tal postura me gerou uma antipatia pelos entrevistados mais relutantes em abrir suas realidades referentes às práticas culturais que envolvem a hospitalidade pelo fato de eu estar naquele momento enquanto o ameaçador. Destarte, a forma que eles encontravam para me aproximar ao status de hóspede era perguntar qual a origem de minha família. Consequentemente, ao descobrirem que minha origem é carmense, o clima de tensão dava lugar à cordialidade, afinal de contas também eu sou um filho da terra.

Tal qualidade de desconfiança é citada pelas famílias de Nova Friburgo, pois como sua origem é urbana, em determinado momento eles foram acolhidos no espaço rural fluminense. Entretanto, eles admitem que essa postura seja uma estratégia de defesa quanto às possíveis ameaças que circundam a vida da família rural fluminense, a qual se demonstrou ressabiada quanto ao avanço das violências que se sucedem na RMRJ e temem que elas possam atingi-las devido ao fato de os

cidadinos acreditarem na ingenuidade dessas famílias rurais. Entretanto, o estreitamento dos laços afetivos determina o arrefecimento da desconfiança para com o estranho, o qual passa a ser conhecido e passível das práticas de hospitalidade. Para tanto, ao circular pelo espaço rural fluminense é comum a concessão de caronas, onde em Carmo até os táxis que retornam de corridas para deixar pessoas em suas propriedades, ao retornar *pra rua* e ver pessoas na mesma direção, dão carona, fato semelhante se dá aos condutores de charretes que se pode ver na figura 5. Em Friburgo, principalmente entre os moradores do PETP há a difusão de motocicletas que acabam por cumprir a função que os cavalos tiveram outrora.

Figura 5 – Charretes que circulam pelo espaço rural de Carmo (RJ), 2012



Fonte: do autor, 2012.

Entre as famílias de Nova Friburgo, a constante presença de pessoas que vêm de diversas partes do globo terrestre acaba por naturalizar a presença do estranho. Logo, o contato com as pessoas que fazem parte do Circuito Turístico

Três Picos – CTTTP – teve maior anuência das famílias tanto pelo costume de estar com “estranhos”, quanto pelo fato de ter contatado anteriormente uma das integrantes do CTTTP, a qual pode ser considerada a minha informante-chave.

A infraestrutura usufruída pelos moradores de Carmo acaba por facilitar a ação de convidar pessoas. O convite para banquetes, festas de aniversário, reuniões e similares passou por um processo de mudança. Os convites em forma de cartão entregues pessoalmente estão a se restringir aos aniversários de crianças, majoritariamente quando realizados em outros espaços que não a residência da família rural. Tal fenômeno também é constatado aos casamentos, bodas, batismos. Quando as comemorações de aniversário não assumem uma grandiosidade, na palavra dos entrevistados, quando é “só um bolinho”, a forma de convidar se dá pessoalmente nos espaços públicos da cidade de Carmo (escolas, praças, mercados, entre outros), ou por telefone (fixo e celular). Essa é uma atividade desempenhada pelas mulheres, majoritariamente, independente da idade. Por exemplo, quando uma criança está para comemorar seu aniversário, sua mãe, avó, tia, primas, irmãs, entre outras, irão se incumbir de convidar aquelas pessoas selecionadas para estarem presentes no aniversário.

Para as festas de fim de ano (Natal e Ano Novo), os convidados são contatados por telefone e, mais recentemente, pela rede mundial de computadores (internet) com destaque às redes sociais virtuais (Facebook e Orkut, por exemplo). Para as demais confraternizações como os banquetes de fim de semana, a periodicidade do evento acaba por diluir a necessidade de convite, onde basta que os convidados apareçam. Se houver quaisquer imprevistos que impossibilitem a recepção dos convidados para tais eventos, tem-se o costume de ligar ou avisar pessoalmente com antecedência sobre o cancelamento.

Vale salientar que a *recepção* nas propriedades rurais de Carmo e Nova Friburgo tem sempre como anúncio o latir de cães. Em quase todas as propriedades há cães que mais servem como postilhão (mensageiro) do que segurança às mesmas (ver na figura 6). O mesmo cão que pode à primeira vista assustar na chegada, é o mesmo que afaga quando deixa o local.

Figura 6 – Thor, cão do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012



Fonte: do autor, 2012.

#### 4.2.2 A hospedagem doméstica

Em Carmo, a hospedagem doméstica ainda desfruta de hegemonia quando comparada à comercial. Como ainda não se constatou a existência de empreendimentos que ofereçam serviços de hospedagem clássicos (hotéis, motéis, pousadas) no espaço rural carmense, as residências das famílias rurais assumem tal função. O espaço construído para a acolhida dos hóspedes das famílias rurais de Carmo tem como maior legado as antigas sedes de fazendas cafeicultoras. A forma de habitar, de se construir e de se viver no Brasil tem a presença das três principais matrizes culturais (indígena, lusitana e africana). Por mais que se presuma que as construções indígenas sejam o embrião do espaço construído para a vivência e acolhida de pessoas no Brasil, a prevalência do conquistador lusitano deixou o maior legado ao espaço construído para acolher pessoas, onde o indígena contribuiu com

as ressalvas quanto à adaptação ao clima da terra e o africano com seus saberes e braços para a edificação de tais estruturas. Cada casa no espaço rural de Carmo tem um pouco de cada povo que contribuiu para sua formação.

Figura 7 - Fazenda Santo Antônio, Carmo (RJ), 2011.



Fonte: do autor, 2012.

Na atualidade, as residências no espaço rural assumem as mais diversas formas. Lá há desde as residências que mais se assemelham as casas grandes de engenho, às mais simples e adaptadas pelos imigrantes e demais brasileiros que não possuíam a condição financeira e interesse funcional em erguer pequenos palácios no espaço rural de Carmo, conforme se pode ver na figura 8.

Figura 8 - Residência rural recentemente construída, Carmo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Em Carmo, o hábito de hospedar em âmbito doméstico é dispensado, sobretudo, às pessoas do círculo social expandido direto com pequena ocorrência ao círculo social próximo devido a curta distância entre a casa dos hóspedes e dos anfitriões, bem como a preferência e comodidade em pernoitar na casa de cada um. Vale ressaltar que hospedar pessoas do círculo social expandido altera a rotina cotidiana familiar, pois é sempre um lençol a mais, um prato a mais, uma toalha a mais pra uma pessoa a mais.

Como revelado anteriormente, o círculo social expandido é composto por parentes e amigos que vivem em localidades distantes o suficiente para dificultar a constante concessão de recepção por parte dos anfitriões. Assim, pode-se afirmar que a distância entre as casas tanto do anfitrião como a casa do hóspede irá influenciar na concessão de hospedagem a este, visto que ambas estão distantes o suficiente para impossibilitar o rápido deslocamento de retorno do hóspede ao seu lar. Dessa maneira, o anfitrião cede espaço para o hóspede a fim de lhe

proporcionar comodidade e recomposição biofísica (sono, por exemplo). Destaca-se que, na maioria das vezes, quando um cômodo é cedido aos hóspedes (familiares, geralmente) esse pode ter sido ocupado no passado por um deles, como no caso dos filhos que deixam o campo para morar em outras localidades do Sudeste e reocupam temporária e voluntariamente seus quartos em momentos de lazer junto às suas famílias.

A divisão dos cômodos segue uma lógica que prioriza a concessão de quartos vagos nas casas das famílias anfitriãs às famílias nucleares hóspedes, pessoas idosas e portadoras de necessidades especiais. Na situação de “superlotação” da residência, esses grupos de hóspedes têm a preferência aos quartos vagos, pois os anfitriões se preocupam em oferecê-los maior privacidade e comodidade. Assim, quando o número de pessoas excede a capacidade dos quartos que cada casa possui, outros cômodos assumem funcionalidades que não as atribuídas no dia a dia. No relato das famílias, a sala de estar é o local mais utilizado como quarto quando há uma “superlotação” nas residências rurais. Nesse cenário, a prática da hospedagem acontece de forma improvisada, mas sempre com vistas a proporcionar conforto aos hóspedes que não fazem parte dos grupos citados acima como os mais demandantes de privacidade e conforto, segundo as famílias anfitriãs. Se estas não possuem quantidade suficiente de colchonetes, cobertores, lençóis, travesseiros e similares (almofadas), a família anfitriã previamente solicita aos seus hóspedes para trazê-los. Alguns móveis assumem novas funcionalidades, como o caso do sofá que se torna cama, assim como camas de solteiro podem abrigar mais pessoas do que o usual. Consequentemente, verifica-se que a hospedagem pode ser um domínio compartilhado entre hóspedes e anfitriões ao menos na esfera material, pois é possível se hospedar com materiais pertencentes aos hóspedes.

Entre as famílias de Nova Friburgo, as pessoas que fazem parte do CSED podem se hospedar em suas casas, contanto que haja um acordo entre anfitriões e hóspedes. Entre essas famílias anfitriãs que convivem com a comercialização de suas práticas de hospitalidade, há também a concessão da hospedagem doméstica aos seus amigos e familiares que se propõem em ficar na casa dessas famílias. Ou seja, comercializar hospedagem não significa que não coexistirá a prática da hospitalidade doméstica motivada pela dádiva entre essas famílias friburguenses, as quais podem tanto preferir deixar que seus hóspedes pernoitem nos espaços dedicados à comercialização do serviço sem ter de pagar; como também podem

acolhê-los junto às suas residências que não são as mesmas edificações utilizadas para a hospitalidade comercial.

Quanto à divisão dos cômodos por gênero, a regra não é tão severa como fora antigamente, apesar de ainda ser critério para a ocupação dos mesmos. Logo, é possível constatar que nessas residências não existe proibição quanto à permanência de pessoas de gêneros diferentes no mesmo ambiente transformado em recinto ao descanso. Inclusive, alguns ressaltaram que quando as salas se tornam grandes quartos comunitários em momentos após festas, dificilmente se dorme porque a conversa se prolonga devido às cenas e casos ocorridos que merecem comentários. Tais fatos quando balizados se refletem na preferência majoritária dos hóspedes em se manter na residência onde se sucedem os eventos, a preferir o deslocamento às demais residências de familiares dos anfitriões onde poderiam usufruir de maior privacidade. Segundo as famílias anfitriãs carmenses, muitos dos hóspedes permanecem em suas casas pois desejam estar o maior tempo possível em comunhão com seus convivas.

Durante a permanência dos hóspedes do CSED, o ambiente não é de vigilância constante, haja visto que os cômodos da casa não são restritos aos pertencentes dessa categoria. Os espaços de maior interação entre anfitriões e hóspedes são a cozinha e a varanda, principalmente, seguidas pela sala de estar e dependências destinadas ao lazer (piscina, churrasqueiras, quando as residências as possuem). Todos os banheiros são abertos aos hóspedes, principalmente quando a demanda aumenta como em dias de eventos onde todos têm de ficar prontos no mesmo tempo. As instalações dos animais (estábulos, galinheiros, etc.), bem como riachos, lagos, bosques e pomares são atrativos frequentados, sobretudo, pelas crianças, principalmente aquelas que têm origens urbanas.

Figura 9 – Principal estrada de Carmo (RJ) após chuvas torrenciais em 09 de janeiro de 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Foram raros os relatos sobre a concessão do quarto dos anfitriões aos seus hóspedes, com exceção dos anfitriões que acolhem pessoas que sofrem todo o início do ano com as enchentes dos rios que abastecem a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Os moradores da Região Serrana do Rio de Janeiro, bem como da Zona da Mata mineira, estão habituados com as constantes enchentes que se sucedem na época chuvosa, entre os meses de dezembro e março segundo os entrevistados. Como a política pública para o acolhimento de pessoas vitimadas pelas tragédias naturais consiste em utilizar espaços como escolas e ginásios esportivos para estabelecê-las de maneira improvisada e sem muitas preocupações para com o conforto, privacidade e segurança para com os desabrigados; parte das redes de contatos afetivos acolherem seus entes que se encontram nessa situação. Dessa maneira, no ano de 2012 o município de Carmo não teve perdas humanas com as fortes chuvas e as cheias na bacia hidrográfica do Paraíba do Sul, o que acaba por impelir que os moradores da área rural do município se predispusessem

em acolher seus entes do círculo social próximo que vieram principalmente dos municípios vizinhos de Além Paraíba (MG) e Sapucaia (RJ). Só no distrito sapucaense de Jamapará, cerca de 20 pessoas vieram a falecer com as chuvas e os desmoronamentos de montes (FERREIRA, 2012; PAINO, 2012), a emanar hóspedes às famílias anfitriãs de Carmo no fim de 2011 e início de 2012.

A proximidade geográfica das propriedades rurais carmenses com as áreas afetadas pelas chuvas de janeiro de 2012 propiciou que as pessoas que mantm laços afetivos se cotizassem em ajudar seus círculos sociais próximos com a concessão de hospedagem e alimentao junto às casas das famílias anfitriãs carmenses. Segundo os entrevistados, é comum haver esse tipo de hospitalidade aos vitimados pelas tragédias naturais da região o que demonstra haver um imperativo moral (SELWYN, 2004, p. 29 – 32) de conceder ajuda aos seus amigos próximos, além de ser uma prática corriqueira às sociedades camponesas. Em situaoes como a que se pode evidenciar junto às famílias anfitriãs de Carmo no início desse ano, todas as estruturas da casa são utilizadas conjuntamente entre hóspedes e anfitriões. Nessa perspectiva, o anfitrião assume um papel em tornar menos penosa a situao de seus hóspedes que perderam bens, pessoas e sonhos junto com as avalanches e cheias que se sucedem todos os verões na região. Aqui, foi possível balizar essa evidência  considerao pelo outro já abordada como uma das motivaoes  hospitalidade (TELFER, 2004).

Tal cenário muda quando os hóspedes fazem parte do CSEI, pois tais amigos indiretos das famílias anfitriãs estão em todo momento passivos de análise e vigilância dessas famílias. Salienta-se que o espaço rural de Carmo é composto por muitas propriedades de parentes, as quais foram partilhadas e recebidas como herança. Dessa forma, pode-se verificar que caso a “superlotao” comprometa o bem-estar de todos, distribuem-se os hóspedes pelas residências dos parentes dos anfitriões. Entretanto, caso muitos dos hóspedes façam parte do círculo social expandido indireto e a família anfitriã não possua viabilidade para conceder hospedagem, tampouco se sinta à vontade para fazê-lo, algumas famílias rurais carmenses indicam a hospedagem comercial das pousadas no centro de Carmo para os amigos indiretos.

Por mais que para as famílias anfitriãs de Carmo hospedar pessoas em suas casas seja um ato prazeroso, estas compreendem que a hospedagem doméstica parte do pressuposto de que a intimidade assume um valor inegociável, onde a

presença do amigo indireto causa certo desconforto pelo desconhecimento entre si. Tal fato constatado vai ao encontro da premissa de Camargo (2011) que versa sobre as precauções que tanto hóspede como anfitrião tem para com o outro. O constrangimento frente a um estranho se dá pelo fato de que o desconhecimento da realidade vivida pela família poderá causar desconforto em situações onde o anfitrião não se considera em plenas condições de arcar com as necessidades do hóspede. Para eles, faltar com a hospitalidade seria uma espécie de “falha social”. Assim, torna-se mais interessante a concessão de hospitalidade às pessoas que já fazem parte da rede de sociabilidade, pois as relações são mais francas e a compreensão sobre as carências que porventura seus anfitriões podem deixar a mostra serão compreendidas ou até mesmo supridas pelos próprios hóspedes. É comum que ao menos parte do que foi consumido pelos hóspedes do círculo social expandido direto seja reposta, principalmente, com a compra de produtos em mercados da rua.

Por intermédio de atividades que obriguem a interação entre hóspede e anfitrião é que, na situação de acolhida ao CSEI, progressivamente a vigilância se torna menos incisiva. Nesse aspecto, faz-se primordial a presença do intermediário que são os parentes e amigos (CSED) dos anfitriões, pois são eles que realizam a iniciativa de assimilação dos mundos entre seus amigos que vieram consigo e seus anfitriões. Destarte, conforme se aumenta da presença dos amigos indiretos dos anfitriões, bem como se cria uma relação de afetividade entre estes, as pessoas do círculo social expandido indireto podem passar ao círculo social expandido direto. Tal fato se assemelha às práticas do “homem cordial” de Holanda (1988), que apresenta aversão ao ritualismo social e busca tornar-se íntimo daquele que porventura lhe aprouver. Os períodos mais comuns para a hospedagem das pessoas do círculo social expandido são os aniversários das famílias, principalmente quando comemorados em fins de semana; como as festividades de fim de ano (Natal e Ano Novo), além de casamentos, bodas, batismos, festas juninas, feriados municipais, entre outros. O período de permanência gira em torno de três dias e duas noites, com prevalência aos fins de semana e feriados, períodos prediletos para as celebrações supracitadas. Em número menor, verificou-se que quando algum componente do círculo social expandido goza de férias, o mesmo pode ficar por um período superior aos fins de semana junto às famílias de Carmo.

A partir dessas constatações, foi possível chegar ao seguinte fato: a regra da reciprocidade na hospitalidade cujo fenômeno é chamado de “inversão de papéis” (LASHLEY, 2004). Esses dados se encaixam com a pesquisa “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil – 2007” realizada conjuntamente pelo Ministério do Turismo e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) identificou que em 43 de cada 100 domicílios brasileiros, pelo menos um de seus residentes realizou ao menos uma viagem (corriqueira, doméstica, internacional) no ano da pesquisa. Do total de entrevistados, mais de 54% viajaram em momentos de lazer para visitar parentes e amigos, sendo que na classe de renda familiar que vai de 0 a 4 salários mínimos o índice quase alcança os 60%. Quanto aos meios de hospedagem utilizados durante essas viagens, mais de 56% dos entrevistados são acolhidos em casa de amigos ou parentes (BRASIL, 2009). Os números também mostram que enquanto famílias que possuem renda de até quatro salários mínimos, apenas 32,4%, pelo menos um membro viaja; em famílias com renda acima dos 15 salários, mais de 76% viajam (BRASIL, 2009). Mas onde se pretende chegar? Por que pensar turismo, lazer e hospitalidade para as famílias rurais?

Ora, se Panosso Netto define o fenômeno turístico enquanto a interação de seres humanos, conclui que isso abarca os cidadãos do espaço rural. Panosso Netto enfatiza que o turismo envolve

[...] seres que são turistas, seres que não são turistas, seres que podem “vir-a-ser” turistas e seres que já foram turistas; e sabemos que o ser torna-se turista pela experiência; o ser não é turista pela experiência; o ser considera-se turista pela experiência, e o ser deixa de ser turista pela experiência. (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

Se essa experiência, a qual motiva milhares de brasileiros em (re)conhecer o espaço rural, isso rende uma reciprocidade que aflora o desejo em também conhecer o outro em seu espaço de origem. Ao se guarnecer as necessidades elementares, como a alimentação, a saúde e o vestuário, fomenta-se o cenário propício para que famílias rurais possam usufruir de lazer, seja em sua casa, seja em outras paragens desse País.

Esses lazeres dos rurais merecem a luz teórica, inclusive como indicador de melhoria da qualidade de vida das famílias rurais. Ora, se Amartya Sen ao revelar que a fome é a negação da liberdade básica de sobreviver, tenciona-se que os

indivíduos que se encontram nesse patamar também têm cerceado o acesso ao lazer, que dirá ao turismo. Os mais necessitados também vão carecer da hospitalidade, enquanto acesso a alimentos, a bebida, acomodação e entretenimento. O que dizer das famílias rurais que ainda reivindicam seu pedaço de terra? Sobre essa discussão inicial, abre-se uma nova perspectiva para situar o lazer e a hospitalidade em novos lugares (meios e fins) no desenvolvimento rural, enquanto necessidades humanas e universais.

Mesmo que com menor destaque, há a concessão de hospedagem às pessoas do círculo social próximo, especialmente às crianças amigas de filhos das famílias rurais. Essas crianças são acolhidas junto aos quartos dos filhos das famílias rurais, cujo trato é similar ao dispensado a estes, geralmente desempenhado por uma figura feminina, sejam elas mães, avós, tias, primas e irmãs. A maioria das crianças que se hospedam junto às famílias rurais carmenses possui uma relação de amizade com os filhos dessas famílias, ou são seus parentes, e usufruem da estada no campo para integrar-se em atividades que se distinguem das que estão disponíveis na sede municipal. Como são crianças provenientes do perímetro urbano carmense, bem como seus pais não possuem uma relação direta com o rural, elas podem conhecer um pouco mais da vida rural que está próxima de sua casa, sob a proteção das famílias rurais anfitriãs.

Se a hospitalidade é meio de obtenção de liberdade, ela também é fim às famílias rurais que lutam por alimentos, bebidas e um espaço para sua reprodução social. Com o lazer não é diferente. Sob o paradigma capitalista, ofertar estruturas que proporcionem lazer aos cidadãos no espaço rural é uma maneira de desenvolver economias e alcançar melhorias aos índices sociais, mas o lazer também pode ser aquilo que famílias rurais valorizam, recorrendo a sua função de desenvolvimento<sup>27</sup> preconizada por Dumazedier sob a forma atividades diversas, como as viagens, por exemplo. Sob esse viés, as famílias rurais poderão passar pelo trampolim de Jafari, inclusive.

Ao menos no que se pode constatar junto às famílias rurais serranas, principalmente as de Carmo, a concessão de hospitalidade doméstica aos seus

---

<sup>27</sup> “A função de desenvolvimento pode ainda criar novas formas de aprendizagem voluntária, a serem praticadas durante toda a vida e contribuir para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Suscitará, assim, no indivíduo liberado de suas obrigações profissionais, comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal e social” (DUMAZEDIER, 1973: 34).

círculos sociais que emigraram para localidades diversas no Sudeste brasileiro resultaram na possibilidade de usufruírem da “regra da reciprocidade” (MAUSS, 2003). Após serem anfitriãs de seus CSED e CSEI, as famílias rurais puderam acessar outras localidades sudestinas enquanto turistas. Muitos desses amigos, ou mesmo os próprios filhos, convidam seus anfitriões para usufruir da hospitalidade nos seus municípios de origem. Inúmeros relatos das famílias rurais carmenses revelaram que ao se hospedarem nessas casas de amigos e/ou dos filhos proporcionou o contato com outras realidades. A primeira vez que viu o mar, que estranhou o tráfego intenso, que ouviu outros sotaques, que experimentou outros sabores, notou variedades climáticas... São alguns relatos que evidenciam os benefícios contidos na prática do turismo pelas famílias rurais.

Apesar de essas famílias rurais carmenses não pagarem pelos “serviços de hospedagem” oferecidos pelos seus anfitriões, os quais foram outrora seus hóspedes, elas movimentaram toda uma conjuntura de empresas que servem direta e indiretamente ao turismo. Para se deslocar aos municípios que foram convidadas, as famílias rurais carmenses requisitaram serviços de abastecimento de combustível para seus automóveis. Quando não, adquiriam bilhetes de passagens rodoviárias para os quatro destinos que as empresas de transporte rodoviário operam para a cidade (Rio de Janeiro, Niterói, Teresópolis e Nova Friburgo) ou mesmo realizaram baldeação na cidade mineira de Além Paraíba (dista 12 km de Carmo), que nas margens da BR 116 (Rio – Bahia), possui uma maior variedade de destinos.

Essas famílias quando nos destinos, efetuam gastos nos empreendimentos de restauração, visitam os equipamentos de lazer e cultura, fazem compras... Mas o mais importante: convivem com os habitantes da localidade que visitam. Eles não ficam somente a mercê de um discurso moldado aos turistas, pois quando na casa de seus anfitriões, as famílias rurais vão tomar ciência das realidades vividas no seu dia a dia, ter o contato com aqueles que “fazem” a cultura da localidade. É através desse contato que as famílias rurais carmenses se deparam com o diferente e se apropriam de uma identidade própria. Ao se defrontar com o outro, percebem-se enquanto indivíduos. Pela assimilação das diferenças, reconhece-se enquanto componente de um grupo humano específico. Para as famílias rurais carmenses, conhecer outras realidades gera uma espécie de experiência, cuja principal finalidade é reconhecer-se enquanto carmenses.

As famílias rurais carmenses têm tido acesso ao turismo pelo fato de concederem hospitalidade doméstica, sendo a sua consequente “inversão de papéis” (LASHLEY, 2004) o que as tornam hóspedes em outras localidades sudestinas, sobretudo. Esse fenômeno proporciona para essas famílias a oportunidade de serem turistas e vivenciarem uma série de experiências que contribuem para conhecerem outrem e a si mesmo. Desvelar essa prática turística que é acessada pelas famílias rurais carmenses possibilita vê-las como agentes que demandam viagens de lazer, as quais proporcionam conhecimento, alegria, prazer e felicidade.

#### **4.2.3 A alimentação doméstica**

Como reflexo do que se sucedera em nosso País, o povo serrano fluminense é resultado de uma intensa miscigenação étnica. Assim, pode-se constatar que o mosaico cultural ali é composto pela pluralidade cultural característica da brasilidade. Além das três principais matrizes étnicas (africana, indígena e lusa), a Serra Fluminense abriga os descendentes de suíços, italianos, alemães, libaneses e turcos. Pela análise das entrevistas realizadas infere-se que a hegemonia da etnia lusitana é marcante nas falas que remontam à trajetória das famílias rurais carmenses, com grande contribuição dos italianos e germânicos. No caso específico das famílias neorrurais de Nova Friburgo, a sua origem étnica é tão diversa quanto ao panorama miscigenado presente nos centros urbanos do Rio de Janeiro. Em ambos os casos, o senso de brasilidade é a maior contribuição que todo esse processo de construção do povo fluminense proporcionara a essas famílias.

Os movimentos migratórios para a formação do povo serrano fluminense vão incidir diretamente na mesa dessa população. Diversos pratos e bebidas refletem os gostos e práticas culturais dessas famílias rurais, as quais compõem a oferta gastronômica local. No caso carmense, a culinária apresenta alimentos que vão desde ao que seus habitantes classificam como tradicionais aos mais modernos (derivados de soja, por exemplo), sendo os primeiros os que estão presentes na dieta carmense desde a constituição do município e os últimos, aqueles que mais recentemente foram difundidos nas prateleiras dos mercados e vendas locais.

Assim como novos produtos fazem parte da alimentação da família rural de Carmo, novas técnicas de cozimento bem como eletrodomésticos (batedeiras, liquidificadores, sanduicheiras, entre outros) estão em difusão na localidade. É possível ver o fogão de quatro bocas a gás ao lado do fogão a lenha seja ele o de alvenaria, seja o tipo prático (de metal). A geladeira movida por eletricidade é comum nas cozinhas de Carmo, todas elas apresentam congeladores, o que possibilita o acondicionamento de produtos que são perecíveis em ambientes abertos e quentes. Tal fenômeno prolonga o tempo de uso de carnes, derivados de leite e alimentos cozidos. As famílias mais jovens têm acesso ao forno de micro-ondas que proporciona a redução do tempo de cozimento de diversos alimentos, bem como a introdução de novos alimentos (refeições congeladas, pipocas, entre outros). Entre os entrevistados de Nova Friburgo, tais processos são evidentes devido à procedência urbana dessas famílias.

Outro fenômeno que se constatou na culinária de Carmo é a repercussão dos programas culinários na tevê e o acesso às receitas pela rede mundial dos computadores. As novidades na arte de cozinhar têm chegado com mais rapidez ao interior e são assimiladas pelas famílias carmenses. Tais veículos de comunicação são responsáveis pela introdução de novos produtos na culinária local, como por exemplo os condimentos industrializados (caldos de galinha, de carne, de legumes).

Na Serra Fluminense, as famílias rurais realizam no mínimo quatro refeições diárias sendo elas o café da manhã (desjejum), o almoço, o café da tarde e a janta. A primeira refeição após acordar é composta geralmente de café, leite e seus derivados, como manteiga, iogurtes, queijos, além de pães e biscoitos. O café já é uma bebida difusa na região desde sua constituição, pois fora o elemento preponderante a formação da localidade. No início do século XIX, Carmo e Nova Friburgo surgiram também pelo advento da expansão da fronteira agrícola fluminense para o cultivo do café, bem como as demais localidades da região.

Todavia, a cafeicultura já não é fonte de renda às famílias rurais, visto que não foi possível identificar a presença de pés de café em nenhuma das propriedades entrevistadas. Assim, a bebida é uma espécie de elemento cultural que permanece no consumo do dia a dia, bem como nos símbolos dos municípios e na memória das famílias pioneiras locais. É impossível circular pela região e não ser agraciado com uma xícara ou copo de café, principalmente quando a temperatura está mais amena. Quando a temperatura ambiente se eleva, torna-se mais difusa a concessão de

refrescos de frutas da época (em janeiro, tinha cajá, abacaxi, manga, goiaba, jambo, maracujá e acerola), além de água gelada que sempre são oferecidas pelas mulheres em detrimento dos homens que não o fazem na maioria das vezes.

Carmo vive na atualidade a expansão da agroindústria láctea que movimenta a pecuária de leite local. O leite produzido nos estabelecimentos agropecuários é beneficiado tanto na Cooperativa Agropecuária de Carmo, como em outros laticínios locais, resultando iogurtes, queijos brancos, manteigas, doces de leite, leite tipo B e C, entre outros. Tais derivados lácteos, somados aos que são produzidos pelas próprias famílias pecuaristas, estão presentes na mesa do café da manhã, somados aos pães que são adquiridos em mercados (geralmente pães de forma), bem como com vendedores de pães (chamados de padeiros) que circulam pelas estradas com suas bicicletas a distribuir pães do tipo francês e tatu (sovado). São raras as famílias que fazem esses pães, visto que o Carmo nunca efetuou o cultivo de trigo. O cereal mais difundido fora o milho e dessa forma, a planta nativa passou por um maior desenvolvimento gastronômico, a resultar em pratos diversos como a broa que pode ser considerada equivalente ao pão.

Na dinâmica das famílias entrevistadas em Nova Friburgo, poucas se dedicam à agropecuária, sendo corrente a presença de hortas de temperos e algumas folhosas que compõem as saladas que são servidas na alimentação cotidiana dessas famílias. Entretanto, há de se pontuar que no PETP existe por parte dos empreendedores turísticos a compra de alimentos dos produtores da redondeza, fato que pode ser explicado tanto pela distância e dificuldade em acessar rapidamente os pontos de comercialização (como os mercados e mercearias), bem como a conscientização do efeito multiplicador que a compra com o vizinho proporciona à região. Assim, é comum entre essas famílias a compra de ovos, leite, verduras, frutas, folhosas, entre outros produtos da agropecuária local. Vale ressaltar que tanto em Carmo como em Nova Friburgo a maioria da alimentação é comprada em pontos de comercialização, principalmente carnes, feijão, arroz, macarrão, entre outros alimentos beneficiados, muito embora haja um fenômeno espontâneo que se manifesta da manutenção da preservação das compras com produtores vizinhos a fim de privilegiar a agropecuária local.

A diferença geracional também determina distinções quanto ao alimentar. O repertório gastronômico fica mais variado de acordo com a idade das pessoas, bem como os horários para as refeições onde as famílias mais jovens não seguem um

horário rígido. Em Carmo, os idosos vivenciaram um momento de acesso aos gêneros alimentícios que estavam mais próximos, os quais eram produzidos em suas terras e onde a agricultura predominava na vida do município. Já os jovens vivenciam um momento em que a agricultura local deixou de produzir a comida necessária para o abastecimento interno, assim como vivenciam novos padrões alimentícios em difusão. A comida simples, a *comida da roça* é a comida que une a família e aquela que dificilmente sairá dos padrões dos mais idosos. Os jovens comem, mas abrem espaço para o novo, ao que vem de fora. Entre os mais idosos, permanecem alguns costumes como comer angu (derivado de milho) no café da manhã. Já entre os mais jovens, há a preferência pelos alimentos industrializados como biscoitos recheados, achocolatados, salgadinhos. Alguns destes também consomem frutas processadas no liquidificador caseiramente com leite e açúcar sob a forma de vitaminas (com preferência à banana e maçã), somada às vezes com aveia. Entretanto, a bebida que mais se consome no café da manhã permanece sendo o café adicionado ou não ao leite, sempre com bastante açúcar, de preferência o tipo cristal. Tal café é feito em uma panela chamada leiteira ou caneco, onde se aferventa água com açúcar que quando chega ao ponto de ebulição, adiciona-se o pó de café a movimentar a mistura com uma colher até o momento que o pó de café sobe. Desliga-se o fogo e se passa a bebida em um coador de pano, o qual possui ou cabo de madeira ou arame revestido de plástico, e acondiciona-a em uma garrafa térmica.

O almoço é tido como a refeição principal das famílias rurais de Carmo, com exceção às poucas famílias onde os chefes estão presentes ao convívio familiar apenas à noite, a conferir ao jantar maior importância. O segundo momento alimentar local apresenta a combinação de arroz tipo agulhinha ou parboilizado e feijão preto, feitos separadamente, os quais são a base da refeição que geralmente é servida entre às 10h30 até 13h00. Junto ao clássico da culinária brasileira, costuma-se ter um derivado de milho, podendo ser o angu ou a canjiquinha (milho xerém) que pode ser observado na figura 10. Ocasionalmente, o arroz e feijão podem ser preteridos frente ao macarrão, só que em menor frequência. Quando tal fenômeno ocorre, exime-se a presença do milho na refeição. É no almoço que se aumenta o consumo de carnes diversas, sendo a mais corriqueira a bovina e aves (principalmente galinhas e frangos caipiras). A base proteica da refeição ganha centralidade no almoço, bem como nos festejos. A carne suína é consumida em

menor quantidade, sendo mais presente em almoços especiais, bem como peixes e ovos, sendo estes últimos mais utilizados como ingrediente base a outros pratos. Algumas propriedades engordam suínos para subsistência, entretanto a criação de galináceos é mais difusa entre as propriedades de Carmo.

Figura 10 - Preparo de angu, feijão, arroz e cozido de carne bovina em fogão à lenha para o almoço, Carmo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Em Carmo, a gordura suína (chamada de banha de porco) é utilizada na confecção de diversos pratos do dia a dia, tendo sua incidência reduzida nas famílias mais jovens, as quais acreditam que a utilização de óleos vegetais, sobretudo derivado da soja, é mais saudável e prática. Em Carmo, a presença de saladas fica evidente, principalmente quando as famílias possuem algum antepassado italiano. Predominam as folhas como alface, chicória, almeirão e couve manteiga. O tomate compõe a salada carmense, bem como a beterraba, o chuchu, berinjela, além dos brócolis, todos muito difundidos na Região Serrana fluminense. Outros legumes também fazem parte da refeição, geralmente cozidos com as aves

sob a forma de ensopados. Figuram batata inglesa, batata doce, mandioca (também chamada de aipim), cenoura e inhame. Entre os temperos mais utilizados estão o sal, açúcar, cebola, salsa, alho, coentro, hortelã, manjericão, alfavaca e açafrão.

Em Nova Friburgo, a alimentação das famílias locais tem a característica de buscar ao máximo os produtos que estão na região, bem como aqueles que são cultivados pelos mesmos, sobretudo quando se trata dos orgânicos. Ainda em processo de consolidação na região do PETP, a agricultura orgânica se adéqua à proposta da zona de uso controlado que pode ser visto na figura 11. Além disso, é corrente entre essas famílias a busca por uma alimentação mais harmonizada com os princípios agroecológicos, a ser corrente entre elas a existência de alguns vegetarianos, ovolactovegetarianismo e veganos, fato não presente na dinâmica das famílias rurais de Carmo. Assim, a influência dos princípios alimentares dessas famílias friburguenses proporciona uma maior variedade culinária ao rural fluminense.

Figura 11 - Produção agroecológica no Parque Estadual dos Três Picos, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

O café da tarde, terceira refeição diária, tem influência inglesa que remete ao famoso “chá das cinco”. A principal tese que sustenta tal ligação se assenta na presença de ingleses que já frequentavam as regiões mineradoras nos Setecentos, a fim de fiscalizar a cunha e promover seus empreendimentos ligados à extração aurífera em Minas Gerais, sobretudo (FREITAS E SOUZA, 2009). No Brasil, difundiu-se o café da tarde e assimilaram-se os costumes locais com a introdução

dos alimentos de fácil acesso pelos serranos. O horário não é fixo, ocorrendo geralmente de três a quatro horas após o almoço. Assim, em Carmo a refeição terá ainda o predomínio do café e a presença da broa de milho, a qual no passado era feita apenas com o fubá, ovos, leite, manteiga, açúcar e erva doce. Atualmente, a broa pode ser feita com óleo de soja, em substituição à manteiga, bem como a adição de fermento químico e trigo à receita, cuja finalidade é trazer mais leveza à massa, segundo as entrevistadas. O café da tarde também pode ser uma mera repetição do café da manhã.

A janta é tida como a última refeição e a que apresenta uma maior mudança em sua estrutura, segundo os entrevistados. Comumente, ela pode ser a repetição do almoço, com a reposição de possíveis alimentos que tenham sido degustados anteriormente. Todavia, é sensível a mudança quanto a esse panorama. A quarta refeição caminha para uma espécie de ceia que ora se resume a um sanduíche somado de uma bebida, a qual pode ser desde um suco, a uma vitamina ou mesmo um refrigerante; como também o consumo de saladas sortidas, geralmente sem a presença de carnes fritas ou assadas. A explicação para tal fenômeno, segundo os entrevistados, é a busca por uma dieta menos calórica e mais leve antes de se deitar, a fim de proporcionar uma noite de sono tranquila. Destarte, tanto pela estética corporal quanto pela preocupação em ter uma vida mais longa, diversas famílias rurais de Carmo têm mudado o jantar para o que elas chamam de lanche.

A dieta cotidiana dá espaço a um cardápio mais elaborado nas comemorações realizadas pelas famílias rurais de Carmo e Nova Friburgo. Esse é o momento em que a confecção dos pratos deixa de lado a praticidade e ganha mais “toques especiais”. Aniversários, casamentos, batismos, Natal, Ano Novo, Festas Junina e Julina, bem como os churrascos de fim de semana são os momentos onde essas famílias irão transgredir a rotina gastronômica supracitada. Os pratos irão apresentar uma quantidade calórica superior, além de fartura, pois, segundo entrevistados, “é melhor sobrar do que faltar”. Por fim, a questão do tempo de preparo de comidas mais elaboradas acaba por atravancar que sejam feitas todos os dias, exigindo das mulheres mais esforço e conseqüentemente rompendo com a alimentação cotidiana. Muito embora, em algumas ocasiões os anfitriões carmenses efetuam a *incoerência alimentar festiva* quando se dedicam em receber seu círculo social expandido direto. Tal fenômeno pode ser descrito quando os anfitriões oferecem a preferência ao hóspede que deseja desfrutar da culinária cotidiana local

visto que não a usufruem como outrora. Os pratos do dia a dia da família rural carmense, visto por eles como algo banal, são apreciados por aqueles que de maneira saudosista reivindicam o angu, a canjiquinha, a costelinha de porco e demais alimentos que não estão presentes na dieta das localidades onde vivem.

Majoritariamente, são as mulheres as responsáveis pela atividade culinária, cujo domínio é compartilhado com homens apenas em momentos de festividades. Em Carmo, as cozinhas das casas mais antigas ficam afastadas do restante da residência, resquício do temor de um possível incêndio derivado dos antigos fogões a lenha, fato que não se vê nas casas dos neorrurais. Na atualidade, essas cozinhas das casas mais antigas foram integradas ao restante da casa por intermédio da varanda. Quando os pratos são preparados fora da cozinha, os homens tendem se responsabilizar, sobretudo se o prato em questão for o churrasco, o qual pode ser feito tanto em churrasqueiras de alvenaria, como em grelhas adaptadas dos mais variados objetos, como cubas de antigas máquinas de lavar roupas, barris de chope, rodas de automóveis, entre outros.

Em Carmo, se os churrascos forem promovidos para muitas pessoas, o que conseqüentemente sobrecarregaria o assador (pessoa responsável pela direção do processo de preparo dos assados) durante todo o período do evento, chama-se uma pessoa de fora do círculo social a fim de poupar um integrante, seja ele hóspede, seja ele convidado, que não teria prejuízos quanto ao gozo do momento em comunhão. A mudança na produção agropecuária, do ciclo do açúcar (até a década de 1970) para o gado bovino (atual), além de baratear a carne, ocasionou mudanças na alimentação local, bem como nos festejos. A difusão do churrasco nada mais é do que o reflexo da mudança da pauta econômica local, somada à praticidade do prato, o surgimento de açougues, bem como o status que o consumo da carne confere aos consumidores. Ressalta-se que aos poucos, as mulheres começam a dominar o preparo do churrasco, apesar do domínio ainda ser preponderantemente masculino.

A maneira como o churrasco é servido se baseia em acompanhamentos como o arroz, molho vinagrete e farofa. Quanto a esses últimos, o molho vinagrete é feito com cebolas, tomates e pimentões verdes picados em cubinhos, embebidos em água gelada com vinagre de vinho, azeite de oliva e sal. Já a farofa é feita a base de farinha de mandioca torrada, com bacon, linguiça defumada, cebola, alho, manteiga e um ingrediente que traga um sabor adocicado, que pode ser banana, uvas passas

ou abacaxi. Têm-se cebolas assadas em brasa, bem como bananas e abacaxis que são servidos como sobremesa. Os cortes de carnes prediletos do churrasco são a picanha, a alcatra e a maminha (bovino), além das asas de frango e suas partes (drumet) e as linguiças suínas (toscana e mineira). Assim, alguns pratos despontam entre as principais celebrações carmenses, como é o caso da leitoa à pururuca, canjiquinha com costelinha de porco, feijão tropeiro, torresmo com mandioca frita, caldo verde, sopa de ervilha, mocotó, cozido de legumes, macarronada com frango, feijoada, frango com quiabo, tutu com linguiça, vaca atolada, angu com rabadá, pato ou frango com mandioca, os quais são servidos em almoços especiais, festas juninas e julinas, principalmente.

Em Nova Friburgo, os momentos de fuga da rotina gastronômica envolvem os fornos à lenha. Como a região de Campo do Coelho é uma das mais frias do estado do Rio, o forno à lenha não terá apenas a função de ser o pivô do cozimento de alimentos, mas também será o responsável por aumentar a temperatura dos ambientes onde eles se encontram (geralmente nas copas dos empreendimentos, e não dentro da casa dos anfitriões), além de proporcionar conforto térmico a tais pessoas que se encontram a sua volta. Dessa forma, os churrascos não terão tanta importância como em Carmo, sendo mais comum o preparo de frangos assados, pizzas e outros pratos que podem ir ao forno à lenha.

Nos banquetes de Natal permanece a lógica da centralidade das carnes na confecção dos pratos onde despontam o peru, o leitão e o frango caipira (geralmente criados ou comprados com vizinhos), o chester, o tender e o pernil (conseguido junto aos mercados da rua), bem como uma série de pratos gelados como é o caso do salpicão. A possibilidade de refrigeração dos alimentos, bem como a introdução de novidades na dieta carmense alterara a ceia natalina. A dificuldade em acessar os derivados de trigo no passado fazia com que, por exemplo, o macarrão fosse servido na noite de Natal. Na atualidade, esse prato, bem como o tutu de feijão não faz mais parte da ceia, a qual é composta por salpicão, patês, mesa de frios, entre outras novidades que alguns entrevistados citaram. Permanecem na mesa natalina o bacalhau, a farofa e arroz de forno ou à grega. Entre os doces, despontam as natalinas rabanadas, compotas de abóbora, coco, figo, pêssego, salada de frutas, pudim de leite e pavês diversos.

Nas festas de aniversário, sobretudo as infantis, constata-se a presença de pastéis, quibes, cachorro quente, pipoca. Entre os doces, há paçoca, pé de

moleque, cuscuz, bombons, brigadeiro, cajuzinho, beijinho e bolos confeitados. As bebidas que figuram entre todos os banquetes são a cerveja, refrigerante, cachaça, batidas de frutas (coquetel de frutas com cachaça), sucos de frutas, sucos de polpa processada, quentão de cachaça e chocolate quente.

Nas festas de fim de ano, o hábito de se preparar a ceia apenas com alimentos e bebidas do anfitrião tem dado lugar ao compartilhamento das despesas com seus hóspedes, principalmente com os do círculo social próximo. A mudança no padrão de ocupação no território de Carmo, onde as famílias rurais têm visto suas filhas e filhos se casarem e irem morar “na rua” (no centro de Carmo), muda as formas de preparo da alimentação aos eventos. Até certo tempo atrás, a presença das filhas dessas famílias rurais junto a propriedade acabava por propiciar a divisão das tarefas culinárias para o preparo do banquete natalino. Com a saída dessas mulheres para a “rua”, as mães que ficaram no rural acabam por não dar conta de todo o preparo da ceia, que é compartilhada com as filhas e noras quando trazem de suas casas alguns pratos que compõem o banquete.

#### **4.2.4 O entretenimento doméstico**

A inserção do domínio do entretenimento doméstico enquanto categoria de análise se presta como um identificador de que a hospitalidade doméstica também está fundamentada na prerrogativa de compartilhar momentos de descontração, celebração e lazer. Assim, a família rural de Carmo recebe seus convidados para comemorar aniversários, feriados religiosos (Páscoa, Natal, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Aparecida), Ano Novo, bodas, casamentos, entre tantos outros motivos que culminam em festa. O domínio para a organização dessas festas também parte da iniciativa feminina, a qual se responsabiliza pelos assuntos decorativos e de gerência.

As festas de aniversário são as mais celebradas e as que demandam maior esforço para seu preparo são as festas infantis, principalmente as que celebram o primeiro ano de vida. A decoração obedece a uma temática atrelada a algum personagem de histórias infantis, desenhos animados ou programas matutinos e da tevê fechada. Conforme as crianças se tornam adolescentes e jovens, as festas assumem novas configurações. O bolo confeitado, ponto alto da festa infantil,

geralmente estilizado em cores e formas lúdicas se simplificam. O refrigerante começa a dar lugar à cerveja, bem como demais bebidas alcoólicas. As músicas infantis são mudadas aos ritmos sertanejo e forró que são mais difundidos na região. Nesse aspecto musical, evidencia-se um conflito geracional, visto que os adolescentes e jovens têm a preferência pelos ritmos que estão acessíveis nas rádios locais, como o rock, o pop, o funk, o samba, o pagode, o *hip hop*, o *eletro*, o *house*, o sertanejo universitário... Os adultos preferem as músicas que ouviam na juventude, como o rock nacional da década de 1980, entre outros artistas da MPB, chorinho. Os idosos elegem as serestas, bem como os artistas que popularizaram suas canções na década de 1960 e 1970, como Roberto Carlos, por exemplo.

Ainda quanto à questão musical, se na família ou entre os amigos existem pessoas que dominam algum instrumento musical, bem como possuam desinibição em mostrar seus talentos, ficam eles responsáveis pela animação da festa. A arte ao vivo, dá lugar aos aparelhos eletrônicos sonoros (rádios, autofalantes de automóveis, etc.) que tocam discos compactos (CDs) e *pen drives* (dispositivos que arquivam músicas em formato MP3), dos mais diversos ritmos. Muitas dessas músicas são veiculadas pelas rádios e colhidas na rede mundial de computadores, a proporcionar uma amplitude de ritmos musicais que rompe as “fronteiras” das duas rádios locais em frequência modulada. Mesmo com esse panorama, os ritmos musicais mais ouvidos durante as confraternizações, no geral, são o sertanejo (nas mais variadas formas) e forró.

Há uma diferença entre as celebrações dos evangélicos que habitam o espaço rural de Carmo. Em suas festas, algumas restrições são impostas pela ideologia que rege a fé. Bebidas alcoólicas e músicas seculares não são permitidas nos festejos evangélicos. Os refrigerantes, os sucos e água são as bebidas servidas nesses eventos. Não há restrições alimentares nos eventos evangélicos. Quanto às músicas, são privilegiadas as canções gospel e os artistas locais que se apresentam durante os cultos que ocorrem nos templos evangélicos da região.

De modo similar, muitos artistas da região, com destaque aos sanfoneiros, costumam se apresentar nas festas juninas e julinas promovidas nas propriedades rurais de Carmo. O hábito de chamar um sanfoneiro perdura desde quando se iniciaram os festejos aos santos católicos nos meses de junho e julho em Carmo. Para essas festas, a decoração é feita com bandeirinhas que podem ser confeccionadas de papéis reciclados (antigos jornais, revistas, etc.) ou compradas

nos bazares da cidade ou em Além Paraíba, bem como demais enfeites como balões, foles, entre outros. Das mais simples às mais elaboradas, em todas as festas se privilegiam esses ritmos: sertanejo, forró, baião, xote, além das cantigas de quadrilhas.

Algumas festas contam com queima de fogos e chegam a contratar seguranças particulares para coibir a entrada de pessoas que não são convidadas (penetras). A presença dos penetras foi determinante para o fim de algumas festas que aconteciam antigamente. Segundo o relato de entrevistados mais idosos, algumas famílias realizavam festas aos santos católicos venerados nos meses de junho e julho para a comunidade, a visar a presença de conhecidos. Todavia, a fama das festas se espalhava e começava a atrair pessoas que eram fora de Carmo. Além disso, a intromissão à casa do anfitrião, a qual não era aberta nos dias das festividades, acabava por arriscar a intimidade e segurança do anfitrião. Dessa forma, muitas festas particulares e abertas ao público se adaptaram no rural carmense, haja visto que a massificação de pessoas desconhecidas no recinto próprio à confraternização é o que causa modificações ou mesmo o fim da prática de eventos particulares.

As festas de fim de ano têm sido as mais presentes nas falas dos anfitriões entrevistados enquanto momentos de entretenimento junto aos seus convidados. No Natal, costuma-se realizar brincadeiras como o “amigo oculto”, onde anfitriões e hóspedes trocam presentes entre si. É o momento onde se ouve música enquanto se celebra o nascimento de Jesus Cristo, com muita fartura de alimentos e bebidas que são consumidos exageradamente. Em Carmo, as famílias são majoritariamente cristãs, sejam da vertente católica (maioria) ou evangélica (protestante). Os relatos das famílias anfitriãs revelaram dar maior atenção aos eventos que comemoram a coletividade. Dá-se mais importância às festas de fim de ano, às juninas, que as celebrações íntimas (aniversários, batizados, etc.).

As festas de casamento não tem tido grande incidência nos relatos dos entrevistados, com exceção de famílias que cedem seu espaço para a celebração tanto da cerimônia, quanto das festas. Tal fenômeno envolve principalmente a comunidade evangélica de Carmo, a qual conta com a hospitalidade de seus membros que possuem propriedades rurais dotadas de beleza cênica, a torná-las locais perfeitos tanto para o compromisso matrimonial, como à festa, a qual segue as mesmas premissas reivindicadas pela ideologia evangélica.

Há uma relação inversa nesse tipo de situação, pois, ao mesmo tempo em que a família anfitriã cede gratuitamente o espaço ao hóspede para a realização de seu evento, fica este e sua família responsáveis pela sua organização e manutenção do espaço que deve ser devolvido da mesma forma que fora encontrado. No momento em que se sucede o evento, o hóspede da família rural anfitriã assume a figura de anfitrião do evento, a compartilhar o domínio do espaço, das regras e da estrutura do evento. Dessa forma, pode-se concluir que é possível uma assunção de um estado de anfitrião compartilhado temporariamente, onde a família que possui o bem imóvel cede parte da responsabilidade pelo local ao hóspede que se torna anfitrião a partir da hora que se desenrola o evento (casamento, no caso) até seu término.

Enfim, a festa é o momento de transgressão ao cotidiano de trabalho, visto que por mais que haja uma preparação prévia, que conseqüentemente exige trabalho, será esse o momento de celebrar a coletividade ou o indivíduo. É o momento do gozo, da risada, das lembranças, da extravagância, do exagero, do barulho. Através da festa se celebra o que é bom, com quem se gosta a fim de perpetuar os laços que existem e criar novos.

Os entrevistados também revelaram que acaso ocorra o falecimento de um ente da família próximo ao período de festejos, é cessada a sua comemoração. Tal atitude também é tomada para com as celebrações prediletas do falecido, visto que se permite o sofrimento que as lembranças da saudade causam aos pertencentes do círculo social durante o silêncio. Alguns entrevistados citam que o retorno às comemorações acontece de maneira lenta e sempre permeada de lembranças dos que se foram.

#### **4.2.5 A recepção comercial**

O distrito do Campo do Coelho, apesar de ser o maior produtor agrícola do estado do Rio, apresenta dois circuitos turísticos, onde um é intermunicipal e o outro está apenas dentro dos limites de Nova Friburgo. O Circuito Turístico Tere - Fri (CTTF) partiu da iniciativa de empreendedores que lidavam com o turismo mas de maneira desintegrada, cuja constatação da evidente situação os levou a se unirem em torno de uma iniciativa privada para a gestão de serviços turísticos. No início da

década de 2000, o CTTF se concretizou e recebeu esse nome pelo fato de estar disposto às margens da Rodovia Estadual 130, ou RJ 130, mais conhecida como Estrada Teresópolis – Nova Friburgo ou Tere - Fri.

O Circuito Turístico dos Três Picos (CTTP) teve sua consolidação posterior ao CTTF, apesar de os entrevistados revelarem que ele é mais antigo. A segunda fase do CTTP pode ser dada por intermédio do contato com o CTTF. Algumas das famílias residentes no PETP se propuseram em participar da CTTF, entretanto os próprios gestores do deste circuito turístico revelaram que o fato de os empreendimentos do PETP se situarem mais afastados da RJ 130 impediria o pleno desenvolvimento dos mesmos. Assim, os moradores do parque decidiram retomar o CTTP e desenvolvê-lo independente ao CTTF, embora de modo sinérgico, visto que ambos compõem os circuitos turísticos de Nova Friburgo.

Ao contrário do que se verifica na recepção doméstica, a recepção comercial apresenta adaptações quanto à sua estrutura. Nos dados coletados junto aos empreendedores dos circuitos turísticos rurais friburguenses, constatou-se que a maioria deles possui uma página na internet a convidar pessoas que não conhecem para usufruírem dos serviços por eles prestados. Ao divulgar os serviços na rede mundial de computadores, os anfitriões profissionais expõem seus produtos para pessoas que procuram estar em contato com a vida silvestre em regiões montanhosas no Rio de Janeiro.

Para tanto, é necessário revelar que o turismo na região está atrelado aos esportes desenvolvidos em regiões de topografia elevada e escarpada, como a Serra Fluminense. O primeiro clube de montanhismo no Brasil surgiu em 1919, no Rio de Janeiro, a revelar o pioneirismo da região nesse tipo de atividade (MACIEL, 2010). A região começou a ser visitada pelos montanhistas a partir da década de 1940. A iniciativa dos montanhistas no início do século passado em desbravar as escarpas da Serra do Mar fez com que se desse início ao fluxo dos primeiros turistas na região, a caracterizar esse segmento turístico para as montanhas do Campo do Coelho.

A partir de 1970, inicia-se o processo de inserção de novos turistas que não demonstravam interesse único em esportes montanhistas, mas desejavam um espaço longe da agitação dos grandes centros urbanos, onde poderiam gozar a vida muitas das vezes baseada em motivações filosóficas e espirituais, num ambiente de simplicidade. Esse período marcado pela instauração da ditadura militar no Brasil

acaba por provocar que levas de pessoas aderentes às filosofias alternativas (movimentos de contracultura) estivessem constantemente sob o controle das autoridades militares que os taxavam como subversivos. Como a cidade do Rio de Janeiro nesse período passava pelo período de mudança da capital para Brasília, tal fenômeno não poupava que as instituições militares que há muito estiveram estabelecidas ali fossem responsáveis pela constante privação das liberdades civis da população carioca.

Assim, diversos grupos de jovens se deslocavam pelo interior fluminense, muitos deles de maneira itinerante, para fugir da efervescência coibidora das instituições militares no período da ditadura militar (1964 – 1984). Como os atrativos almejados por essa segunda geração de turistas contempla os valores do Arcadismo, movimento literário italiano fundado no fim do século XVII, sendo eles, segundo Cereja e Magalhães (2000) o *fugere urbem* (fuga da cidade), *aurea mediocritas* (vida medíocre materialmente, mas rica em realizações espirituais) e o *carpe diem* (gozar a vida enquanto é possível); tomo a liberdade de qualificá-los como turistas neoárcades, visto que demonstravam o desprezo pela vida urbana e o gosto pela paisagem campestre; o ideal de uma vida simples, integrada à natureza; e a busca do equilíbrio espiritual.

Contemporaneamente, o município de Nova Friburgo recebeu levas desses grupos a inaugurar e/ou estabelecer o turismo em diversos distritos, como o de Lumiar, São Pedro da Serra e o de Campo do Coelho (SCHIAVO, 1997; TEIXEIRA, 1998; D'ONOFRE, 2010). O que difere esse segundo fluxo turístico do primeiro, é que muitos desses turistas neoárcades decidiram residir nas localidades friburguenses, como foi o caso de Campo do Coelho. Ali, compraram parcelas dos sítios das famílias que viviam da agricultura desde a ocupação do território que se iniciara pelos meados do século XIX. Muitos deles se dedicaram à agricultura orgânica, à criação de trutas, além de atividades culturais como o montanhismo, a estamparia em tecidos, gastronomia, cerâmica. Inclusive, após a instalação das primeiras famílias neorrurais, seus parentes também se instalaram na localidade, a favorecer uma maior coesão entre o grupo humano em análise.

Vale salientar que ambos os fluxos descritos cá coexistem, ou seja, os turistas montanhistas e os neoárcades continuaram a frequentar o local até os dias de hoje. Muito embora, já haja uma terceira geração de turistas sinalizada pelos entrevistados, cujo grupo é composto, mormente, por pessoas da classe média,

possuidores de automóveis que frequentam o distrito friburguense durante os fins de semanas, recessos escolares, bem como feriados. Esses são os turistas de pequenos intervalos<sup>28</sup> que usufruem do automóvel como meio de transporte para se deslocar às localidades turísticas que não ultrapassem 300 km de sua residência.

Como característica do ser humano, todos tendem a buscar a contemplação de suas necessidades. Quando longe de casa, as pessoas tendem a procurar locais para se alimentar, informações para se orientar, dentre outros serviços para usufruir a permanência num local desconhecido. Assim, os circuitos turísticos de Nova Friburgo não foram criados anteriormente à vinda dos turistas, mas a presença desses com suas demandas foi o que impulsionara o desenvolvimento de serviços locais de hospedagem, alimentação, entretenimento. Tal fenômeno demonstra inclusive o poder da comunicação informal (boca a boca) na divulgação de um destino turístico como é o presente caso.

A forma que os empreendedores do CTTF e CTPP têm para convidar aqueles que não conhecem a localidade são as mídias virtuais (*blogs, flogs, sites, etc*) que circulam pela rede mundial de computadores (ver figura 12); as brochuras (*folders*) elaboradas pelos integrantes do mesmo e que são expostas no Centro de Turismo de Nova Friburgo, bem como nos eventos onde a cidade é representada; além das reportagens que são reivindicadas junto aos sistemas de comunicação de massa de Nova Friburgo (tevéis e rádios locais).

---

<sup>28</sup> Utilizo a expressão de turista de pequeno intervalo como referência ao turismo de *short break*, o qual pode ser caracterizado como “*viaje vacacional de corta duración, resultado de la fragmentación de las vacaciones laborales anuales en periodos más breves [...]*” (COLLADO, 2010).

Figura 12 – Página eletrônica do Circuito Turístico Tere Fri, 2012.



Fonte: CIRCUITO TURÍSTICO TERE FRI, 2012.

Entretanto, por mais que haja alguma eficácia nesses instrumentos de propaganda, os relatos dos entrevistados apontam que a indicação por parte dos turistas que vão ao local e depois divulgam para seus círculos sociais é a forma mais evidente de atração desses que não conhecem o local mas se predispõem em ir. Com exceção dos restaurantes, todos os empreendimentos turísticos do CTPP possuem cães como postilhões, os quais também não oferecem risco algum aos passantes, exceto o pânico inicial que aos poucos dá lugar aos afagos e interação com estes doces animais. Antes de entrar nas residências, há o hábito dos anfitriões em retirar seus calçados sem impor oralmente tal condição aos seus hóspedes. Tal regra é percebida implicitamente e acaba por ser uma das formas de rito ao estar junto do anfitrião em seu lar.

Apesar de muitos aparecerem de forma espontânea, principalmente os moradores do centro de Nova Friburgo que vão a lazer ao Campo do Coelho, os empreendedores turísticos rurais da localidade contam com um sistema de reservas operado pelos mesmos. Dessa forma, os clientes podem contatá-los via telefone ou internet para solicitar seus serviços. Muito embora, os sistemas de comunicação que servem o CTPP não tenha a mesma qualidade do que o que está disposto ao CTFP, visto que por estar dentro do PETP, esses serviços que são tidos como prioridades

urbanas ainda não chegaram por completo aos moradores da localidade. São raros os telefones fixos e a telefonia móvel apenas funciona em níveis satisfatórios se os moradores adquirem antenas externas para captar o sinal em cima dos telhados de suas casas. Sem a conexão dessa antena, raramente os telefones celulares captam sinal de suas operadoras. Tal realidade acaba por dificultar a comunicação com os clientes, principalmente no que se trata de acessar a internet e renovar as mídias virtuais, além de acessar os correios eletrônicos (emails). Assim, aqueles que possuem linhas telefônicas fixas e acesso à internet acabam por auxiliar todos os demais integrantes do CTTTP haja visto que se prestam como intermediadores na comunicação entre hóspedes e demais anfitriões.

Entre os turistas montanhistas há uma espécie de rede de sociabilidade fundamentada na amizade e na reciprocidade, o que acaba por configurar o CSED das famílias do PETP. Alguns dos moradores do PETP são renomados montanhistas e guias de turismo que já tiveram a oportunidade de realizar escaladas em diversas localidades do planeta. Conseqüentemente, esses montanhistas anfitriões em Nova Friburgo acabam por ser acolhidos por outros montanhistas quando longe de lá, a fazer com que aqueles retribuam a recepção a estes quando estão na Serra Fluminense. Dessa forma, muitos desses turistas montanhistas que frequentam o PETP não necessariamente estão passivos ao pagamento dos serviços de hospitalidade presentes na região. Como o convite aos amigos montanhistas fica sempre em aberto, parte de o convidado anunciar sua ida ao PETP a fim de que os anfitriões se preparem para recebê-lo.

Muitos turistas que circulam pela Tere - Fri fazem diversas paradas nos estabelecimentos dispostos à beira da rodovia. Assim, eles têm a oportunidade de consumir os produtos produzidos no local, bem como receber informações sobre o CTTT e demais atratividades da região. Tal fenômeno ocorre principalmente nos pontos de venda de derivados da agricultura, pecuária e extrativismo local, com destaque aos queijos, chocolates, mel, própolis, essências, etc. Quando os visitantes circulam pelos circuitos turísticos e não estabelecem um vínculo afetivo com seus anfitriões, fato comum no domínio comercial da hospitalidade, pode-se inferir que são o CSEI das famílias rurais de Nova Friburgo.

#### 4.2.6 A hospedagem comercial

A hospedagem comercial assume diferentes facetas. Em Carmo, por exemplo, o fenômeno se manifesta com os aluguéis de sítios por temporada. A negociação se dá principalmente sem intermediários, onde os donos dos sítios são contatados pelos interessados, principalmente na época de Carnaval. Esses donos geralmente têm tais sítios como espaços de lazer, visto que ou moram na rua ou vivem em outro sítio, a possibilitar o aluguel ao interessado. Quando vivem no sítio, realizam o aluguel por temporada muitas vezes para financiar a própria viagem que eles realizam. Dessa forma, é possível dizer que o lazer financia o lazer alheio. Nessa situação, a interação entre anfitrião e hóspede é reduzida aos momentos de entrega e devolução da habitação rural, bem como o pagamento pelo serviço. Atualmente, Carmo não possui pousadas, hotéis ou outros meios de hospedagem comerciais no espaço rural.

Em Nova Friburgo, muito do que foi desenvolvido para a hospedagem no CTTTP se deve à adaptação provocada pelo fluxo espontâneo de turistas na região. A primeira forma de recepção no local partiu dos agricultores e pecuaristas que acolhiam os primeiros desbravadores que se propuseram em abrir as trilhas para alcançar os picos da Serra do Mar. Bem próximo ao sopé desses picos, uma antiga construção serviu durante muito tempo como abrigo aos primeiros montanhistas da região. A função desses refúgios de montanha é minimizar os desafios que consistem na permanência do montanhista em regiões que não apresentam fácil comunicação, infraestrutura urbana, entre outras amenidades. Esse tipo de meio de hospedagem é resultado do aprimoramento dos refúgios de montanha amplamente presentes na Europa, mas que outrora tinham a finalidade de favorecer a prática da caça e a permanência dos primeiros desbravadores das regiões elevadas. A incidência desses refúgios se deu, sobretudo, em localidades alpinas da Suíça, Itália, França e Áustria.

Apesar de ser uma região que fora ocupada pelos colonos suíços, pouco se sabe sobre a relação dos refúgios de montanha na localidade e sua ligação com a etnicidade helvética. Com a finalidade de favorecer a estada de montanhistas que vêm de toda a parte do planeta, muitos desses neorrurais se dedicaram na construção de refúgio. Os serviços oferecidos nesses meios de hospedagem são

simples e economicamente acessíveis, visto que na atualidade os preços oscilam entre R\$ 15,00 a R\$28,00<sup>29</sup> por dia. Por essa taxa, os hóspedes têm acesso a um local para dormir que pode tanto ser uma cama em um beliche (ver figura 13), quanto um colchão em um quarto coletivo; além de banheiros com chuveiros elétricos, sanitários, pias, espelhos; e cozinha equipada com fogão, geladeira, panelas, talheres, pratos e outros utensílios. A tarifa não inclui refeição. Os anfitriões recomendam que seus hóspedes levem seus cobertores individuais, entretanto é possível o aluguel desses por R\$ 10,00.

---

<sup>29</sup> Apenas para elucidar, até a data de 26 de outubro de 2012, o salário mínimo nacional está estipulado em R\$622,00 (BRASIL, 2011), a diária mais cara de um refúgio comprometeria apenas 0,22% do soldo mensal de um trabalhador com carteira assinada.

Figura 13 - Quarto coletivo do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

A disposição topográfica desses refúgios obedece a uma lógica local, visto que eles sempre estão num patamar abaixo das residências dos anfitriões, as quais não são anexadas. Os refúgios locais apesar de não obedecer a um padrão arquitetônico, são construções que ou foram as primeiras casas dos anfitriões, ou foram edificadas para a finalidade de serem refúgios de montanhistas (ver figura 14). A força de trabalho para erguê-los é da própria comunidade, com destaque à família

que se lança na iniciativa e que pode inclusive solicitar a ajuda de seus vizinhos e hóspedes (de preferência aqueles que são amigos de longa data). Os materiais utilizados na obra são majoritariamente da localidade.

Figura 14 - Refúgio Canto de Pedra, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Com a existência do fluxo de turistas de pequenos intervalos, os quais, segundo os entrevistados, possuem característica de estar acompanhados com a família, requisitam maiores necessidades quanto à permanência no local. Assim, alguns moradores locais decidiram ofertar hospedagem com mais opções de serviços e amenidades superiormente quantitativas aos refúgios, as quais contemplam as demandas das famílias de hóspedes de pequenos intervalos. Na maioria das vezes, essas pousadas surgiram por conta da demanda desse tipo de turista, onde os donos de casas ou chalés desocupados adaptaram os espaços para o comércio da hospedagem.

Os serviços das pousadas extrapolam o que já é oferecido nos refúgios. A privacidade é um dos diferenciais, visto que nessas pousadas a existência de cômodos separados é superior aos refúgios (ver figura 15). Entretanto, não se pode concluir que um serviço é melhor que o outro, visto que ambos atendem satisfatoriamente a públicos com demandas específicas. A diária por pessoa oscila entre R\$ 30,00 a R\$ 45,00. Os serviços não são padronizados no que se refere à alimentação. Todos eles oferecem roupa de cama, banheiros com chuveiro de água quente (aquecimento por serpentina de fogão à lenha, eletricidade ou energia solar), bem como acesso à cozinha equipada e churrasqueira.

Figura 15 - Quarto de casal no Pouso dos Paula, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Sob os aspectos relacionais, ao pagar pela hospedagem, o turista se exime de quaisquer obrigações para com seu anfitrião, ao menos que ela esteja anteriormente estipulada ou mesmo relacionada ao pagamento dos serviços. Dessa forma, é possível compreender que grande parte dos hóspedes deseja o mínimo

possível de controle por parte dos anfitriões. O que eles desejam é uma relação em que seja favorável as suas demandas, as quais os anfitriões podem exercer poucas interferências quando dentro do domínio do local cedido temporariamente aos seus hóspedes. Em compensação, as regras de convivência ficam mais explícitas quanto aos aspectos proibitivos, como não fumar dentro dos meios de hospedagem, a manutenção da limpeza e organização das cozinhas (ver figura 16), copas e banheiros compartilhados, além da separação do lixo reciclável dos demais.

Figura 16 - "Sujou, lavou": regras explícitas no Refúgio Canto de Pedra, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

A transação monetária exige o hóspede em retribuir a hospitalidade comprada, salvo exceções em que os anfitriões são convidados pelos hóspedes a serem recebidos em suas residências. Tal inversão de papéis raramente ocorre, pois, como a maioria dos hóspedes das pousadas vem do Rio de Janeiro, os anfitriões já possuem suas redes de contato na capital fluminense, o que de certa forma influencia na não requisição do convite feito muitas vezes por praxe.

#### 4.2.7 A alimentação comercial

A fim de proporcionar recomposição biofísica aos turistas, empreendedores de Nova Friburgo lançam mão de suas habilidades culinárias para ofertar alimentos e bebidas, fenômeno esse não evidenciado em Carmo. Ao redor da Tere-Fri é constante a presença de restaurantes, bares, lanchonetes e mercados. Em Campo do Coelho, a maioria dos empreendimentos que oferecem alimentação, sobretudo os dispostos à beira da estrada, surgiram pela demanda que os viajantes imputaram quando em trajeto entre Nova Friburgo e Teresópolis. Em seguida, alguns se mantiveram, inclusive se lançaram na diversificação dos serviços, para atender a população local; e outros fizeram o caminho inverso, visto que funcionavam para a população de Campo do Coelho e devido ao fluxo turístico na localidade se adaptaram para ofertar alimentação e bebidas aos visitantes.

No CTTF, os empreendimentos que se dedicam especialmente à alimentação ficam no município de Teresópolis (CIRCUITO TURÍSTICO TERÊ FRI, 2012), fora do universo empírico anteriormente analisado. Muito embora, outros empreendimentos que se dedicam às atividades de compras, acabam por oferecer alimentação aos seus hóspedes, como é o caso do Apiário Amigos da Terra e da Queijaria e Chocolataria Suíça de Nova Friburgo.

O apiário, além da produção apícola cujo mel, própolis e derivados abastecem o mercado consumidor fluminense, comercializa seus produtos numa loja própria. Ali, os funcionários do estabelecimento, além de participarem na confecção da produção dos derivados apícolas, cuja matéria-prima vem de produtores locais, responsabilizam-se juntamente com os gestores de atenderem os visitantes. O local não oferece refeições, apesar de comercializar alimentos como mel, pães de mel, entre outros. Salvo exceções, quando o empreendimento recebe grupos de crianças e adolescentes para turismo pedagógico (relatar-se-á mais adiante) e acorda-se entre os responsáveis pelos serviços de entretenimento do apiário (Museu do Mel) a oferta de alimentação para esses turistas.

A alimentação é preparada pelas funcionárias do local, composta por arroz, feijão, salada, batatas fritas, estrogonofe de frango, bife de carne bovina, sobremesa e refrigerante. O mel não compõe a oferta alimentar aos turistas pedagógicos quando em refeição no apiário. A mesma lógica de múltiplas funções é válida para o

momento em que se oferta alimentação aos turistas pedagógicos, haja visto que os funcionários da linha de produção e os gestores que não são responsáveis pelo preparo da alimentação, estão em prontidão para servir os pratos e bebidas, bem como organizar o espaço e mantê-lo limpo.

Outro empreendimento híbrido integrante do CTTF é a Queijaria Suíça de Nova Friburgo (FRIALP) e Chocolataria Escola, a qual surgiu como uma parceria entre o governo suíço e a prefeitura de Nova Friburgo ainda na década de 1980. Parte integrante do Instituto Fribourg Nova Friburgo – Casa Suíça (ver figura 17), o objetivo da parceria é estreitar os laços culturais entre os suíços e seus descendentes brasileiros, além de propiciar o intercâmbio tecnológico com o fomento da produção leiteira (bovina e caprina) na região e seus derivados. Assim, muitos turistas frequentam o empreendimento com a finalidade de degustar queijos, requeijões, chocolates e outros produtos comercializados ali; bem como estudantes que vêm de diversas partes do Brasil para os cursos de instrução para confecção de queijos e chocolates. Internamente, há um restaurante que privilegia os queijos em seus pratos, bem como chocolates em suas sobremesas.

Figura 17 - Instituto Fribourg Nova Friburgo, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Uma das façanhas gastronômicas da FRIALP foi criar o primeiro queijo brasileiro de casca lavada, o Moleson (ver figura 18), nome em homenagem a uma montanha do cantão suíço de Fribourg, local de onde partiram os primeiros colonos suíços que habitaram em Nova Friburgo. Segundo a FRIALP, o Moleson é a mistura da tecnologia suíça adaptada ao paladar brasileiro, cuja casca lavada consiste em aplicar sobre o queijo uma bactéria láctea (*linens*) que visa a criação de uma casca fina que o protege do aparecimento de bolores e trincas. O Moleson pode ser encontrado tanto elaborado a partir do leite de vaca, como a partir do leite de cabra.

Figura 18 - Queijo Moleson, derivado de leite de vaca, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Dessa forma, é possível verificar que empreendimentos turísticos tendem a ser multifuncionais a fim de contemplar a demanda das mais variadas necessidades humanas. Isso também foi detectado no CTP, onde os refúgios e pousadas se dedicam a oferta de alimentação que é remunerada à parte da diária. O café da manhã custa em torno de R\$ 10,00 por pessoa e inclui leite, café, pão, queijos, schimirra (variedade de coalhada feita de leite de vaca com sal) e frutas. É também possível solicitar outras refeições (almoço e jantar) cujo preço oscila entre R\$ 10,00 a R\$ 20,00. A depender do refúgio, o hóspede que solicita uma refeição encontra uma variedade de estilos gastronômicos, visto que muitos dos empreendedores seguem filosofias alimentares como o veganismo e o vegetarianismo. Estar num refúgio ou pousada não impede que o turista se alimente em outro empreendimento, pois o ambiente não é de concorrência, mas de cooperação. Entretanto, na maioria dos empreendimentos que oferecem alimentação, o preparo da refeição é acordado entre hóspedes e anfitriões cujos pratos são majoritariamente saladas, sopas, caldos e pratos com baixas calorias e presença de carnes. Outro aspecto relativo à alimentação é a difusão dos rodízios de pizzas entre os donos dos refúgios, os quais

dispõem de forno à lenha (ver figura 19), a organizá-los com o intuito de oferecer uma opção de refeição no horário noturno, além de ser um momento de confraternização entre a comunidade local e os turistas que prestigiam o momento.

Figura 19 - Forno à lenha do Refúgio das Águas, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Os donos dos refúgios revelam que se ocupar com o preparo de refeições, por mais que traga lucratividade aos mesmos, acaba por sobrecarregá-los e tal tarefa começa a competir com demais atividades que já são desenvolvidas pelos anfitriões. No CTP, o turismo, mesmo quando atividade principal dessas famílias que vivem no espaço rural, não se restringe aos serviços de hospedagem, visto que muitos deles são guias de turismo, montanhistas, guias de parque. Assim, os donos de refúgios indicam tanto os serviços de refeições congeladas realizada por uma das integrantes do circuito que ainda não finalizou a construção de seu refúgio; quanto à Trutaria Arco Íris e o restaurante Lua Cheia (ver figura 20) que também fazem parte do circuito.

Figura 20 - Restaurante Lua Cheia, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Nova Friburgo é a maior produtora de trutas no Rio de Janeiro. Tal fato se deve às condições climáticas favoráveis à truticultura. A Trutaria Arco Íris recebe esse nome em homenagem à truta arco-íris (*Oncorhynchus mykiss*), originária da América do Norte. Além de produzir trutas para abastecer o mercado fluminense, a Trutaria Arco Íris também oferece pratos à base do peixe com acompanhamentos diversos, cujo valor da refeição está em torno de R\$ 25,00 por pessoa.

Recentemente inaugurado, o restaurante Lua Cheia se dedica em oferecer pratos da gastronomia local adaptados ao público. O local é uma adaptação de um antigo curral existente à beira de uma das estradas do PETP. O carro chefe do restaurante são as carnes com destaque ao contrafilé e ao frango, sempre acompanhados por arroz, feijão, salada e uma farofa que é típica da região. Há também a oferta de carne suína cozida e conservada em banha que antes de ser servida é frita. O Lua Cheia também oferece pães e patês como entrada. Por fim se oferece sobremesa, que geralmente podem ser doces de compota caseiros ou

morangos (Nova Friburgo é o maior produtor estadual) com chantili e cafezinho. O restaurante funciona geralmente nos fins de semana como uma espécie de bar, visto que inexistente um local para se tomar bebidas e apreciar tira gostos como os salgadinhos feitos à base de aipim que são muito presentes na culinária local. O Refúgio das Águas iniciou recentemente a produção de cerveja artesanal, cuja garrafa de 600 ml custa R\$ 10,00 cada.

Todos os empreendimentos que lidam com a alimentação têm suas cozinhas abertas aos turistas. O ambiente é de intensa interação, pois não se restringe o acesso ao ambiente onde se preparam as refeições. Tanto as cozinhas, como as copas são os locais onde ocorrem as confraternizações, troca-se receitas e informações, experimentam-se novos sabores, aprendem-se novas técnicas culinárias, criam-se laços e redes de sociabilidade.

#### **4.2.8 O entretenimento comercial**

Uma das estratégias que os empreendedores do turismo no espaço rural em Nova Friburgo utilizam para atrair turistas são eventos. Muitos deles têm objetos específicos para comemoração. No CTTF, os empreendedores do Apiário da Terra tiveram a ideia de construir um museu com a finalidade de expor de forma lúdica e pedagógica a vida das abelhas. Dessa forma, por iniciativa do sucesso da produção apícola, surgiu nas margens da Tere - Fri o Museu do Mel, o único do Brasil. A função principal do Museu do Mel (ver figura 21) é ser um atrativo para o desenvolvimento do turismo rural pedagógico (ver KLEIN, 2012), cujo público é composto principalmente por crianças e adolescentes em fase escolar.

Figura 21 - Sala de exposição do Museu do Mel, Nova Friburgo (RJ), 2012.



Fonte: do autor, 2012.

Além de receber informações teóricas sobre a vida das abelhas, os turistas têm a oportunidade de realizar a Oficina do Mel, a qual consiste numa atividade prática onde as pessoas se vestem com os equipamentos de proteção para lidar com as abelhas, coletam os favos nas caixas apícolas e levam-nos para a sala de extração. Segundo os anfitriões responsáveis pelo local, a atividade em questão é a principal preferência entre os hóspedes que interagem com os diversos atrativos que o Apiário Amigos da Terra oferece, visto que como são em sua totalidade crianças de origem urbana, a maioria desconhece as práticas apícolas e gostam de ao menos um dia ter a experiência de ser apicultores.

Ainda no CTTF, a Casa Suíça apresenta uma diversidade de atrativos turísticos que tem a finalidade de entreter os visitantes que ali passam. O Memorial do Colonizador é um espaço dedicado à memória da colonização helvética no Brasil, que dispõe de diversos materiais em seu acervo em permanente exposição, como as bagagens, vestimentas, utensílios, entre outros artefatos trazidos pelos primeiros suíços que vieram para viver em Nova Friburgo. O local apresenta dispositivos multimídias que divulgam a adaptação e miscigenação dos helvéticos à estrutura social, cultural e múltipla do Brasil. Por parte dos anfitriões (gestores), há uma

constante preocupação em trazer elementos de outras culturas que vieram a somar para a formação não só do povo friburguense, mas de toda a Região Centro-Norte fluminense.

O local ainda conta com uma loja que vende lembranças (suvenires) que aludem à construção de um sentimento de pertença étnica helvética onde há canivetes, blusas, livros, entre outros produtos suíços. Outro ponto que chama atenção é o Museu de Taxidermia que possui mais de 200 animais empalhados, todos oriundos da Mata Atlântica, cujos anfitriões afirmam ser o primeiro na modalidade particular em nosso País. Segundo os mesmos, a intenção vai além da promoção da arte, visto que tem proposta de demonstrar a diversidade da fauna local, onde muitos dos exemplares já não são tão fáceis de serem vistos como na época da ocupação suíça.

Por conta da iniciativa local dos moradores e empreendedores do PETP, diversos eventos são desenvolvidos com a finalidade de celebrar tradições e culturas locais, como também promover os esportes de montanha. Sobre esse último ponto, diversos encontros de excursionistas, bem como campeonatos de escaladas em blocos de pedra (*bolders*) são realizados com a finalidade de atrair turistas que já possuem experiência com os esportes de montanha, além de angariar o público interessado em tal.

Muitos dos neorrurais que hoje vivem e se dedicam ao turismo na localidade perceberam que algumas tradições dos primeiros agricultores e pecuaristas na região estavam por se extinguir, como é o caso do mineiro pau<sup>30</sup>, uma dança típica difundida pelo interior fluminense. Dessa forma, com o consentimento e envolvimento da comunidade agrícola de Salinas, os empreendedores turísticos realizaram não apenas festas que celebrassem o mineiro pau (ver figura 22), como também avançaram na questão com os músicos da região que se dedicam à sanfona, a realizar periodicamente o Encontro de Sanfoneiros. Nesses eventos, além de trazerem pessoas de diversas partes do interior do Rio de Janeiro, muitos turistas e visitantes aproveitam para celebrar e usufruir os serviços turísticos que o CTPP dispõe à clientela. Vale lembrar que a reivindicação feita pelos entrevistados

---

<sup>30</sup> Dança de conjunto executada por homens, cada um deles levando um ou dois bastões de madeira, desenvolvida em círculo ou em fileiras que se defrontam. Os dançarinos, voltados de frente para seus pares, realizam uma coreografia totalmente marcada pelas batidas dos bastões no chão. O acompanhamento musical é feito com sanfona de oito baixos, bumbo, caixa, triângulo, chocalho, pandeiro (CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2008).

mais idosos em Carmo acerca do desaparecimento de diversas manifestações culturais que haviam no passado encontra em Nova Friburgo, muito pela interação entre neorrurais e os já estabelecidos, uma estratégia que é subsidiada pela atividade turística para a perpetuação das práticas culturais regionais.

Figura 22 - Mineiro pau em festa junina, Nova Friburgo (RJ), 2010.



Fonte: SOARES, 2010.

Outras festividades têm sido desenvolvidas em diversos empreendimentos, os quais têm temáticas diversas, bem como a forma de organizar. A festa junina, por exemplo, tem a organização de empreendedores do CTTT que cobram uma taxa aos moradores locais que podem colocar suas barracas com comidas típicas, bebidas e artesanato local. A taxa cobrada aos interessados para colocar seus pontos de venda temporários é revertida à manutenção das estruturas de apoio aos visitantes que prestigiam o evento. Dessa forma, prioriza-se a limpeza dos sanitários, bem como a compra de papel higiênico, detergentes, além da contratação de pessoas responsáveis pela animação, como os sanfoneiros, DJs e demais atrações que podem ser requisitadas. De tal forma, também ocorrera a Festa da Broa que celebra um dos pratos mais característicos da culinária fluminense.

O fato dos neorrurais ainda guardarem seus hábitos culturais de origem urbana permite a inserção de eventos que não seriam possíveis sem a iniciativa dos mesmos, como é o caso do Dia das Bruxas (*Halloween*), Encontro de Cervejeiros Artesanais e o Salinas *Rock Festival*. Assim, muitos dos momentos de entretenimento comercial são permeados pela profusão entre os elementos culturais urbanos e rurais cuja territorialização no espaço rural de Nova Friburgo traz novas experiências aos convidados, os quais estão mais propensos à assimilação dessas práticas culturais híbridas.

### **4.3 O que motiva o fenômeno da hospitalidade?**

Ao analisar a realidade na Serra Fluminense se pode constatar diversidade do fenômeno da hospitalidade *in loco*. Receber, alimentar, hospedar e entreter pessoas que não fazem parte da família nuclear são hábitos tão comuns nas vidas dessas famílias, bem como nas demais por todo o globo terrestre, que na maioria das vezes passam despercebidos pelo olhar crítico da academia. Há a reciprocidade entre as forças de produção e as práticas da hospitalidade, pois da mesma forma que receber, alimentar, hospedar e entreter demandam alimentos, vestuários, artigos decorativos, instrumentos musicais, estruturas edificadas, estradas, meios de transportes, entre outros; tais produtos, bem como a conjuntura econômica, política, ambiental e social determinam como ocorrem as práticas da hospitalidade.

Ater-se às questões referentes às motivações que propiciam a prática da hospitalidade doméstica, fica evidente que os mesmos valores morais evidenciados como características do que as famílias rurais serranas compreendem enquanto conceito de hospitalidade são os elementos que motivam as ações de receber, alimentar, hospedar e entreter seus hóspedes. Tais elementos, inclusive, moldam a hospitabilidade dessas famílias.

Além disso, os pertencentes aos círculos sociais dessas famílias rurais têm como forma de manutenção dos seus laços afetivos dentro da hospitalidade doméstica. Assim, através das práticas de hospitalidade as famílias rurais têm a possibilidade de rever seus parentes e amigos dos CSED e CSEI, a aplacar a saudade, bem como trocar informações que interferem na reprodução social de hóspedes e anfitriões. As novidades e notícias que chegam pela presença dos

hóspedes agem como força na vida dessas famílias rurais que acessam um mundo de informações previamente decifradas pelos seus familiares e amigos de longa data. Da mesma forma, os momentos dedicados à concessão de hospitalidade são tempos em que as famílias praticam a culinária, as artes, entre outros aspectos referentes à cultura.

As constantes chuvas de verão que afetam a região estão entre outras causas que motivam a hospitalidade na região, pois entre as famílias da Região Serrana do Rio de Janeiro já se tornou comum conviver com as constantes enchentes e deslizamentos de terras devido às fortes chuvas que ocorrem entre os meses do verão no hemisfério Sul. Dessa forma, como famílias e amigos dos CSPD e CSPI estão à mercê da ingerência pública quanto às questões políticas que evitem perdas humanas, bem como mitiguem os impactos que a ação humana causa ao meio ambiente, contar e oferecer acolhida é necessário entre as famílias serranas fluminenses para a reprodução das mesmas. Além disso, é uma alternativa às políticas públicas que oferecem espaços como escolas, ginásios para acolhimento dessas famílias quando sofrem com perdas materiais ou estão em áreas de risco. Tal fato pode inclusive se desdobrar como objeto para pesquisas futuras.

As chuvas torrenciais que aterrorizam os moradores da Serra Fluminense também impactam o setor turístico da região. O temor causado pela possibilidade de deslizamentos, bem como a interrupção do tráfego nas estradas, além do próprio senso de desaproveitamento do tempo livre por conta das chuvas são indicativos suficientes para que diversos potenciais turistas se desloquem para outras regiões que apresentem infraestrutura mais segura para o bem estar de suas famílias ao usufruto do lazer turístico.

Quanto às questões referentes à hospitalidade comercial, os entrevistados revelaram que a dedicação em comercializar serviços de hospitalidade não partiu previamente à chegada dos visitantes. Segundo as famílias de Nova Friburgo, o comércio da hospitalidade resultou da presença desses visitantes motivados por interesses ligados aos esportes de montanha, à contemplação da paisagem, bem como a disposição de sentir uma variação térmica mais fria e aconchegante num ambiente envolto pela presença das atividades primárias exercidas por famílias que se encontram ali por quase dois séculos. Com essas informações, é possível compreender como as atividades produtivas atingem as práticas de hospitalidade, visto que não houve uma intenção prévia para receber, alimentar, hospedar e

entreter esses visitantes, os quais simplesmente apareceram e demandaram tais ações.

Após a presença constante dos visitantes, as famílias entrevistadas de Nova Friburgo que em sua maioria se estabeleceram nas áreas rurais do município, depois de deixarem as cidades, atentaram-se para a possibilidade de auferir receita e iniciaram a comercialização de serviços de hospitalidade. Um dos motivos que podem sinalizar que majoritariamente as famílias tidas como neorrurais tenham se dedicado antecipadamente como anfitriãs comerciais foi o fato de terem em alguma relação antecipada com a atividade turística, visto que em um momento anterior eles foram os visitantes no local. Além disso, muitos dos atuais empreendedores turísticos rurais já presenciaram os aspectos do turismo nas suas localidades de origem, principalmente no Rio de Janeiro, portal do turismo brasileiro.

Outros motivos específicos foram preponderantes para que pessoas se lançassem no comércio de serviços de hospedagem é que ao contrário da atividade agropecuária e silvícola, que exige aptidão física plena, pelo menos em teoria, no turismo as atividades desempenhadas são menos exaustivas. Logo, pessoas que apresentam restrições quanto ao esforço físico encontram no turismo uma ocupação digna ao sustento familiar. Além disso, empreender no turismo pode ser a concretização de um sonho próprio ou de alguém que já não pode mais concretizá-lo, mas deixou tal plano como objetivo àqueles que ainda podem fazê-lo. Vale lembrar que a própria presença dos familiares e amigos que apreciam as localidades serranas motivam as famílias rurais que passam a verificar sua cultura e seu espaço como um local legítimo para a prática turística, cujas informações trazidas por essas pessoas fomentam um sonho em empreender no turismo.

Houve também aqueles que expuseram os motivos que não os levam a “abrir suas porteiras”. O medo que as mídias veiculam nos noticiários televisivos e impressos, bem como os digitais têm certa influência quanto ao aproveitamento das práticas de hospitalidade presentes no espaço rural fluminense com fins comerciais. A constante ameaça de um perigo eminente que dificilmente se materializa ronda o imaginário das famílias serranas que temem a vinda de possíveis criminosos para realizar malfeitorias em suas terras e vidas. Já outros revelam que possuem medo em se lançar no comércio dos serviços de hospitalidade porque desconhecem o funcionamento do mercado turístico, além de sentirem falta de assistência técnica para lançarem nesta atividade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio dos instrumentais metodológicos selecionados pode-se alcançar o objetivo de descrever os hábitos de hospitalidade nos domínios comercial e doméstico. Ao trazer alguns pormenores sobre as práticas da hospitalidade no recorte espacial escolhido, o resultado também funciona como uma espécie de constatação de práticas culturais que se sucedem no interior do Rio de Janeiro. Dessa forma, pelo viés da hospitalidade foi possível compreender alguns elementos culturais desses grupos humanos fluminenses.

A hospitalidade é um fenômeno que faz parte do cotidiano das famílias rurais e se manifesta de diversas maneiras. No recorte espacial em questão, principalmente os domínios doméstico ou privado e comercial receberam mais atenção enquanto objetos de análise, embora possa ser possível encontrar elementos que aludem aos domínios social e virtual de tal forma que se deixam espaços abertos para pesquisas posteriores. Entretanto, acredito que ao menos com essa obra a hospitalidade já possa desfrutar de um espaço em disputa para a formulação de problemáticas para estudos em desenvolvimento rural e sua consequente inserção enquanto melhoria da qualidade de vida de populações rurais.

O recorte espacial escolhido para a pesquisa não foi selecionado ao acaso. Ao levar em conta que foi a Serra Fluminense o primeiro território passivo de divisão em pequenas parcelas e sua consequente doação a súditos recentemente incorporados ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves para o desenvolvimento da agricultura voltada ao abastecimento interno, faz com que emerja a necessidade de análises sobre como desencadeamentos diversos impactaram a forma de relacionar dessas famílias para como o mundo. Os imigrantes suíços que vieram para o Brasil no início do século XIX foram os primeiros a receberem das autoridades reais a chancela para praticar uma agricultura que teria como força de produção a mão de obra familiar. Apesar dos percalços, muitos dos descendentes desses suíços que se tornaram brasileiros ao serem recebidos por autoridades governamentais da época permanecem na Serra Fluminense a desempenhar atividades diversas, bem como outras famílias de variadas origens que contribuem para a pluralidade cultural do Rio de Janeiro.

De fato, chama atenção que mesmo na conjuntura socioeconômica fluminense onde a agropecuária não desponta mais como um dos principais setores

produtivos, na Serra Fluminense encontra-se o maior polo agrícola estadual imerso a um dos principais destinos turísticos nacionais. No caso fluminense, as famílias rurais já não acessam o mercado somente através das atividades agrícolas, sendo as atividades não agrícolas (dentre elas o turismo) as responsáveis pelo seu crescimento populacional. Assim, verifica-se e credita-se à hospitalidade uma das vias para se alcançar o desenvolvimento rural ali, a estabelecer de fato que o rural não é apenas agrícola pois se assim o fosse ao menos o rural fluminense estaria fadado ao fim.

As evidências do fenômeno da hospitalidade comercial na região chamam a atenção para a existência de um avanço na teoria da hospitalidade. No caso em questão, constatar que a comercialização da hospitalidade no espaço rural está baseada numa técnica de domínio familiar. Há de se ressaltar que o ambiente e os espaços físicos onde se sucedem as práticas de hospedagem comercial são os mesmos espaços da rotina familiar dos anfitriões. Dessa forma, é possível se falar de uma *hospitalidade híbrida*, cuja base técnica é fruto do aprendizado cotidiano das famílias rurais, sendo que a prática comercial e o pagamento dos serviços de recepção, alimentação, entretenimento e hospedagem não finalizam as expectativas na relação hóspede-anfitrião. Essa hospedagem hibridizada pelas instâncias domésticas e pela inserção mercadológica de seus serviços é um atrativo turístico prezado por segmentos de turistas que valorizam a perspectiva familiar dos anfitriões.

Inicialmente reconhecer os avanços nos estudos turísticos e como eles podem contribuir para a formatação de análises interdisciplinares sobre o desenvolvimento rural, visto que por mais que o turismo no espaço rural seja tido como uma estratégia para famílias rurais contemplarem suas receitas, outras disciplinas não têm se atentado para o fenômeno da hospitalidade com a devida importância que o tema merece. As práticas de hospitalidades baseadas no receber, alimentar, hospedar e entreter dizem muito sobre a cultura das famílias rurais, logo são referenciais culturais que estabelecem a identidade de grupos humanos.

Ao analisar as motivações que impelem essas famílias rurais às práticas da hospitalidade, foi necessário compreender outros fenômenos que emergem em suas narrativas. Enquanto estratégia ao desenvolvimento rural sob o paradigma capitalista, a hospitalidade é um recurso fundamental que possibilita a criação de um mercado turístico rural baseado em transformar a gastronomia local, as paisagens, o

manejo agropastoril, as danças, as festas, enfim, a cultura em atrativos turísticos sustentados pela ruralidade. A hospitalidade é a técnica, recurso interno que permite o desenvolvimento turístico. Inclusive, no caso fluminense pode auxiliar os momentos de lazer de pessoas de diferentes origens geográficas, a fim de que esses reconheçam a história agrária local e como a Serra Fluminense contribuiu para a construção do Brasil.

Vale salientar que o conseqüente pioneirismo na implantação da agricultura com mão de obra familiar na Serra Fluminense, bem como a importância da cafeicultura para o povoamento da região são marcas indeléveis na cultura local. Tais traços somados com a pluralidade étnica e sua miscigenação, o senso de brasilidade, a paisagem, o clima, são fatores que contribuem para mostrar que o Rio de Janeiro não se resume apenas à capital e seu entorno. O “outro lado” do Rio tem suas particularidades culturais que estão em plena construção com demais signos culturais dispostos não apenas no Sudeste brasileiro, mas como um mundo que cada vez mais é acessível pelas tecnologias da informação que contribuem para a formação da identidade fluminense.

O papel da mulher no processo de consolidação das práticas de hospitalidade é outro elemento que se constatou na Serra Fluminense. A educação informal é a principal responsável pela perpetuação dos hábitos referentes à recepção, alimentação, hospedagem e entretenimento que são aprendidos através da oralidade e da prática desempenhada por mulheres principalmente. Isso deixa como fato que se a hospitalidade se constituir como ferramenta ao desenvolvimento rural, serão as mulheres as detentoras e promotoras desse saber fazer.

Chama atenção que muitas das famílias rurais não vislumbram a atividade turística enquanto alternativa para sua subsistência, mesmo quando essas famílias recebem visitantes. Ou seja, suas propriedades não compõem a oferta turística comercial da Serra Fluminense, embora isso não as impeça de cumprir uma função turística, pois não as isenta de dispensar hospitalidade aos seus próximos como parentes e amigos que vivem em outras localidades. Como revelado pelas próprias famílias, a inexistência de assistência técnica presente a todo tempo para auxiliar empreitada dificultam as iniciativas das famílias que ainda não comercializam serviços de hospitalidade, mas demonstram inclinação. Há também temores quanto ao papel do poder público nas funções que podem auxiliar as famílias que desejam empreender no turismo, mas ficam receosas quanto à infraestrutura das localidades

que carecem de serviços básicos como boas estradas, hospitais, bons sistemas de comunicação, entre outros. Assim, as diversas esferas do poder público devem rever suas atribuições para com o desenvolvimento do turismo integrado às demais realidades do espaço rural fluminense.

Numa outra perspectiva, a hospitalidade pode inclusive denotar o desenvolvimento na perspectiva de poder exercer o direito de ir e vir, além de que dificilmente uma família que não esteja com suas necessidades básicas contempladas poderia receber satisfatoriamente seus hóspedes. Ou seja, para dar recepção, alimentação, hospedagem e entretenimento, a família anfitriã deve ao menos satisfazer tais necessidades de seus integrantes, por mais que tal condição não seja uma premissa. Ao constatar algumas condições em que a hospitalidade acontece na Serra Fluminense, há de se levar em consideração que no período chuvoso, quando as estradas são interrompidas, o abastecimento das cidades fica comprometido e imperará o sentimento de compaixão para com o próximo quando os alimentos e as casas são compartilhados com aqueles que mais precisam. Com base nessas mostras, conclui-se que a hospitalidade também assume um caráter social e humano voltado à perpetuação da humanidade.

Através da concessão da hospitalidade e sua relação com a regra da reciprocidade, tanto famílias rurais que se dedicam ao comércio de serviços aos visitantes, quanto àquelas que não o fazem, conseguem tornar-se turistas. Seja ao auferir renda com o turismo e daí conseguir arcar com os gastos de viagens; seja ao “inverter os papéis” quando após for anfitriões de seus amigos e parentes que moram em outras localidades, são acolhidos por esses em suas residências. Destarte, as famílias rurais usufruem de lazer turístico através dos funcionamentos senianos, quando o conjunto de intitamentos é utilizado para se alcançar a prática de viagens com fins de lazer. Tal fato acaba por trazer à tona que as famílias rurais não apenas desempenham o papel de anfitriãs, mas também são hóspedes em determinadas circunstâncias de suas vidas o que acaba por abrir outra perspectiva de estudos que relacionam as diversas práticas de lazer dessas famílias.

Reconheço que o estudo abre outros caminhos para a análise da hospitalidade e seu relacionamento com o desenvolvimento. A presente obra pretendeu iniciar um diálogo entre as temáticas, a ressaltar as distinções teóricas e práticas da hospitalidade e o turismo nos fatos evidenciados na Serra Fluminense. Acredito que, conforme estudos desse caráter forem elaborados em outros recortes

espaciais, novas perspectivas surgirão e “características mínimas” poderão fortalecer os pilares do conhecimento em hospitalidade.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

BARROS, Geraldo Sant'Ana de Camargo et al. **Dimensionamento do PIB do agronegócio do estado do Rio de Janeiro – Valores de 2008**. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; Universidade de São Paulo, 2012.

BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

**BÍBLIA SAGRADA**. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BOTELHO, Eloise Silveira. **Conflitos na gestão de parques: o caso do conselho no Parque Estadual dos Três Picos (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) Instituto de Psicologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2007**. São Paulo: FIPE, 2009. Disponível em: <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda\\_turistica/domestica/downloads\\_domestica/Relatxrio\\_Executivo\\_Tur\\_Dom\\_2007.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/domestica/downloads_domestica/Relatxrio_Executivo_Tur_Dom_2007.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 7.655 de 23 de dezembro de 2011**. Dispõe sobre o valor do salário mínimo e sua política de valorização a longo prazo. Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-014/2011/Decreto/D7655.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-014/2011/Decreto/D7655.htm)>. Acesso em: 26 out. 2012.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011. p. 13-30.

CALS, Joan; CAPELLÀ, Joseph; VAQUÉ, Empar. **El turismo en el desarrollo rural en España**. Madrid: Ministerio de Agricultura, 2005.

CARNEIRO, Maria José Teixeira. Ruralidade: novas identidades em construção. In: **Estudos de sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2010.

CARNEIRO, Maria José Teixeira; MALUF, Renato S. (Org.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

CARNEIRO, Maria José Teixeira; TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Para além das ruralidades: o rural não agrícola no estado do Rio de Janeiro. In: CARNEIRO, Maria

José Teixeira (Org.). **Ruralidades contemporâneas**: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2012. p. 51-66.

COLÉGIO ESTADUAL AGRÍCOLA REI ALBERTO I. **Sobre mim**. Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.blogger.com/profile/00278085225448124991>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular - Mineiro-pau**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 2008. Disponível em: <<http://www.cnfcp.com.br/tesouro/00001635.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET-RJ). **Graduação**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://cefet-rj.br/unidades-de-ensino/nova-friburgo.html>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 2000.

CIRCUITO TURÍSTICO TERE FRI. **Estabelecimentos comerciais**. Nova Friburgo, 2012. Disponível em: <<http://www.circuitoterefri.com.br/listar.php?tipo=3>>. Acesso em: 27 out. 2012.

COLLADO, José Marcos. **Glosario de turismo y hostelería**. Orellana la Vieja, 2010. Disponível em: <<http://www.poraqui.net/diccionario/index.php/term/Glosario+de+turismo+y+hosteler%C3%ADa,short+break.xhtml>>. Acesso em: 26 out. 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

D'ONOFRE, Dan Gabriel; MAIA, Renée Louise Gisele Silva. Pacotes turísticos ao meio rural fluminense sob a perspectiva dos turistas. In: BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo**: experiências, tendências e inovações. Brasília: Ministério do Turismo, 2010, p. 97-116.

D'ONOFRE, Dan Gabriel. A ferrovia que constitui um destino turístico no século XIX: a estrada de ferro Leopoldina e Nova Friburgo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO FERROVIÁRIA, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Centro Universitário Metodista Bennett, 2010a.

D'ONOFRE, Dan Gabriel. **Uma análise da situação do turismo rural nos distritos de Lumiar e São Pedro da Serra em Nova Friburgo (RJ)**. Monografia de conclusão de curso de bacharelado em Turismo. UNIRIO, Escola de Turismologia. Rio de Janeiro, 2010b.

DENKCER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo, SP: Futura, 2000.

DIAS, Célia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. p. 97-130.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAETEC-RJ). **Vagas no CVT Nova Friburgo**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.faetec.rj.gov.br/faetecdigital/index.php/37-cvt-friburgo>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

FERREIRA, Pedro. Arrasada, Além Paraíba sofre com nova ameaça de enchente. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 11 de janeiro de 2012. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/01/11/interna\\_gerais,271692/arrasada-alem-paraiba-sofre-com-nova-ameaca-de-enchente.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/01/11/interna_gerais,271692/arrasada-alem-paraiba-sofre-com-nova-ameaca-de-enchente.shtml)>. Acesso em: 17 out. 2012.

FIRJAN. **Índice FIRJAN de desenvolvimento municipal – ano base de 2009**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/IFDM/>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Divisão regional brasileira**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/brasil/divisao-regional-brasileira.htm>>. Acesso em: 18 out. 2012.

FREITAS E SOUZA, Rafael. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: a Mina da Passagem de Mariana (1863 – 1927)**. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GRAZIANO DA SILVA, José; VILARINHO, Carlyle; DALE, Paul J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio et al. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 15-62.

GRINOVER, Lúcio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. p. 25-38.

HECHT, Joseph. **A imigração suíça no Brasil 1819 -1823**: descrita por um participante. Nova Friburgo: Missão Primícia, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de orçamentos familiares - 2002/2003**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Meios de hospedagem no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades – 2007**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>> . Acesso em: 26 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. **Censo agropecuário de 2006**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico de 2000**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Banco de dados agregados – Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Histórico**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

KLEIN, Angela Luciane. **Turismo rural pedagógico e a função educativa das propriedades rurais: uma análise a partir do roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre – RS e do Projeto Viva Ciranda, Joinville – SC**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Faculdade de Ciências Econômicas; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e a serra**. Rio de Janeiro: Divisão Cultural, 1963.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. Barueri: Manole, 2003. p. 1-24.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO; Alexandre. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

LOPES, Nei. **Jongo do irmão café**. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/nei-lobes/jongo-do-irmao-cafe.html>> . Acesso em: 04 out. 2012.

MACHADO, Afrânio Gismonti. **Reminiscências de Carmo**. Além Paraíba: Casa Cruzeiro, 1999.

MACIEL, Mauro. Histórico do CEB. **Centro excursionista brasileiro**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.ceb.org.br/site/?page\\_id=88](http://www.ceb.org.br/site/?page_id=88)>. Acesso em: 24 out. 2012.

MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo. A agricultura familiar, pluralidade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 18 -19, jan./dez., 2006.

MARAFON, Glaucio José; SILVA, Eduardo Sol Oliveira da. A Agricultura Familiar no estado do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2., 2007, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Implications of the UN/WTO tourism definitions for the U. S. tourism statistical system**. 1994. Madrid: OMT, 2006.

PAINO, André. Sapucaia: moradores que se abrigaram em Fusca para fugir de enchente são enterrados. **R7**. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/sapucaia-moradores-que-se-abrigaram-em-fusca-para-fugir-de-enchente-sao-enterrados-20120112.html>>. Acesso em: 16 out. 2012.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia no turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PELLOSO, Angelo. **Carmo: no ano do centenário da matriz**. Teresópolis: Gráfica Imperatriz, 1977.

PEREIRA, José Luiz de Góes. **Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2004.

POLMAN, Nico et al. Nested markets with common pool resources in multifunctional agriculture. **Rivista di Economia Agraria**, Roma, v. 65, n. 2, giugno 2010.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998.

RANDOLPH, Rainer et al. O movimento pendular entre a metrópole do RJ e municípios de sua área peri-metropolitana em 2000. In: RANDOLPH, Rainer;

SOUTHERN, B. **Expansão metropolitana e transformação das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina**. São Paulo: Max Limonad, 2011. p. 303-321.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Os centros urbanos nas redes de localidades centrais: o norte fluminense em questão. In: SANTOS, M. M. S. P. et al. **Rio de Janeiro: um olhar socioespacial**. Rio de Janeiro: Gramma, 2010. p. 243-257.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2009.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Turismo. **Projetos**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp>>. Acesso em: 28 out. 2011.

\_\_\_\_\_. Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro. **Projeto contas regionais do Brasil: Produto interno bruto – PIB do estado do Rio de Janeiro – 2008**. Rio de Janeiro: CIDE, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 9-24.

ROLIM, Gilson Rangel. A “fluminensidade” novamente em pauta: RJ – Identidade em questão. **Literatura – Vivência**. Niterói, 2012. Disponível em: <<http://literaturavivencia.blogspot.com.br/2012/04/fluminensidade-novamente-em-pauta.html>>. Acesso em: 30 out. 2012.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 101-116.

SABOURIN, E. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. In: **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, maio/ago. 2011.

SCHIAVO, Sylvia França. **Sendas de transição: descendentes de suíços em Nova Friburgo – RJ**. Niterói: EDUFF, 1997.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. Barueri: Manole, 2004. p. 25-52.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, Anita. **Mineiro pau**. Nova Friburgo, 2010. Disponível em: <<http://circuitotrespicos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

TEIXEIRA, Vanessa Lopes. **Pluriatividade e agricultura familiar na região serrana do estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais

em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 1998.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitalidade”. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. Barueri: Manole, 2004. p. 53-78.

TEMPLE, Dominique; CHABAL, Mireille. **La reciprocité ou la naissance des valeurs humaines**. Paris: L’Harmattan, 1995.

TUCKER, Hazel. The host-guest relationship and its implications in rural tourism. In: HALL, Derek et al.. **New directions in rural tourism**. Aldershot: Ashgate, 2003.

TULIK, Olga. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Org.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. p. 2-22.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE. Programa de pós-graduação em biociências e biotecnologia. **Campos dos Goytacazes**. Disponível em:  
<[http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CBB/PosBiociencia/?&modelo=1&cod\\_pag=2282&tabela=&np=Hist%F3ria+da+Cidade&nc=Campos+dos+Goytacazes&buscaEdicao=&grupo=PGBB&p=>](http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CBB/PosBiociencia/?&modelo=1&cod_pag=2282&tabela=&np=Hist%F3ria+da+Cidade&nc=Campos+dos+Goytacazes&buscaEdicao=&grupo=PGBB&p=>)>. Acesso em: 18 out. 2012.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe et al.. Rural development: from practices and policies toward theory. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v.40, n. 4, Oct, 2000.

VIEIRA, W. **Apogeu e decadência da cafeicultura fluminense (1860 – 1930)**. Campinas, SP: (s.n.), 2000. Dissertação (Mestrado em História Econômica) Instituto de Economia; Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

**Conte-me um pouco sobre sua história** (diga seu nome, idade, local de nascimento e profissão. Extrair o máximo de informação dos entrevistados)

### **Perguntas relacionadas ao entreter**

- O que é um evento/festa? Quando elas geralmente ocorrem?
- Há algum tipo de entretenimento que é ofertado aos seus hóspedes?
- Como se sucedem as festas em sua propriedade?
- Quem são seus convidados? Como os convida?
- O que costuma a animar suas festas? Por acaso possui fotos e/ou vídeos que eu poderia ver?

### **Perguntas relacionadas ao receber e hospedar**

- Quem costuma a ficar hospedado em sua casa?
- O que se oferece para o visitante em termos de hospedagem?
- Quais são os espaços que essa pessoa ocupa quando está aqui?
- Quais são as preocupações em termos de oferecer silêncio, a questão dos horários, da segurança e a atenção dada aos hóspedes quando alojados em sua propriedade/empreendimento?
- São realizadas atividades na propriedade rural e como estão apresentadas para os visitantes? Que cuidados são tomados?
- De que atividades os turistas e/ou hóspedes mais apreciam na sua propriedade/empreendimento?
- Como os hóspedes são recebidos em suas propriedades/empreendimentos turísticos? Quem geralmente os recebe?
- Existe um sistema de reservas antecipadas para o recebimento dos hóspedes? Quem realiza o contato com os mesmos?
- Existe algum tipo de treinamento para o recebimento dos hóspedes no seu empreendimento/propriedade rural?

### **Perguntas sobre o alimentar**

- São servidas refeições aos hóspedes? Quem realiza esta atividade?

- O que você serve aos seus convidados?
- Quem costuma vir almoçar/jantar/lanchar?
- As comidas e bebidas que são servidos são as mesmas que a senhor (a) consome durante o dia-a-dia? São caseiras ou seguem algum padrão da região?
- Os hóspedes podem ter acesso ao local de preparo das refeições?
- Os produtos utilizados nas refeições vêm do próprio empreendimento/propriedade rural? Se existirem alimentos comprados, o que representam em termos de quantidade e qualidade?
- Você adquire produtos dos seus vizinhos/moradores da localidade quando os mesmos não podem ser produzidos na propriedade?
- É perguntado ao hóspede se existe necessidade de algum alimento de dieta especial?
- Existe um horário fixo para servir as refeições aos hóspedes? Como estes ficam sabendo do horário?
- Por acaso possui um livro de receitas? Poderia ter acesso?
- Por acaso houve algum tipo de treinamento para o preparo da alimentação servida?

### **Perguntas finais**

- O que entende por hospitalidade?
- O que entende por turismo?
- Já pensou em (quais motivos levaram a) trabalhar nessa atividade? Por quê?

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Projeto de pesquisa:** A hospitalidade da família rural na Região Serrana do Rio de Janeiro: o olhar do anfitrião.

**Equipe de pesquisa:** Dan Gabriel D’Onofre Andrade Silva Cordeiro<sup>31</sup> (Pesquisador discente)  
Prof. Dr. Marcelino de Souza<sup>32</sup> (Pesquisador responsável)

**Instituição de origem:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sr(a). Participante,

Com esse projeto de pesquisa, pretende-se conhecer a hospitalidade da família rural na Região Serrana do Rio de Janeiro. Assim, conto com sua participação para responder algumas perguntas que serão gravadas em áudio e/ou vídeo com seu consentimento. Informamos que após a transcrição das fitas, essas poderão ser utilizadas para a confecção de um vídeo que poderá ser veiculado no meio acadêmico. A sua participação é livre e se mudar de ideia pode desistir a qualquer momento, mesmo sem ter respondido todas ou algumas perguntas. O teor das informações que constarão na comunicação deverá ter sua validação. Além disso, todas as observações obtidas serão utilizadas somente para fins científicos e de acordo com os objetivos desse projeto.

A pesquisa tem procedência acadêmica e destina-se a elaboração de trabalho de conclusão de curso de mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação do Professor Doutor Marcelino de Souza. Entre os benefícios do estudo, visualiza-se que os resultados possam se constituir em subsídios para se conhecer a cultura rural do estado do Rio de Janeiro.

Colocamo-nos disponíveis para os esclarecimentos que forem necessários, por isso no final dessa folha há os contatos. Garantimos aos participantes o acesso aos resultados do estudo. Reforçamos que as informações obtidas por meio das entrevistas não terão nenhum tipo de implicação legal ou trabalhista que possa lhe trazer prejuízos.

---

Dan Gabriel D’Onofre Andrade Silva Cordeiro  
Pesquisador e entrevistador

De acordo, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Participante

Observação: esse termo deve ser assinado em duas vias, de igual teor, sendo que um ficará em posse do pesquisador e outra em posse do(a) participante.

---

<sup>31</sup> Mestrando em Desenvolvimento Rural e turismólogo. Telefone: 021 2419 4525. E-mail: dan\_n\_3@hotmail.com

<sup>32</sup> Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Telefone: 051 3308 3281. E-mail: marcelino.souza@uol.com.br